

**ECONOMIA,  
QUALIFICAÇÃO  
E ENSINO SUPERIOR  
COMO MOTORES  
DE TRANSFORMAÇÃO  
E RESILIÊNCIA REGIONAL**

**UALG  
HORIZONTE  
2030**

[www.ualg.pt](http://www.ualg.pt)

*Fotografia de capa: Obra de Arte,  
**Bordalo II - Big trash collection**  
**Street art -Hippocampus** - Inserido  
no itinerário que liga a UAlg à costa  
através da Ria Formosa pela  
conservação do cavalo-marinho*



<https://www.ualg.pt/ualg-hippocampus>

# **ECONOMIA, QUALIFICAÇÃO E ENSINO SUPERIOR COMO MOTORES DE TRANSFORMAÇÃO E RESILIÊNCIA REGIONAL**

**UALG  
HORIZONTE  
2030**

|                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução Geral .....                                                                                                      | 5  |
| 1. Dinamismo Empresarial .....                                                                                              | 8  |
| 2. Estrutura Produtiva e Criação de Valor .....                                                                             | 18 |
| 3. Capital Humano, Demografia e Competitividade Territorial (Qualificação, Investigação e Inovação) .....                   | 28 |
| 4. Projeções (cenários) .....                                                                                               | 53 |
| Caminhos Futuros para Resiliência e Sustentabilidade com base no Diagnostico Economia, Qualificação e Ensino Superior ..... | 60 |
| <i>Abordagem Metodológica -Resumo</i> .....                                                                                 | 67 |



## Introdução Geral

O presente documento apresenta um diagnóstico quantitativo da economia, da qualificação, do ensino superior e do sistema de Investigação e Inovação (I&I) do Algarve, baseado num conjunto selecionado de indicadores económicos, empresariais, científicos, tecnológicos e formativos. O seu propósito é duplo: caracterizar o posicionamento estrutural da região face ao contexto nacional e fundamental, com base em evidência empírica, a relevância dos investimentos em ensino superior, investigação e inovação como fatores determinantes para a transformação económica, social e territorial do Algarve, alargando o impacto da Universidade do Algarve no espaço europeu e internacional.

A análise organiza-se em três dimensões complementares. A primeira, “Dinamismo Empresarial”, examina o comportamento do tecido empresarial algarvio: a criação e dissolução de empresas, a sua densidade e intensidade, a distribuição por dimensão e o peso da indústria transformadora. A segunda, intitulada “Estrutura Económica e Criação de Valor”, centra-se na forma como a economia regional gera riqueza, nomeadamente através de indicadores como o produto interno bruto, o valor acrescentado, o investimento, a balança comercial de bens e o posicionamento da região nos setores de maior conteúdo tecnológico e científico. A terceira, “Capital Humano e Competitividade”, analisa o mercado de trabalho, os níveis de qualificação, os rendimentos, a estrutura demográfica e os fluxos migratórios, investimento em I&D, revelando as condições humanas que sustentam, ou limitam, a transformação socioeconómica da região. Os três eixos convergem, no capítulo final, para uma visão integrada de desenvolvimento regional, demonstrando como os investimentos estruturantes da Universidade do Algarve constituem uma condição necessária para reforçar a qualificação avançada, a inovação e a competitividade do Algarve até ao horizonte 2030-40.

O trabalho adota uma abordagem integrada que combina diagnóstico quantitativo e prospetiva estratégica, inspirada na perspetiva de Godet (2000), segundo a qual a prospetiva não procura prever o futuro, mas explorar trajetórias possíveis de desenvolvimento para apoiar a tomada de decisão estratégica. O período de análise compreende a última década, em especial os anos de 2013 a 2023, mas que se estende nalguns casos a 2025. A comparação sistemática entre o Algarve e o conjunto do país constitui o principal referencial analítico, permitindo caracterizar o desempenho regional, identificar diferenças estruturais e analisar a evolução dos respetivos padrões de convergência ou divergência. O diagnóstico quantitativo constitui, assim, a base empírica para a construção de cenários alternativos de evolução da região até 2030-40. Estes horizontes temporais correspondem a momentos decisivos de concretização e maturação dos investimentos estratégicos previstos para a Universidade do Algarve e para o ecossistema regional de investigação e inovação, incluindo a modernização de infraestruturas, a transformação digital e o desenvolvimento de novos polos e campi especializados no território.

Neste enquadramento são considerados dois cenários de referência. O **Cenário 1 – Manutenção da trajetória atual do desenvolvimento do Ensino Superior no Algarve** admite a manutenção das tendências observadas nos últimos anos. Neste contexto, a economia regional continua fortemente dependente dos setores tradicionais, mantendo uma reduzida diversificação produtiva, níveis moderados de qualificação da população e uma limitada capacidade de investigação, inovação e transferência de conhecimento. A interação entre ensino superior, empresas e sociedade permanece relativamente dispersa, traduzindo-se numa capacidade reduzida de retenção e atração de talento e numa evolução mais lenta da produtividade e da competitividade regional. O **Cenário 2 – Mais investimento na qualificação e investigação / Inovação Territorial** pressupõe um reforço significativo do papel do ensino superior como motor de desenvolvimento territorial. Este cenário contempla a expansão da capacidade formativa da Universidade do Algarve, estimando-se um acréscimo superior a 2.000 estudantes até 2030, associado ao desenvolvimento de novos campi e polos especializados, designadamente nas áreas da Saúde e do Barlavento. Simultaneamente, prevê-se o reforço dos CTeSP, licenciaturas, mestrados e doutoramentos de orientação profissional focados para a inovação e para a articulação com o tecido produtivo regional.

Neste cenário, a Universidade do Algarve afirma-se como uma plataforma de coprodução de conhecimento, promovendo a colaboração entre académicos, empresas, administração pública e sociedade civil. O crescimento económico deixa assim de depender apenas da acumulação de capital humano, passando a resultar crescentemente da capacidade de transformar conhecimento em inovação, valor económico e impacto social. Esta dinâmica contribui para a diversificação da base económica regional, o reforço da competitividade, a criação de emprego qualificado e o aumento da resiliência do Algarve perante os desafios económicos, tecnológicos, sociais e ambientais das próximas décadas.

Os dados provêm maioritariamente da base PORDATA, do Instituto Nacional de Estatística (INE), da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC), Direção de Serviços de Estatísticas da Ciência e Tecnologia e da Sociedade de Informação (DSECTSI) recorrendo-se ainda a dados da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA) para os indicadores de população estrangeira residente.

A leitura dos indicadores deve ser enquadrada por dois eventos sistémicos que condicionam, de forma transversal, a evolução da década analisada. O ponto de partida, 2013, coincide com o momento de maior contração da economia portuguesa, no contexto do programa de ajustamento financeiro e das políticas de austeridade que lhe estiveram associadas. Os valores registados nesse ano refletem os efeitos acumulados da crise iniciada em 2008: elevada taxa de desemprego, rendimentos estagnados, investimento reduzido e atividade empresarial fortemente comprimida. A trajetória de recuperação que se seguiu, a partir de 2014-2015, prolongou-se de forma relativamente consistente até 2019, criando, pese embora a sua expressão positiva nos indicadores, a ilusão de uma convergência sustentada, que o segundo evento, pandemia COVID, viria a contestar de forma inequívoca.

No Algarve, o impacto foi particularmente severo devido à elevada dependência do turismo e da mobilidade internacional, expondo de forma clara as vulnerabilidades associadas a um modelo de crescimento excessivamente concentrado em setores específicos. Embora a recuperação subsequente tenha sido rápida e expressiva, esta reproduziu em larga medida os padrões de especialização já existentes, reforçando a necessidade de uma estratégia de transformação

económica baseada na qualificação, na inovação e na diversificação das atividades geradoras de valor acrescentado.

Paralelamente, o Algarve enfrenta desafios associados ao ordenamento do território, à disponibilidade de recursos naturais, à habitação e às alterações climáticas. Neste contexto, a valorização da economia do mar, da biotecnologia azul, dos recursos marinhos, da aquacultura sustentável e das atividades associadas à saúde, ao bem-estar e à longevidade constitui uma oportunidade estratégica para promover um modelo de desenvolvimento mais sustentável e diversificado. A afirmação do Algarve como um território de referência na interseção entre sustentabilidade, inovação azul, saúde planetária e os princípios das *Blue Zones*, associados a estilos de vida saudáveis, reforça igualmente o seu potencial de diferenciação e projeção internacional. A concretização desta visão depende fortemente da capacidade regional de gerar, atrair e reter conhecimento, sendo a Universidade do Algarve uma infraestrutura estratégica pela sua capacidade de formação profissional e avançada, investigação e inovação.

Portugal encontra-se igualmente num processo de transição das políticas centradas exclusivamente na Investigação e Desenvolvimento (I&D) para abordagens mais integradas de Investigação e Inovação (I&I), criando uma oportunidade para reforçar o papel dos territórios na produção e valorização do conhecimento. Neste contexto, o Algarve poderá potenciar a sua competitividade através do reforço da qualificação avançada, da coprodução de conhecimento e da articulação entre ensino superior, empresas e sociedade, contribuindo simultaneamente para o desenvolvimento económico, a coesão social e a sustentabilidade regional.

O Algarve concilia forte dinamismo económico e crescente diversidade demográfica com persistentes fragilidades educativas, torna-se fundamental reforçar os mecanismos de sucesso, integração e permanência no ensino superior, prevenindo o abandono académico e promovendo a qualificação avançada dos jovens da região, portugueses e estrangeiros, num quadro em que o capital educativo das famílias continua a desempenhar um papel determinante nos percursos escolares e profissionais.

## 1. Dinamismo Empresarial

O Algarve constitui uma região com características estruturais próprias, fortemente marcada pela especialização no setor do turismo e dos serviços, elevada atratividade territorial e significativa capacidade de captação de população ativa e estrangeira. Estas especificidades influenciam diretamente a sua dinâmica económica e demográfica, conferindo-lhe um perfil distinto quando comparado com o total nacional.

### Proporção de nascimentos de empresas não financeiras

A proporção de nascimentos de empresas não financeiras corresponde à percentagem de novas empresas constituídas num determinado período em relação ao total de empresas não financeiras ativas na economia. Este indicador mede o dinamismo empresarial e o nível de empreendedorismo, excluindo atividades do setor financeiro, como bancos e seguradoras. Valores mais elevados indicam maior criação de empresas e renovação do tecido económico. Neste contexto, entre 2013 e 2023, a evolução da proporção de nascimentos de empresas não financeiras no total de empresas evidencia diferenças entre Portugal e o Algarve, destacando-se a maior volatilidade da região algarvia face a um padrão nacional mais estável. Em Portugal, observa-se uma trajetória relativamente estável ao longo do período, enquanto o Algarve apresenta um comportamento mais instável, com oscilações mais acentuadas, entre um máximo de cerca de 20% em 2015 e um mínimo de 12% em 2020, e uma recuperação mais expressiva no período pós-2020 (Figura 1).

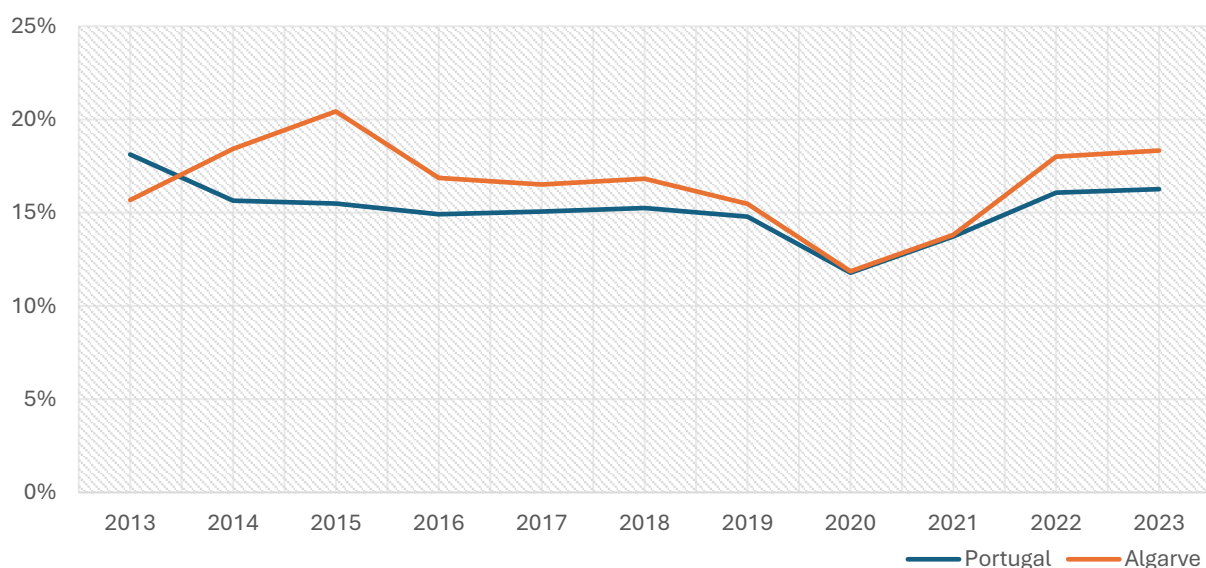


**Figura 1: Evolução do Rácio Número de Nascimentos de Empresas Não Financeiras/Total Empresas Não Financeiras** Fonte: PORDATA (2026)

## Rácio entre empresas constituídas e dissolvidas

Esta volatilidade é igualmente confirmada pela análise do rácio entre empresas constituídas e dissolvidas, que, apesar de se manter sempre acima de 1, apresenta no Algarve uma amplitude de variação mais elevada (entre cerca de 1,07 e 1,66) do que a nível nacional, sugerindo um padrão mais cíclico e dependente das condições económicas (Figura 2).

O rácio entre empresas constituídas e dissolvidas mede a relação entre o número de novas empresas constituídas e o número de empresas encerradas num determinado período. Este indicador permite avaliar o dinamismo e a renovação do tecido empresarial: valores superiores a 1 indicam que estão a ser constituídas mais empresas do que as que desaparecem (expansão do tecido empresarial), enquanto valores inferiores a 1 sugerem um declínio do número de empresas ativas (contração).

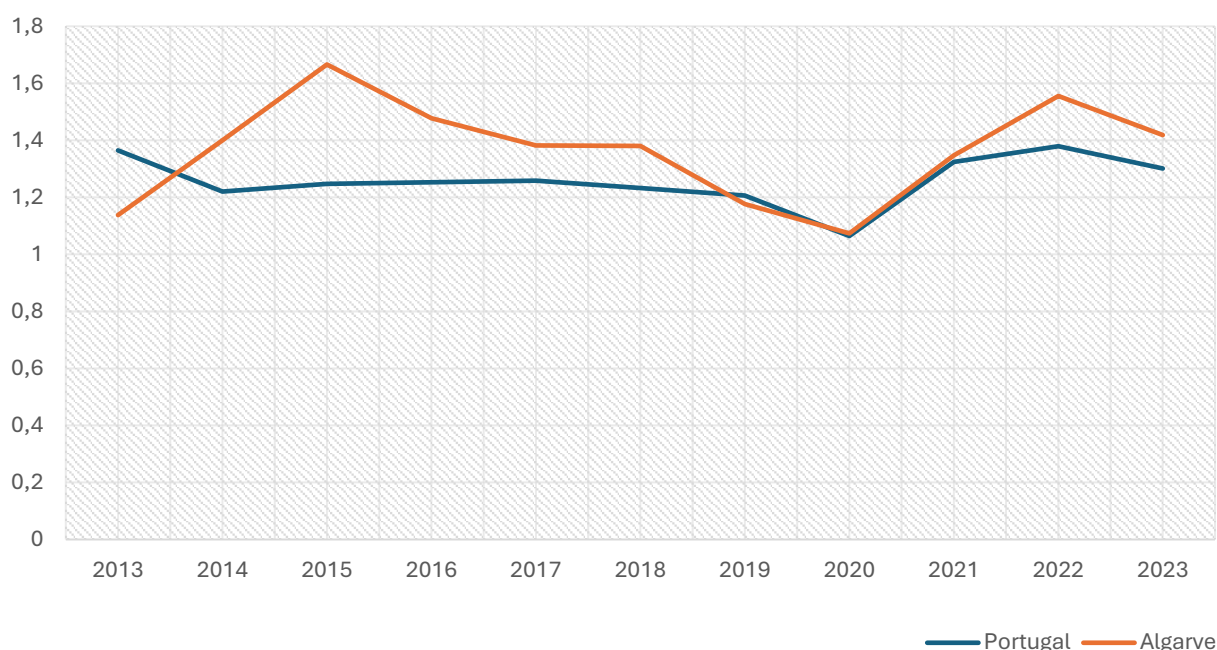


**Figura 2: Evolução do Rácio entre Empresas Não Financeiras Constituídas e Empresas Dissolvidas** Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA (2026)

Em termos globais, o Algarve combina maior dinamismo económico com uma elevada sensibilidade aos ciclos económicos. Esta articulação reforça o papel do turismo e dos serviços como motores estruturantes da região, mas também como fonte de maior exposição a variações conjunturais.

## Intensidade Empresarial (Número de Empresas Não Financeiras por 100 Habitantes)

Este indicador mede a relação entre o número de empresas e a população, funcionando como um sinal do dinamismo empreendedor e da capacidade da economia para criar e manter novos negócios ao longo do tempo. Um aumento deste indicador sugere um contexto mais favorável ao

empreendedorismo, enquanto valores inferiores à média nacional podem indicar dificuldades na atração e retenção de novas empresas.

Os dados apresentados na Figura 3 mostram que, entre 2013 e 2023, se observa uma trajetória de crescimento consistente, tanto em Portugal como no Algarve, ainda que com intensidades distintas. Em termos de crescimento global, Portugal passa de 10,5 para 14,3 empresas por mil habitantes, o que representa um aumento de cerca de 36% ao longo do período. Já o Algarve evolui de 12,1 para 19,5, correspondendo a um crescimento bastante mais expressivo, na ordem dos 61%, evidenciando um dinamismo empreendedor significativamente superior na região.

Ao longo de todo o período, o Algarve apresenta valores sistematicamente acima da média nacional, sendo que a diferença tende a aumentar, sobretudo a partir de 2015, o que indica uma divergência positiva da região face ao país. Ambos os territórios registam uma quebra em 2020, refletindo os efeitos da pandemia, mas recuperam rapidamente. No caso do Algarve, essa recuperação é particularmente acentuada, com um forte crescimento entre 2021 e 2023, culminando no valor mais elevado da série (19,5).

Este desempenho pode ser explicado pela estrutura económica da região, marcada por uma elevada densidade empresarial associada à forte especialização no turismo, um setor caracterizado pela predominância de micro e pequenas empresas (ver Figura 3) e por uma estrutura produtiva fragmentada.

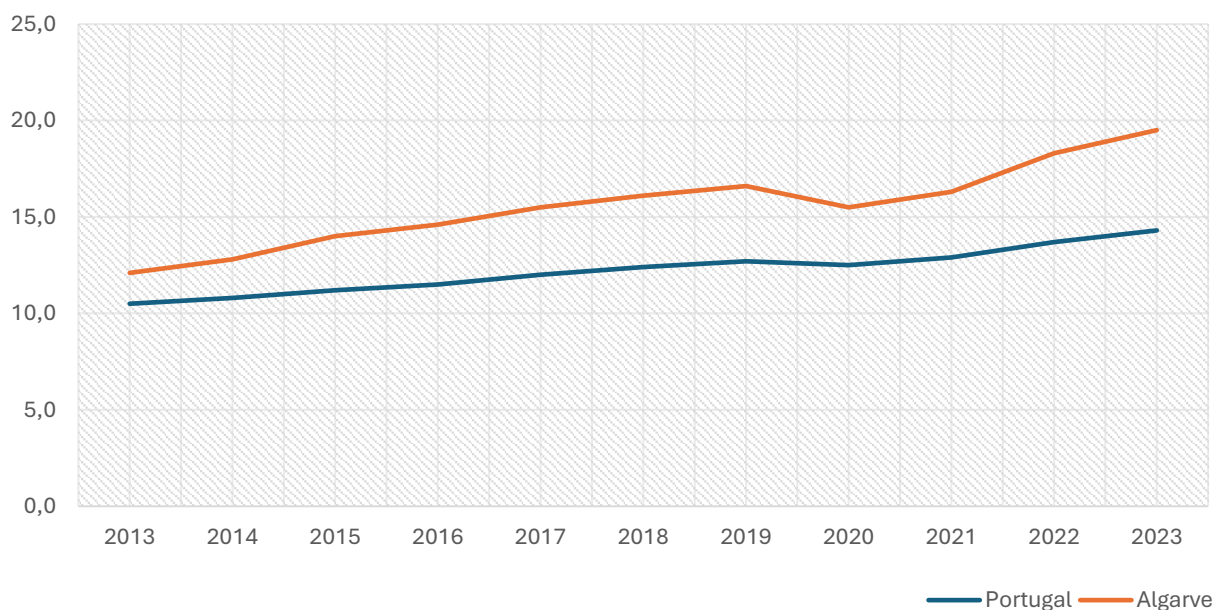


**Figura 3: Evolução da Intensidade Empresarial: Empresas Não Financeiras por 100 Habitantes** Fonte: PORDATA (2026)

### Densidade das Empresas Não Financeiras (Empresas/Km<sup>2</sup>)

Este indicador corresponde ao número de empresas não financeiras por km<sup>2</sup>, permitindo analisar a intensidade da atividade empresarial e o grau de ocupação do território. Uma maior

densidade empresarial tende a refletir um tecido económico mais dinâmico e com maior capacidade de criação e sustentabilidade de empresas.

Entre 2013 e 2023, a densidade empresarial aumentou de forma consistente tanto em Portugal como no Algarve, embora com dinâmicas distintas (Figura 4). Portugal registou um crescimento de cerca de 38% (de 11,9 para 16,4 empresas por km<sup>2</sup>), enquanto o Algarve apresentou um aumento mais expressivo, na ordem dos 72% (de 10,9 para 18,8).

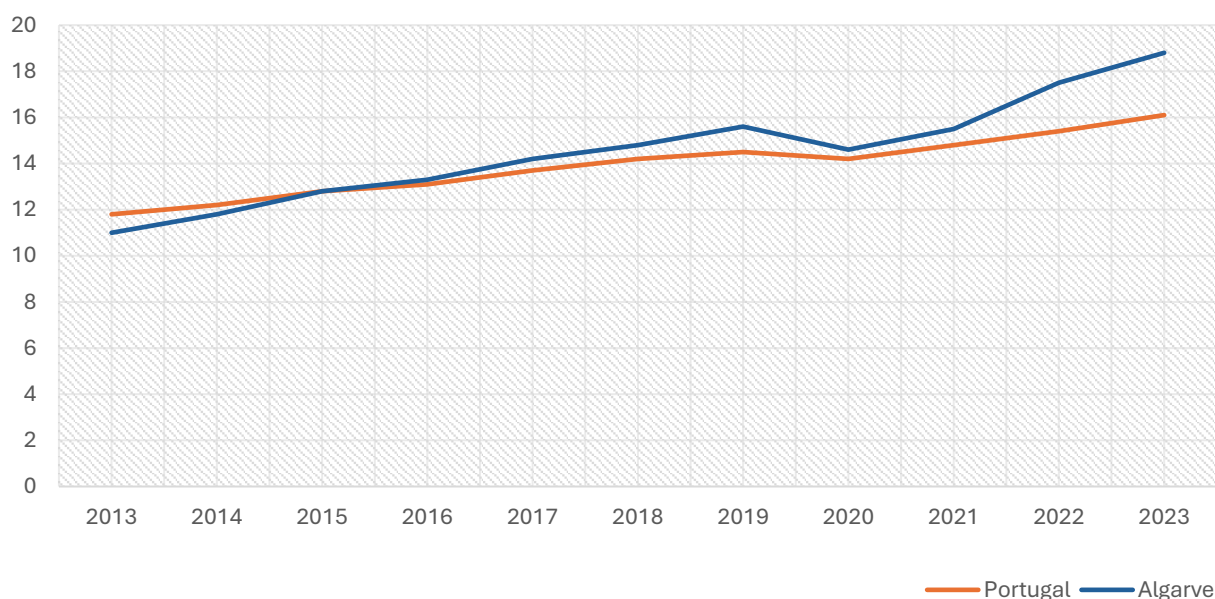


**Figura 4: Evolução da Densidade de Empresas Não Financeiras: Número Médio de Empresas Por Km<sup>2</sup>** Fonte: PORDATA (2026)

Ao longo do período, o Algarve passa de valores ligeiramente inferiores à média nacional para uma posição sistematicamente superior, com especial aceleração a partir de 2015. Ambos os territórios registam uma quebra em 2020 devido à pandemia, mas a recuperação é mais forte no Algarve, culminando num crescimento acentuado entre 2021 e 2023.

Este desempenho deve ser interpretado tendo em conta a estrutura territorial de Portugal, uma vez que a média nacional inclui regiões de muito baixa densidade populacional e empresarial, como o interior do país, o que tende a reduzir o valor médio nacional. Nesse sentido, parte da diferença observada entre o Algarve e Portugal resulta de um efeito de composição territorial. Por outro lado, o crescimento mais acentuado da região reflete também os fatores económicos estruturais anteriormente mencionados.

### Distribuição das Empresas por Dimensão

Este indicador permite avaliar o grau de concentração e maturidade do tecido empresarial numa determinada região ou país.

Os dados para 2023 confirmam que o tecido empresarial do Algarve é fortemente dominado por microempresas, que representam 97% do total, um valor ligeiramente superior ao observado em

Portugal (96%). Em contrapartida, a presença de pequenas e médias empresas é mais reduzida no Algarve, e as grandes empresas são praticamente inexistentes. Este padrão reforça a forte especialização da região em atividades de menor escala, associadas sobretudo ao setor do turismo e serviços, caracterizado por elevada fragmentação empresarial e reduzida concentração de grandes estruturas produtivas.

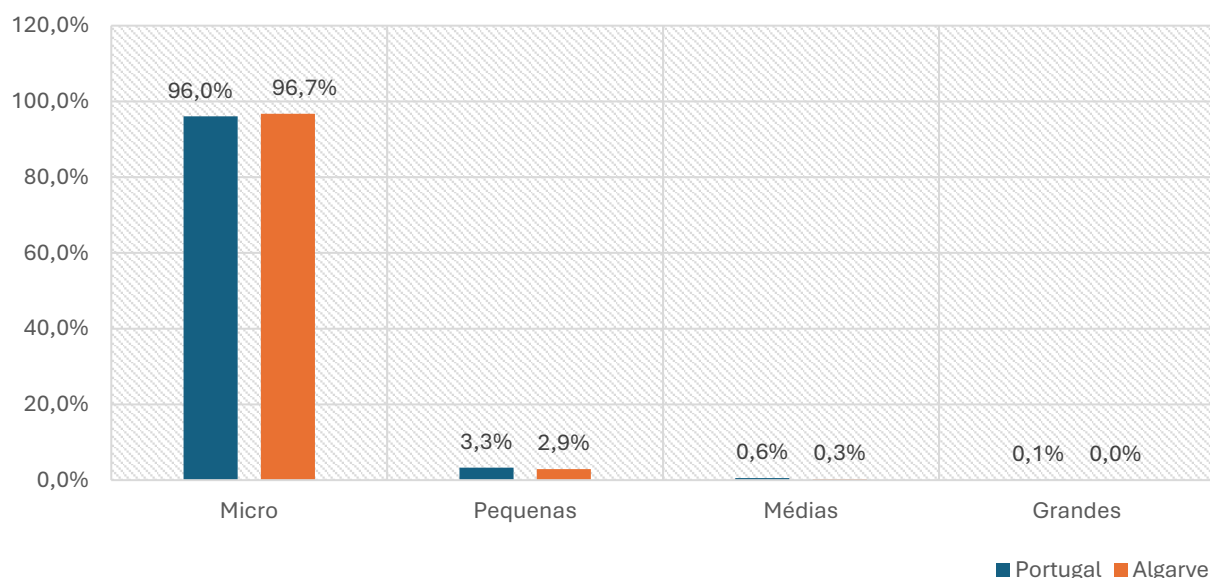


**Figura 5: Distribuição das Empresas por Dimensão (número de trabalhadores), 2023** Fonte: INE (2026)

A taxa de variação das PME e das grandes empresas mede o ritmo de crescimento destes segmentos, refletindo o dinamismo e a capacidade de expansão do tecido empresarial. Entre 2013 e 2023, o Algarve evidencia um comportamento mais dinâmico, mas também mais volátil, face a Portugal. No caso das PME, enquanto a nível nacional se observa um crescimento relativamente estável (por exemplo, 3,2% em 2021, 7,1% em 2022 e 5,1% em 2023), o Algarve apresenta taxas mais elevadas, como 5,5% em 2021, 13,2% em 2022 e 8,1% em 2023, mas também uma quebra mais acentuada em 2020 (-5,6%, face a -1,3% em Portugal).

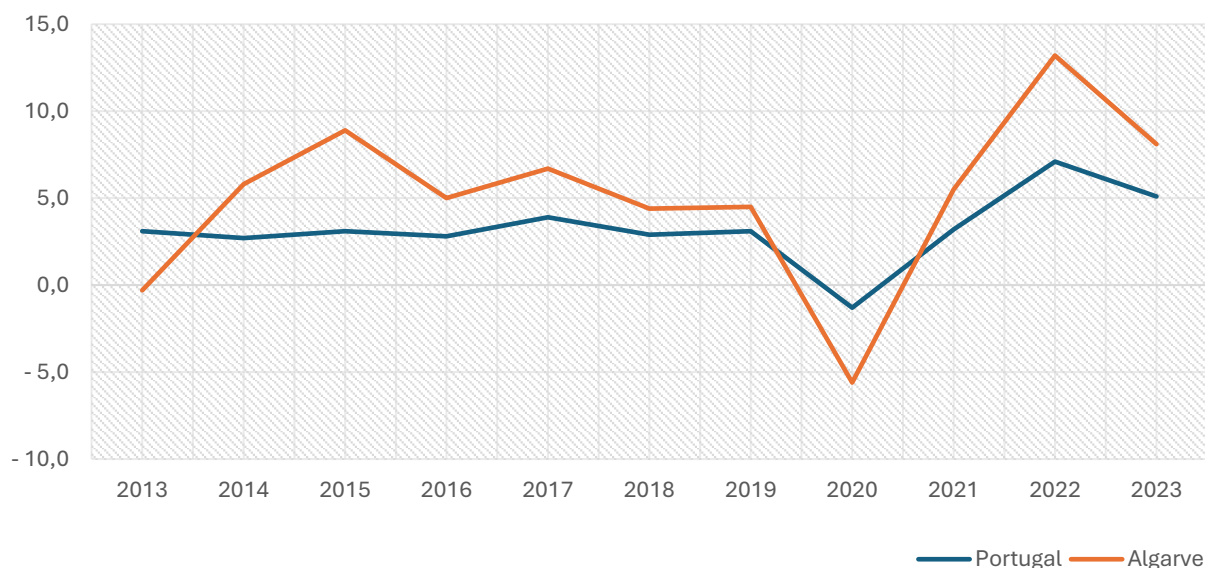


**Figura 6: Evolução do Número de PME (i.e., até 249 Trabalhadores): Taxa de Variação Anual** Fonte: PORDATA (2026)

No segmento das grandes empresas, esta volatilidade é ainda mais evidente no Algarve, em grande parte devido à reduzida base deste tipo de empresas. Destaca-se a forte contração em 2020 (-26,1%, comparada com -3,2% em Portugal), seguida de uma recuperação muito expressiva, com crescimentos de 11,8% em 2021, 15,8% em 2022 e 22,7% em 2023, valores que são claramente superiores aos nacionais (5,2%, 9,2% e 7,9%, respetivamente).

Em síntese, o Algarve combina taxas de crescimento mais elevadas com maior instabilidade, evidenciando um tecido empresarial mais dinâmico, mas também mais vulnerável a choques externos, em linha com a sua especialização económica.

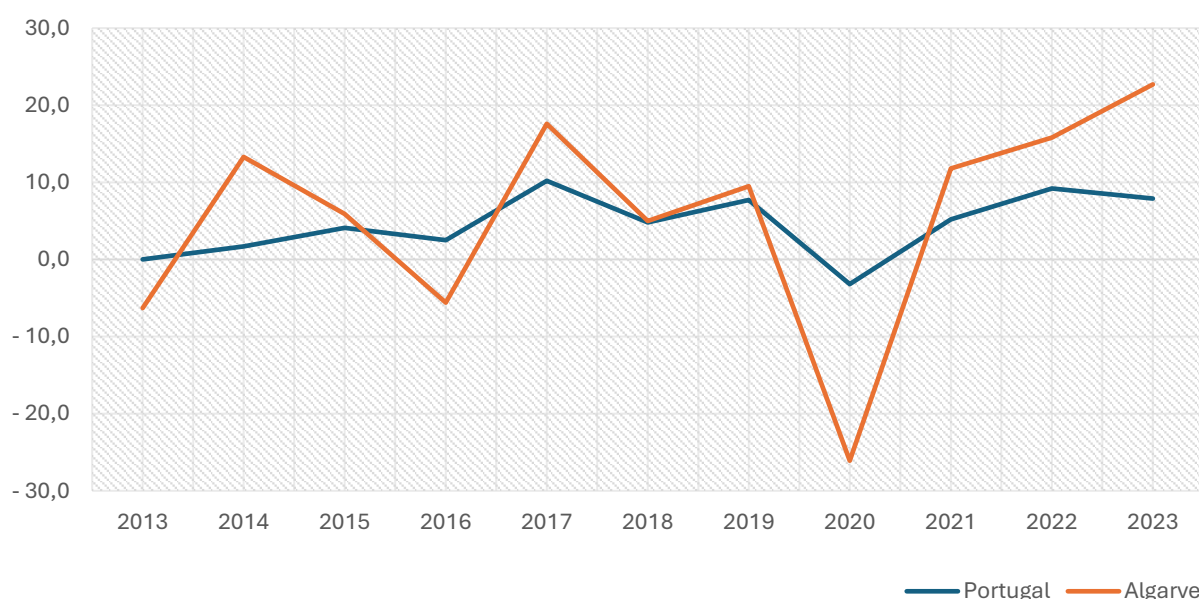


**Figura 7: Evolução do Número de Grandes Empresas (i.e., ≥250 trabalhadores): Taxa de Variação Anual** Fonte: PORDATA (2026)

## Criação de novas empresas

A evolução da criação de novas empresas no Algarve e em Portugal, entre 2013 e 2023 (Figura 8), revela o número de nascimentos reais de empresas não financeiras por ano civil, excluindo entradas resultantes de fusões, cisões ou reestruturações, sendo habitualmente interpretado como um proxy do dinamismo empresarial e da capacidade empreendedora de um território.

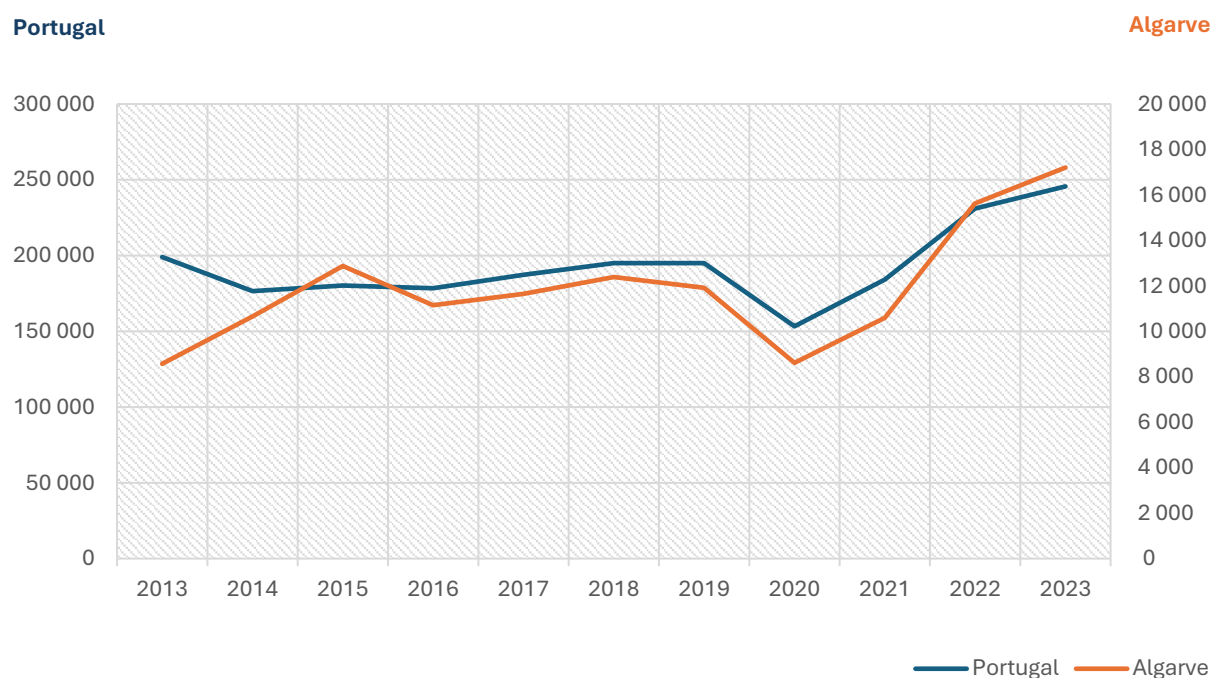


**Figura 8: Evolução da Constituição de Novas Sociedades (N.º)** Fonte: PORDATA (2026)

Ao longo do período analisado, a criação de novas empresas seguiu, em ambos os territórios, uma trajetória marcada por fases de expansão, contração e recuperação, com o Algarve a revelar uma amplitude de variação superior à média nacional. Em Portugal, os valores estabilizaram entre os 180.000 e os 195.000 nascimentos anuais entre 2015 e 2019, antes de registarem uma quebra de 21% em 2020 devido à pandemia, recuperando para máximos históricos em 2022 e 2023, com 231.065 e 245.607 novas empresas, respetivamente.

O Algarve apresentou maior volatilidade, com crescimento acentuado em 2014–2015, seguido de estabilização até 2019. Em 2020, a contração foi proporcionalmente mais severa do que a nacional, com uma queda de 28% face ao ano anterior, reflexo da maior exposição da economia regional ao turismo. A recuperação pós-pandémica conduziu a um máximo histórico de 17.203 nascimentos em 2023, crescimento que reflete sobretudo a retoma turística.

## Número de empresas constituídas vs. número de empresas dissolvidas

A Figura 9 apresenta o rácio entre o número de empresas nascidas e o número de empresas dissolvidas num dado ano. Um valor superior a 1 indica que foram constituídas mais empresas do que as que cessaram atividade, correspondendo a uma expansão líquida do tecido

empresarial e permitindo, por isso, avaliar a robustez do dinamismo empreendedor de cada território face à sua própria taxa de dissolução empresarial

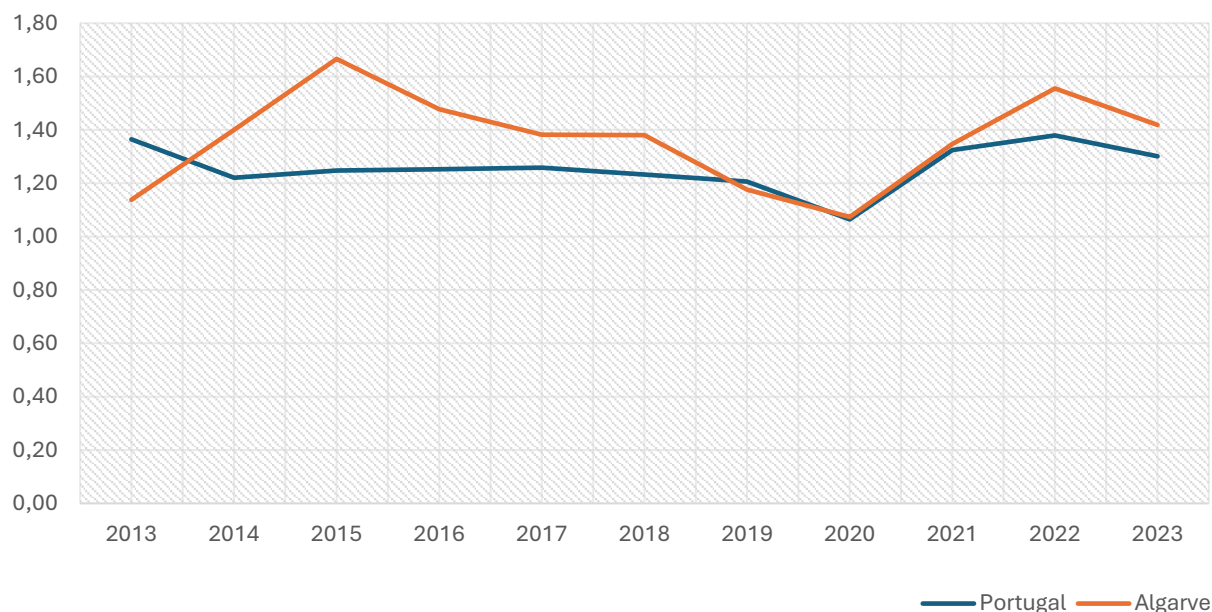


**Figura 9: Evolução da Relação entre Sociedades Constituídas e Dissolvidas (Rácio nascimentos/mortes de empresas não financeiras)** Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA (2026)

Ao longo de toda a série, ambos os territórios mantiveram rácios superiores a 1, mas com padrões distintos. Em Portugal, o indicador oscilou de forma relativamente estável entre 1,06 e 1,38, com uma compressão gradual entre 2013 e 2019 e recuperação após 2021. O ponto mais crítico foi 2020, com um rácio de 1,06, num contexto em que, ainda assim, os apoios públicos permitiram manter muitas empresas em atividade.

O Algarve apresenta uma amplitude de variação muito superior, entre 1,07 e 1,67, reflexo de uma dinâmica empresarial fortemente dependente do ciclo turístico. Os valores mais elevados concentram-se em 2014-2016, mas a tendência inverteu-se a partir de 2017: o número de mortes empresariais cresceu 34% em seis anos, de 7.533 para 10.127, comprimindo o rácio para 1,18 em 2019. Em 2020, este decresceu para 1,07, praticamente equivalente ao nacional, num ano em que o número de empresas criadas mal compensou as cessações de atividade. A retoma turística voltou a elevar o indicador para 1,56 em 2022 e 1,42 em 2023.

Ainda assim, 2023 registou o máximo histórico de empresas dissolvidas na região (12.126), sinalizando um tecido empresarial em rotação acelerada, característico de economias assentes em atividades de baixo ciclo de vida, e não de uma base empresarial consolidada e diversificada.

### Peso da Indústria Transformadora no Tecido Económico da Região

Este indicador avalia o desempenho económico da indústria transformadora, medindo a evolução do peso do seu volume de negócios no total do volume de negócios gerado numa

determinada região ou país. O foco na indústria transformadora justifica-se por tratar-se de um setor com elevado contributo para o valor acrescentado, desempenhando um papel central na promoção do crescimento económico, da produtividade e da competitividade de uma região.

Enquanto em Portugal a indústria transformadora representa aproximadamente um quarto do total da indústria, no Algarve o seu peso não ultrapassa, em nenhum momento do período analisado, os 4% (Figura 10). Esta diferença reflete a fraca expressão da indústria transformadora na estrutura económica da região algarvia, fortemente marcada por atividades de serviços ligadas ao fenómeno turístico e setores associados.

Adicionalmente, verifica-se que a evolução do Algarve não acompanha de forma significativa a tendência nacional, apresentando, antes, um comportamento relativamente autónomo e mais estável. Enquanto Portugal evidencia uma trajetória de ligeiro declínio com maior volatilidade recente, o Algarve mantém-se num patamar reduzido e estruturalmente estável, o que reforça a ideia de uma especialização regional pouco assente na indústria transformadora.

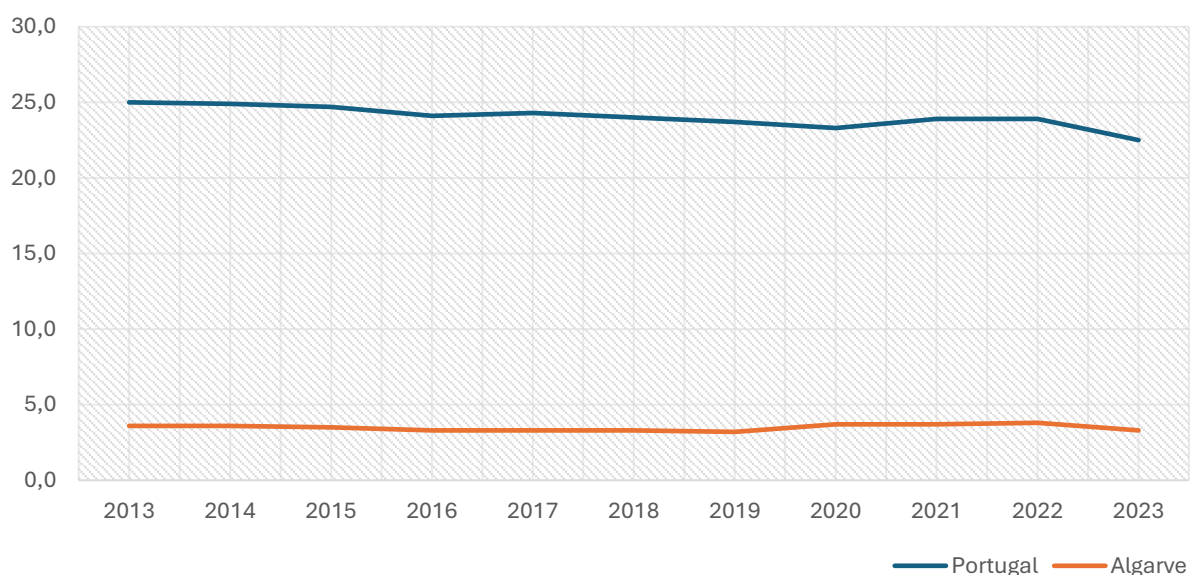


**Figura 10: Evolução do Volume de Negócios das Indústrias Transformadoras no Total da Indústria (%)** Fonte: PORDATA (2026)

### Posicionamento e tendências:

A análise global dos indicadores considerados evidencia que o Algarve apresenta um perfil económico claramente diferenciado face à média nacional, marcado por uma forte especialização em atividades de serviços, em particular no turismo, e por uma menor diversificação da sua base produtiva. Esta especialização constitui simultaneamente uma fonte de dinamismo e uma limitação estrutural.

Em termos empresariais, a região revela um maior dinamismo empreendedor, com taxas de crescimento mais elevadas no número de empresas, maior intensidade empresarial e uma densidade empresarial crescente, frequentemente superior à média nacional. No entanto, este

dinamismo é acompanhado por maior volatilidade, refletida em quebras mais acentuadas em períodos de crise e recuperações mais rápidas, o que evidencia uma forte sensibilidade aos ciclos económicos.

Do ponto de vista da estrutura económica, o Algarve distingue-se por um peso residual da indústria transformadora, muito abaixo da média nacional, e por um tecido empresarial fortemente dominado por microempresas, com reduzida presença de médias e grandes empresas. Esta configuração sugere uma economia fortemente dependente do turismo e de atividades de serviços associadas, com reduzida presença de setores industriais e tecnológicos. No plano da demografia empresarial, a análise do rácio entre empresas criadas e dissolvidas revela uma dinâmica de rotação acelerada do tecido empresarial. É, também, de registar que o número de dissoluções atingiu o seu máximo histórico em 2023, algo que é revelador de um modelo de elevada substituição empresarial, muito característico de economias assentes em atividades de baixo ciclo de vida e fraca capacidade de consolidação.

Em síntese, o Algarve apresenta um modelo económico caracterizado por dinamismo empresarial e crescimento significativo, mas simultaneamente por elevada especialização setorial, menor diversificação produtiva e uma base empresarial estruturalmente frágil. Esta combinação reforça a sua vulnerabilidade a choques externos e justifica a necessidade de políticas públicas orientadas para o reforço do investimento, da diversificação económica e da qualificação do tecido produtivo regional.

## 2. Estrutura Produtiva e Criação de Valor

A análise apresentada neste capítulo assenta num conjunto de indicadores económicos estruturais que permitem avaliar não apenas o ritmo de crescimento da economia algarvia, mas também a sua resiliência, diversificação produtiva e capacidade de geração de valor a longo prazo. São mobilizados indicadores de natureza diversa com o objetivo de constituir uma leitura abrangente da estrutura produtiva regional e das suas dinâmicas de transformação.

### Produto Interno Bruto (PIB) per capita

A evolução do Produto Interno Bruto (PIB) per capita (Figura 11) considera a divisão do Produto Interno Bruto pela população residente num determinado território. Trata-se de um indicador amplamente utilizado para aferir, de forma aproximada, a riqueza média produzida por habitante e, por extensão, o nível de desenvolvimento económico de uma região ou país.

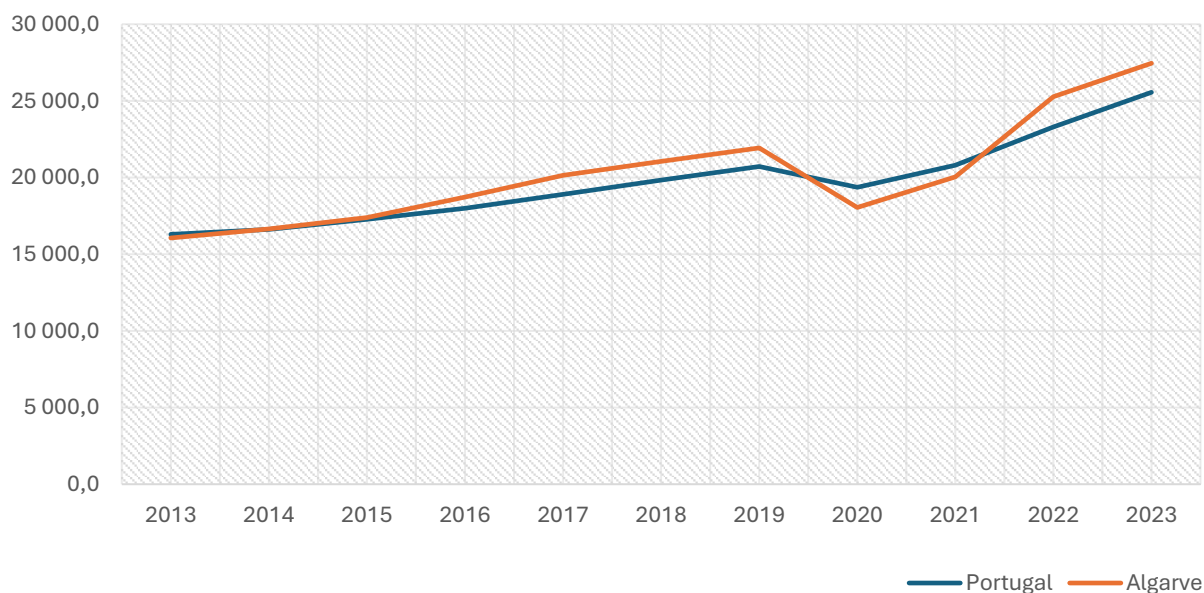


**Figura 11: Evolução do PIB per capita (€)** Fonte: PORDATA (2026)

Entre 2013 e 2019, o Algarve destacou-se pela positiva na evolução do PIB per capita: partindo de um valor ligeiramente abaixo da média nacional (16.059€ face a 16.295€), superou Portugal a partir de 2014 e atingiu 21.934€ em 2019, com taxas de crescimento que chegaram a 7,6% em 2016-2017, a preços correntes, muito acima do ritmo nacional (2% a 5%). O motor desta convergência foi, em larga medida, a expansão do turismo regional.

O ano de 2020 revelou, porém, o outro lado desta especialização. Enquanto Portugal registou uma queda de 6,6%, o Algarve contraiu 17,7% - uma retração cerca de três vezes superior à nacional, o que fez recuar o PIB per capita da região para os 18.048€. A dependência face ao turismo e à mobilidade internacional tornou a região particularmente vulnerável a um choque que o resto do país absorveu com muito maior resiliência. Esta realidade sublinha a relevância de pensar estratégias de diversificação económica regional que tornem o território mais resiliente perante perturbações externas.

### Volume de negócios das atividades administrativas e de apoio empresarial

Este agrupamento setorial abrange um conjunto diversificado de atividades, incluindo o aluguer e *leasing* de bens, as agências de trabalho temporário e de recursos humanos, as agências de viagem e operadores turísticos, os serviços de segurança, a limpeza e manutenção de edifícios, e o apoio administrativo às empresas. Trata-se, portanto, de um setor transversal que serve de suporte à atividade de outros ramos da economia, razão pela qual a sua dimensão relativa tende a espelhar tanto a estrutura produtiva do território como o grau de desenvolvimento dos seus serviços empresariais.

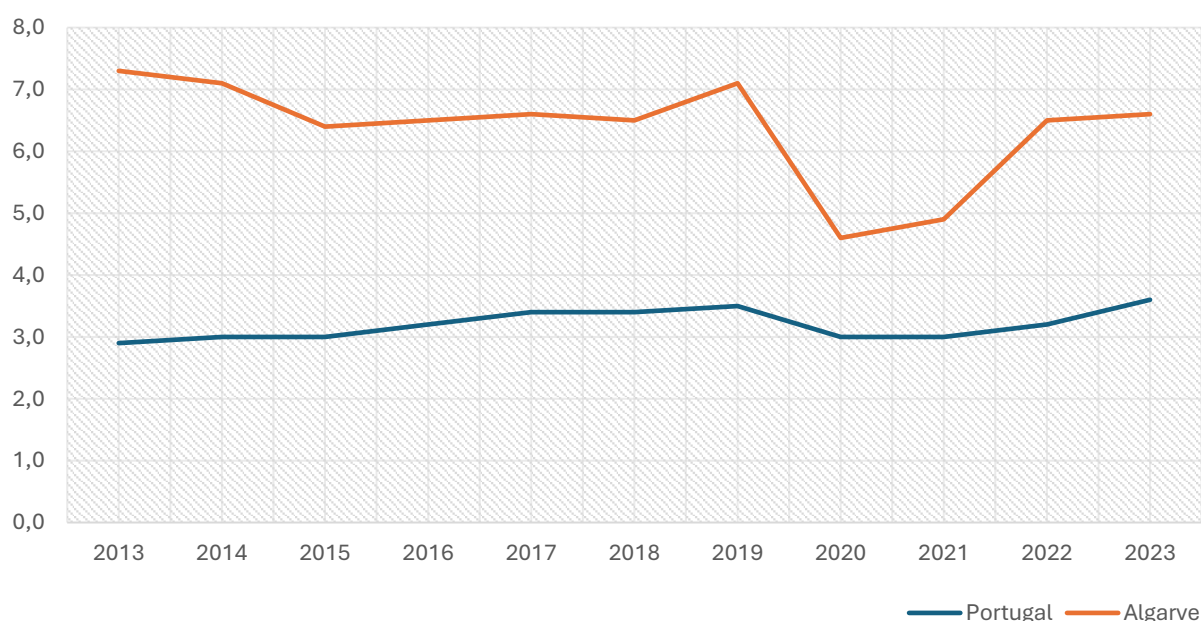


**Figura 12: Evolução do Volume de Negócios das Atividades Administrativas e de Apoio Empresarial (em percentagem face ao total de setores de atividade económica)** Fonte: PORDATA (2026)

Ao longo de toda a década, o peso das atividades administrativas e de apoio empresarial no volume de negócios do Algarve foi sistematicamente superior ao dobro da proporção nacional. Tal acaba por ser um reflexo direto de uma economia centrada no turismo, que gera naturalmente um tecido denso de atividades de suporte à viagem e ao lazer. Em 2013, o diferencial era de 4,4 pontos percentuais (7,3% no Algarve face a 2,9% em Portugal) e, com exceção dos anos de 2020 e 2021, manteve-se sempre acima dos 3 pontos (Figura 12)

A trajetória portuguesa é estável e pouco volátil, oscilando entre os 2,9% de 2013 e os 3,6% de 2023. O Algarve comporta-se de forma radicalmente diferente: após uma descida entre 2013 e 2015, possivelmente associada à recomposição do volume de negócios regional com a recuperação de outros setores, recuperou gradualmente até aos 7,1% em 2019, acompanhando a expansão turística. Em 2020, o valor cai para 4,6%, um decréscimo de 35% num único ano e cerca de cinco vezes superior à registada a nível nacional, permanecendo deprimido em 4,9% em 2021.

A partir de 2022, a recuperação foi expressiva: o Algarve retomou os 6,5%, recuperando os níveis de 2019 em apenas um ano, e consolidou os 6,6% em 2023. No final da série, o diferencial face a Portugal volta a situar-se nos 3 pontos percentuais, confirmando que a assimetria estrutural que marcou a década permanece por resolver.

### Volume de Negócios das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares

Trata-se de um conjunto de atividades de natureza marcadamente intelectual e de elevado conteúdo de conhecimento, que inclui serviços jurídicos e de contabilidade, consultoria de gestão e estratégia empresarial, arquitetura e engenharia, investigação científica e desenvolvimento, publicidade e estudos de mercado, e outras atividades técnicas e profissionais especializadas. A representatividade deste setor no volume de negócios total de uma região constitui, por isso, um proxy relevante do grau de sofisticação e diversificação da sua base produtiva, bem como do seu posicionamento na chamada economia do conhecimento

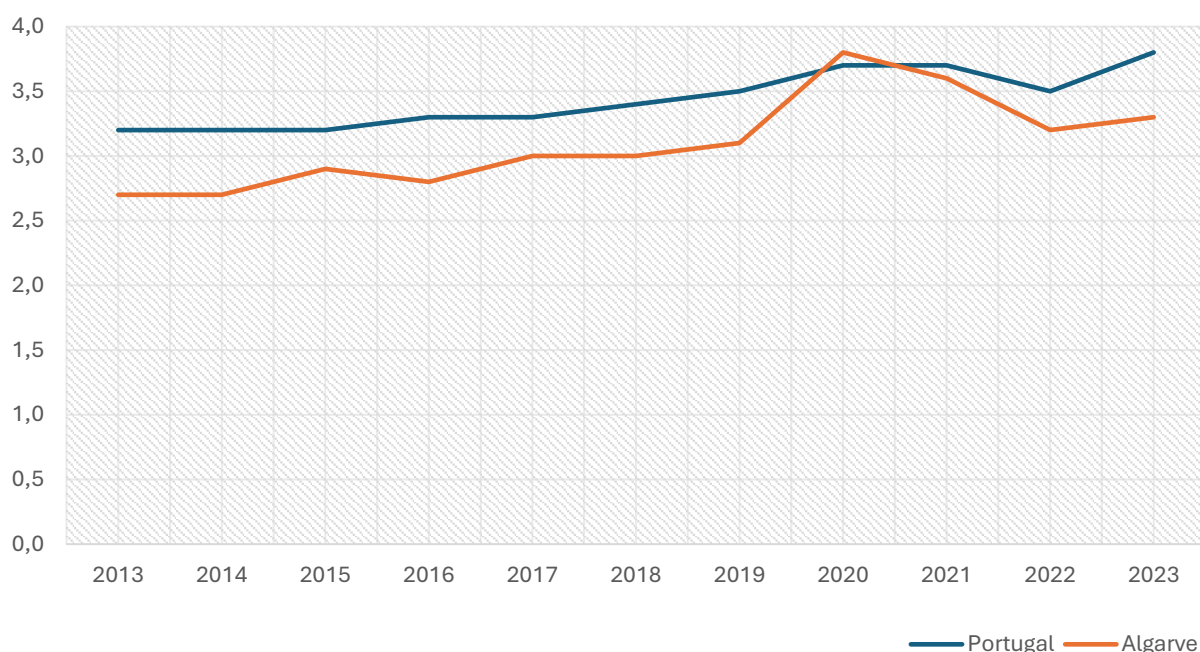


**Figura 13: Evolução do Volume de Negócios das Atividades de Consultoria, Científicas, Técnicas e Similares (percentagem face ao total de setores de atividade económica)** Fonte: PORDATA (2026)

Ao contrário do indicador analisado anteriormente, onde o Algarve apresentava um peso sistematicamente superior à média nacional, aqui a relação inverte-se: ao longo de quase toda

a série, a região regista uma proporção inferior à do país, sinalizando uma estrutura produtiva menos intensiva em atividades de conhecimento avançado.

Em 2013, o diferencial era de 0,5 pontos percentuais (2,7% no Algarve face a 3,2% em Portugal). Entre 2013 e 2019, o indicador aumentou moderadamente em ambos os territórios: para 3,1% no Algarve e 3,5% em Portugal.

Em 2020, o Algarve ultrapassou ligeiramente o valor nacional: 3,8% contra 3,7%. Tal mostra que esta atividade se manteve ativa e produtiva mesmo durante a pandemia. Com a contração abrupta dos setores mais expostos aos efeitos COVID, o denominador do rácio diminuiu mais do que o numerador, inflacionando artificialmente o peso relativo das atividades de consultoria e técnicas. A recuperação pós pandemia de atividades de serviços e turismo subsequente desfez rapidamente este efeito. No Algarve assiste-se a uma diminuição para 3,2% em 2022, estabilizando nos 3,3% em 2023, enquanto Portugal se fixou nos 3,8%.

### Volume de Negócios das Atividades de Informação e de Comunicação

Esta secção compreende as atividades de edição, produção cinematográfica e audiovisual, radiodifusão e televisão, telecomunicações, programação e consultoria informática, e serviços de informação. Trata-se de um dos setores mais associados à economia digital e à transformação tecnológica das sociedades contemporâneas, caracterizado por elevados níveis de produtividade, forte criação de valor acrescentado e capacidade de exportação. O peso relativo deste setor no volume de negócios total de uma região constitui, por isso, um indicador do grau de digitalização e de maturidade tecnológica da sua estrutura produtiva.

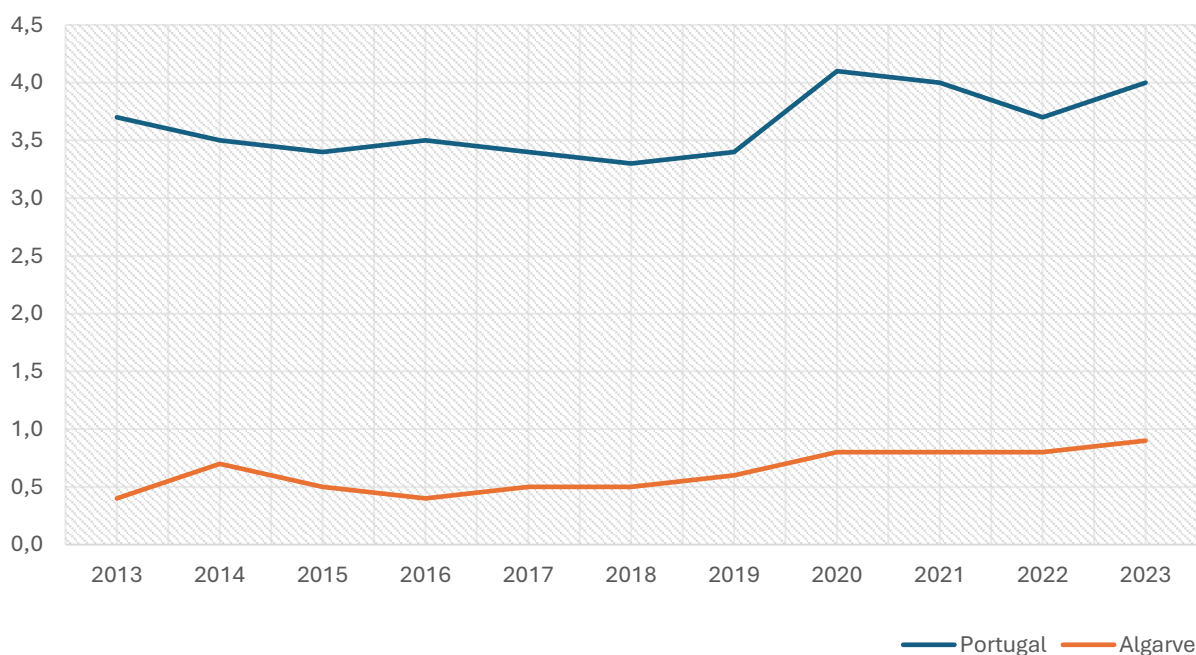


**Figura 14: Evolução do Volume de Negócios das Atividades de Informação e Comunicação (% face ao total de setores de atividade económica)** Fonte: PORDATA (2026)

Ao longo de toda a série, o peso das atividades de informação e comunicação no Algarve oscilou entre 0,4% e 0,9%, enquanto Portugal registou valores entre 3,3% e 4,1% (Figura 14). Em 2023, a diferença entre os dois territórios situava-se em 3,1 pontos percentuais, correspondendo a um rácio de aproximadamente 4,4 vezes entre o valor nacional e o regional.

A trajetória portuguesa é de estabilidade com tendência ascendente, consolidando-se num patamar de 4,0% em 2023. O Algarve cresceu apenas meio ponto percentual ao longo de uma década (de 0,4% para 0,9%) sendo que o ligeiro aumento registado em 2020-2021 resulta, à semelhança do observado noutros indicadores, de um efeito de composição e não de uma expansão efetiva do setor digital regional.

A explicação é estrutural, pois as atividades de informação e comunicação estão concentradas nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto, onde se localizam as grandes empresas de telecomunicações e os principais centros tecnológicos. O Algarve, assente no turismo, na construção e nos serviços de proximidade, fica sistematicamente à margem desta dinâmica refletindo-se em consequências diretas na diversificação produtiva e na criação de emprego qualificado fora do ciclo sazonal.

### Taxa de cobertura das importações pelas exportações de bens

Este indicador mede em que proporção o valor das exportações de bens de um território é capaz de financiar o valor das suas importações. Um valor de 100% indicaria um equilíbrio perfeito entre o que se exporta e o que se importa; valores abaixo de 100% traduzem um défice da balança comercial de bens, ou seja, o território importa mais bens do que exporta.

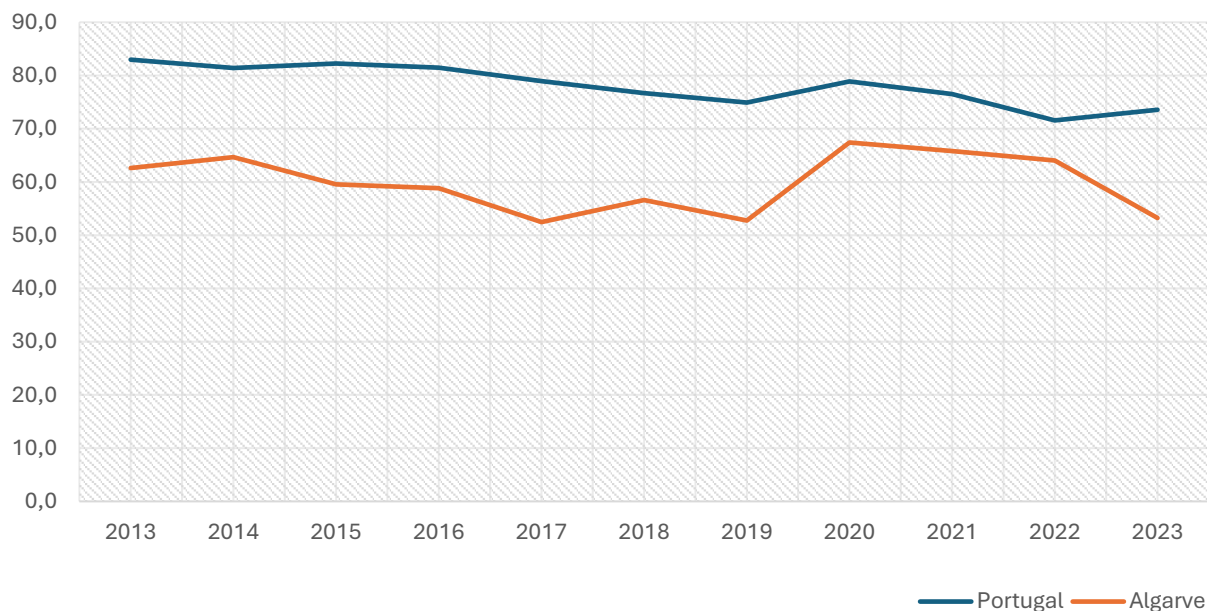


**Figura 15: Evolução da Taxa de Cobertura das Importações pelas Exportações de Bens (%)** Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA (2026)

Em Portugal, a taxa desceu de 83,0% em 2013 para um mínimo de 71,6% em 2022, refletindo o crescimento das importações a um ritmo superior ao das exportações, agravado pela subida dos preços energéticos. Em 2023 recuperou-se ligeiramente para 73,6%, ainda assim bem abaixo do ponto de partida (Figura 15).

O Algarve parte de uma posição muito mais fragilizada: 62,6% em 2013, cerca de 20 pontos percentuais abaixo da média nacional. A deterioração foi progressiva, e em 2017 e 2019, as exportações cobriam apenas cerca de metade das importações. Entre 2020 e 2021, a taxa subiu temporariamente para 67,4% e 65,8%, respetivamente, não por força de um crescimento das exportações, mas pela contração da procura interna e das importações. Com a retoma económica, o indicador voltou a cair de 64,0% em 2022 para 53,2% em 2023, registando-se o valor mais baixo de toda a série.

Em 2023, o diferencial face a Portugal alargou-se novamente para cerca de 20 pontos percentuais. A fragilidade estrutural da balança de bens do Algarve aprofundou-se ao longo da década, o que demonstra que a região nunca desenvolveu uma base exportadora capaz de acompanhar o crescimento das importações.

### VAB per capita das Empresas Não Financeiras

Este indicador permite avaliar a capacidade de criação de riqueza de uma região, funcionando como um sinal da sua produtividade e competitividade económica. Um aumento consistente do VAB per capita indica maior dinamismo, eficiência e capacidade de inovação, enquanto oscilações ou quebras podem refletir fragilidades estruturais e limitações na modernização do tecido empresarial.

Entre 2013 e 2023, o VAB per capita apresenta uma trajetória de crescimento, embora com ritmos e níveis distintos em Portugal e no Algarve (ver Figura 16). Em termos de crescimento global, Portugal passa de cerca de 7,0 para 13,8 milhares €/habitante, o que representa um aumento próximo de 97%, a preços correntes. Já o Algarve evolui de 3,7 para 10,5 milhares €/habitante, registando um crescimento bastante mais expressivo, na ordem dos 179%, a preços correntes, o que lhe permite convergir com a realidade nacional nesse período. No entanto, a Figura 16 mostra que o Algarve apresenta níveis de VAB per capita sistematicamente inferiores à média nacional, o que sugere limitações estruturais, nomeadamente ao nível da diversificação económica e, claro, da capacidade de gerar valor acrescentado por trabalhador. Este padrão é consistente com uma economia fortemente especializada em setores como o turismo e serviços (ver Figura seguinte), que, embora dinâmicos, tendem a apresentar menor intensidade de valor acrescentado comparativamente a atividades mais intensivas em capital ou tecnologia. Por outro lado, a análise do período considerado para este indicador volta a enfatizar a já referida maior volatilidade da região do Algarve face à realidade nacional. Em particular, a quebra acentuada em 2020 reflete a elevada exposição a choques externos, enquanto a recuperação subsequente, particularmente forte entre 2021 e 2023, demonstra capacidade de retoma, mas também dependência de ciclos económicos.

Em síntese, os dados apontam para uma economia algarvia em processo lento de convergência no que toca à sua capacidade e criação de riqueza por habitante, mas ainda condicionada por fatores potencialmente estruturais que limitam a sua competitividade face à média nacional.

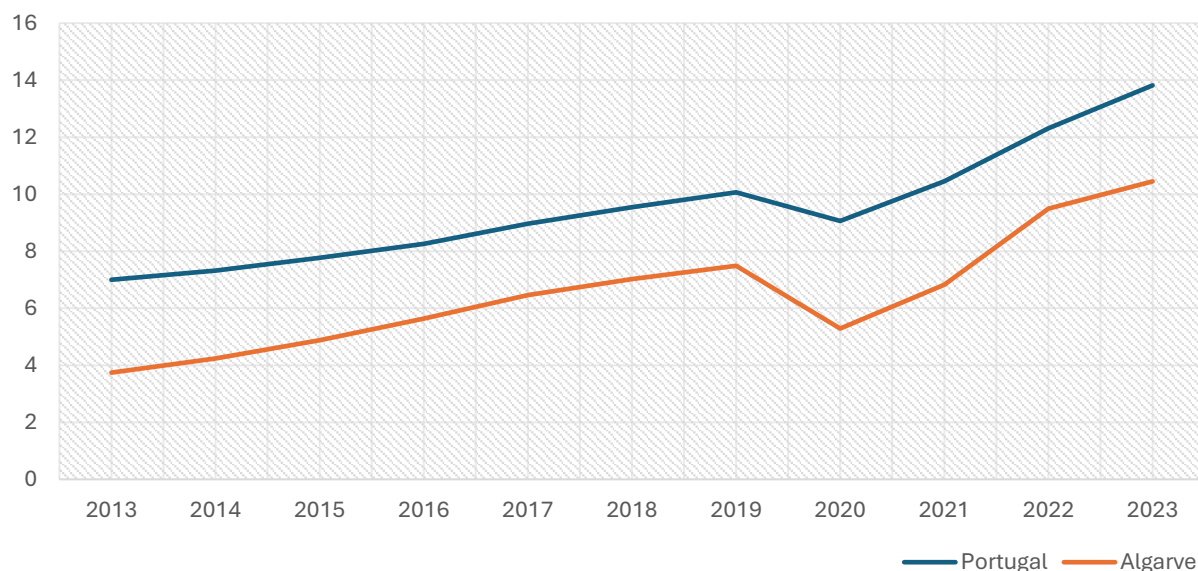


**Figura 16: Evolução do VAB das Empresas Não Financeiras por habitante (1000€/hab.)**

Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA (2026)

A análise da estrutura do VAB por setor em 2023 (Figura 17), reforça a existência de diferenças significativas no padrão de especialização económica entre Portugal e o Algarve. Destaca-se a forte concentração da estrutura económica algarvia em torno dos setores ligados à atividade turística, em particular no alojamento e restauração (29,8%), evidenciando a centralidade do turismo na criação de valor regional. Outros setores com expressão relevante incluem o comércio (15,9%), a construção (11,1%) e as atividades administrativas (9,1%). Em contraste, as indústrias transformadoras representam apenas 3,3%, um valor significativamente inferior à média nacional (19,9%).

Estes resultados evidenciam que a capacidade de criação de valor na região continua fortemente concentrada em atividades ligadas ao turismo e serviços associados. Assim, embora o Algarve revele dinamismo económico, esta especialização traduz-se numa menor diversificação estrutural e numa maior exposição a choques setoriais.

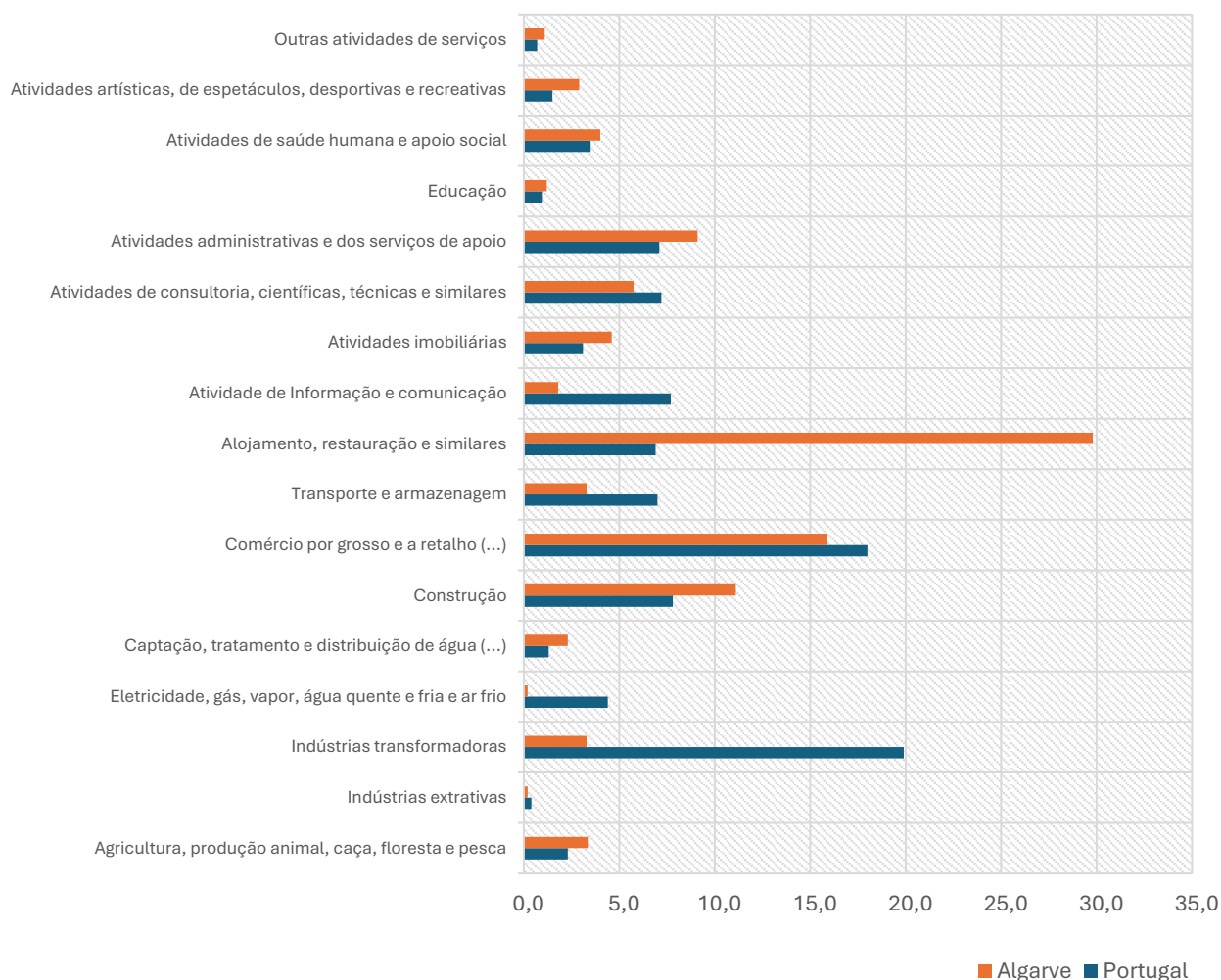


**Figura 17: Estrutura do VAB das Empresas Não Financeiras por setor de atividade, 2023 (%).** Fonte: PORDATA (2026)

### Formação Bruta de Capital Fixo em percentagem do PIB

A Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) em percentagem do PIB indica o nível de investimento na economia em relação à riqueza produzida. Mede, pois, o esforço de investimento de uma região, sendo um sinal da capacidade de modernização e crescimento futuro. Neste sentido, valores mais elevados refletem maior dinamismo e potencial de expansão, enquanto valores baixos podem indicar menor investimento e limitações ao crescimento.

Entre 2013 e 2021, a FBCF em percentagem do PIB apresenta uma tendência de crescimento tanto em Portugal como no Algarve, refletindo um aumento do investimento e da acumulação de capital na economia. A nível nacional, verifica-se um crescimento contínuo deste indicador, que passa de 14,8% em 2013 para 20,2% em 2021, com especial aceleração a partir de 2017, evidenciando um reforço sustentado do esforço de investimento em ativos produtivos.

No Algarve, observa-se igualmente uma trajetória ascendente, embora com valores sistematicamente inferiores aos nacionais ao longo de praticamente todo o período. A região evolui de 14,3% em 2013 para 20,3% em 2021, mas mantém-se, na maioria dos anos, ligeiramente abaixo da média nacional, o que indica um menor peso relativo do investimento face ao PIB regional (Figura 18). Esta situação traduz-se numa menor capacidade de acumulação de capital produtivo, o que pode condicionar o ritmo de modernização económica, a diversificação da estrutura produtiva e o potencial de crescimento sustentado da região. Neste contexto, os dados reforçam a necessidade de políticas públicas e mecanismos de financiamento direcionados que incentivem o investimento privado e público no território, de forma a reduzir assimetrias regionais e promover uma maior convergência com a média nacional.

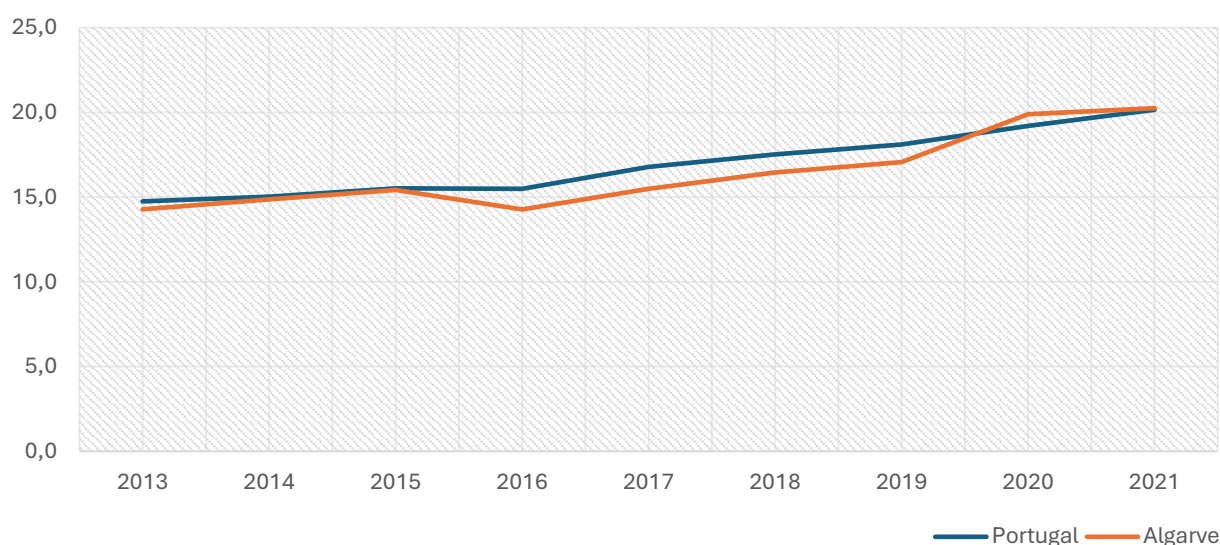


**Figura 18: Evolução da formação bruta em percentagem do PIB.** Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA e INE (2026)

### Posicionamento e tendências da análise económica:

A análise dos indicadores da estrutura económica e criação de valor evidencia uma região cuja trajetória de desenvolvimento se encontra estruturalmente condicionada pela especialização no setor turístico, algo que tem implicações diretas na diversificação produtiva, na resiliência a choques externos e no seu posicionamento face à economia do conhecimento. Ainda assim, o PIB *per capita* algarvio superou a média nacional em 2019 (21.934€ face a 20.715€), sugerindo uma convergência aparentemente positiva com o referencial nacional. Contudo, o impacto da pandemia de COVID-19 revelou a natureza frágil desta convergência: em 2020, o PIB per capita regional contraiu 17,7%, uma magnitude de retração cerca de três vezes superior à verificada para o conjunto do país (6,6%), demonstrando que os ganhos de crescimento da década anterior assentavam predominantemente num modelo de especialização setorial de elevada exposição cíclica.

Esta dependência estrutural projeta-se igualmente na composição do tecido produtivo regional, nomeadamente quando avaliada através do peso relativo dos setores associados à economia do conhecimento e à transformação digital. O volume de negócios das atividades de informação e

comunicação representava, em 2023, apenas 0,9% do total regional, face a 4,0% no conjunto do país, uma assimetria de 4,4 para 1, a qual posiciona o Algarve de forma desfavorável no contexto da digitalização económica nacional. De modo análogo, as atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares correspondiam a 3,3% do volume de negócios regional em 2023, valor inferior à média nacional (3,8%), sem que a trajetória da última década tenha permitido recuperar o diferencial negativo preexistente. Em sentido inverso, o peso das atividades administrativas e de apoio empresarial, fortemente ancoradas na cadeia de valor turística, mais do que duplica no Algarve o valor observado para Portugal, configurando um padrão de especialização que, embora gerador de dinamismo em períodos de expansão da procura turística, limita a diversificação e o aprofundamento das atividades de maior conteúdo tecnológico e científico.

A vulnerabilidade do modelo de crescimento regional é adicionalmente corroborada pela análise da balança de bens, da criação de valor e do esforço de investimento. A taxa de cobertura das importações pelas exportações de bens fixou-se em 53,2% em 2023, o valor mais baixo da série decenal e cerca de 20 pontos percentuais abaixo da média nacional (73,6%), refletindo a escassa base produtiva exportadora (de bens) da região e a sua crescente dependência de bens produzidos externamente. No plano da criação de riqueza, o VAB per capita das empresas não financeiras, apesar de registar um crescimento mais acelerado do que o nacional ao longo da década (179% face a 97%) mantém-se sistematicamente inferior à média de Portugal, com a estrutura do VAB a confirmar a forte concentração em alojamento e restauração (29,8%) e a presença residual das indústrias transformadoras (3,3%, face a 19,9% a nível nacional). Relativamente ao investimento, a Formação Bruta de Capital Fixo evidencia igualmente níveis inferiores à média nacional ao longo do período, refletindo uma menor intensidade de investimento face ao PIB regional, algo que condiciona a modernização do tecido produtivo e limita o potencial de diversificação económica.

De forma genérica, esta análise aponta para a necessidade de reforçar a base de conhecimento, inovação e qualificação como condições estruturantes de um modelo de desenvolvimento mais resiliente e sustentável para o Algarve. A tendência da última década não é, contudo, de convergência: os diferenciais negativos nos setores do conhecimento, na balança de bens e na criação de valor mantiveram-se estruturalmente estáveis ou agravaram-se ao longo do período, sugerindo que o crescimento registado não foi suficiente para alterar o posicionamento relativo da região.

### 3. Capital Humano, Demografia e Competitividade Territorial (Qualificação, Investigação e Inovação)

A análise dos indicadores apresentados nesta secção permite compreender a evolução recente do capital humano e da competitividade em Portugal e no Algarve entre na última década.

O objetivo consiste, portanto, em compreender como a estrutura produtiva, o nível de qualificação da população, e as atividades de I&D moldam a capacidade de gerar riqueza e a sustentabilidade social da região. Como tal, examina-se um conjunto de indicadores que revelam uma vulnerabilidade estrutural no Algarve, caracterizada por um fosso salarial crescente face à média do país e por uma dificuldade persistente em elevar os níveis de qualificação do seu tecido empresarial e da sua força de trabalho. As dinâmicas demográficas excecionais da região são também objeto de análise, desde a elevada incidência de residentes estrangeiros até ao paradoxo de uma natalidade superior num contexto de maior precariedade económica, que impõem desafios à gestão dos serviços públicos e à retenção de talento.

No conjunto, observa-se um avanço estrutural da qualificação e rendimento médios em Portugal. Não obstante, o Algarve continua a apresentar desempenho inferior ao nacional em indicadores ligados a qualificações, estrutura produtiva e rendimentos, com melhorias ao longo do tempo, mas sem convergência suficiente.

#### Taxa de desemprego

A taxa de desemprego traduz a proporção de pessoas sem trabalho remunerado, que estão disponíveis para trabalhar e que têm procurado ativamente emprego, face ao total da população ativa. Este indicador, apurado através do Inquérito ao Emprego, é um dos principais termómetros do mercado de trabalho e permite comparar territórios com dimensões e estruturas produtivas distintas.

O período em análise é marcado por duas fases distintas (Figura 19): uma de recuperação progressiva face à crise económica e financeira (2013–2019), e outra dominada pelo impacto da pandemia de COVID-19 e pela subsequente retoma (2020–2023).

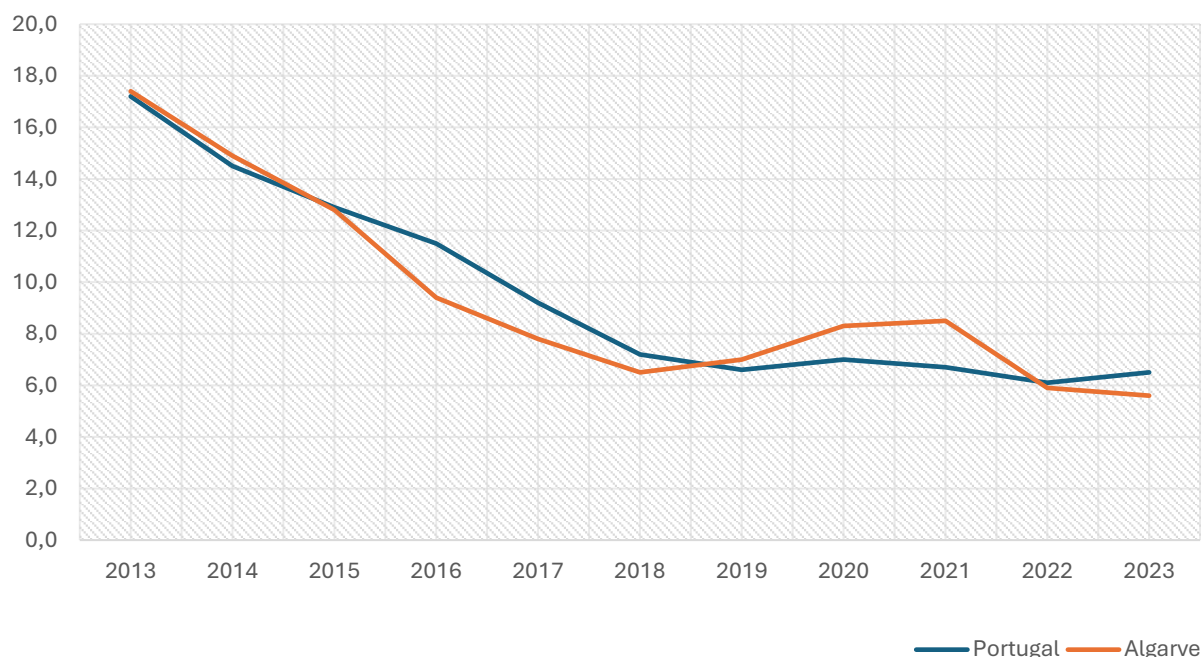


**Figura 19: Taxa de Desemprego (%)** Fonte: PORDATA (2026)

Em 2013, o desemprego atingia níveis históricos em todo o país, nomeadamente 17,2% em Portugal e 17,4% no Algarve, reflexo dos anos de austeridade que se seguiram à crise de 2008. A recuperação que se seguiu foi, no entanto, mais rápida na região: entre 2015 e 2016, o desemprego algarvio desceu 3,4 pontos percentuais num único ano, de 12,8% para 9,4%. A partir de 2016, o Algarve passou a registar taxas inferiores à média nacional, invertendo a desvantagem inicial.

O impacto da pandemia em 2020 voltou a expor a vulnerabilidade estrutural da região. Enquanto Portugal registou uma subida moderada (de 6,6% para 7,0%), o Algarve agravou de 7,0% para 8,5% em 2021, num momento em que a economia nacional já recuperava. O diferencial chegou a quase dois pontos percentuais, consequência direta da dependência do turismo, setor muito afetado pelas restrições sanitárias. A retoma turística pós-pandémica reverteu rapidamente este quadro. Em 2022, o desemprego algarvio caiu para 5,9%, abaixo dos 6,1% nacionais, e em 2023 consolidou o diferencial: 5,6% no Algarve contra 6,5% em Portugal. Este padrão reflete, em última instância, a dupla face da especialização turística, que, pese embora funcione enquanto motor de emprego em tempos de expansão, também se apresenta como um fator de vulnerabilidade em momentos de crise.

### Ganho Médio Mensal de Trabalhadores por Conta de Outrem

Existe uma diferença salarial persistente e crescente entre o Algarve e a média nacional (Figura 21). Em 2013, o ganho médio no Algarve situava-se ligeiramente acima dos 900€, enquanto o valor nacional estava acima dos 1000€. Embora ambas as linhas apresentem uma trajetória ascendente, especialmente acentuada após 2021, a distância entre as duas realidades não diminuiu; pelo contrário, parece consolidar-se.

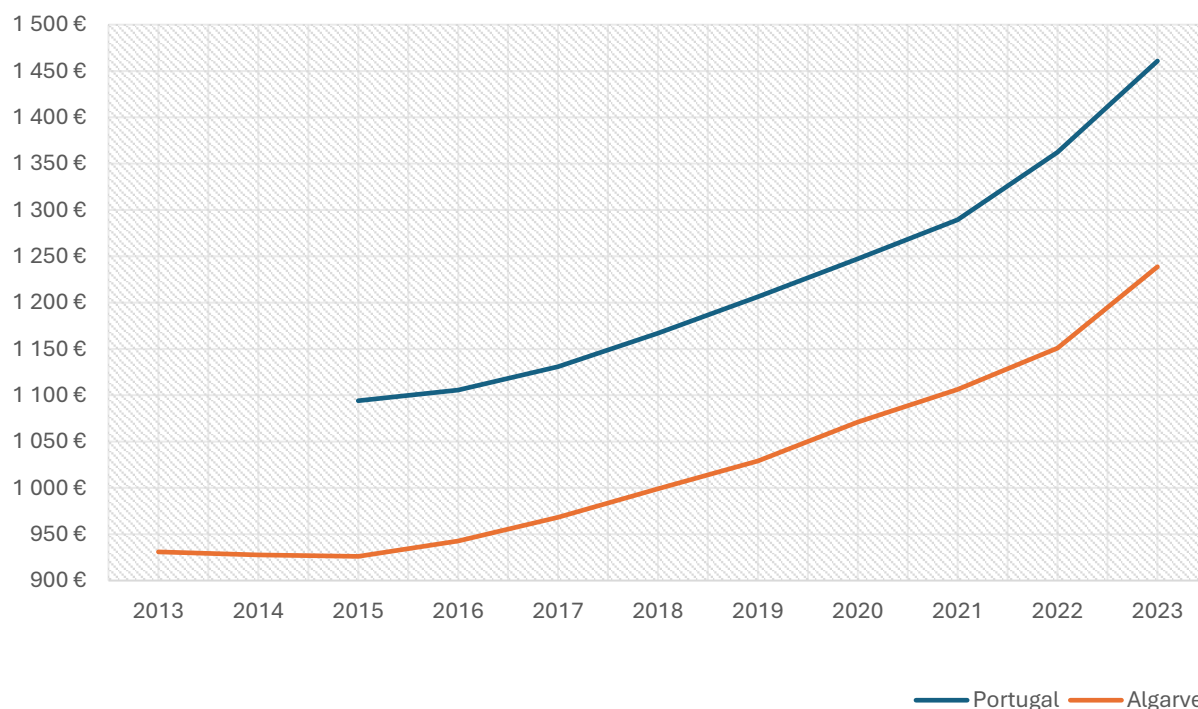


**Figura 20: Evolução do Ganho Médio Mensal de Trabalhadores por Conta de Outrem.** Fonte: PORDATA (2026)

Enquanto Portugal atinge valores acima dos 1.450€ em 2023, o Algarve permanece abaixo dos 1.250€, uma diferença de aproximadamente 200€ mensais que constitui um indicador crítico da menor competitividade da economia regional. Este cenário sugere que o emprego no Algarve está concentrado em setores de baixo valor acrescentado e elevada sazonalidade, o que impede a convergência salarial. O aumento desta disparidade exige um investimento público focado na diversificação da base económica regional, incentivando setores que ofereçam remunerações mais elevadas e maior estabilidade, sob pena de a região continuar a ser um polo de atração apenas para mão-de-obra pouco qualificada.

Ao decompor o ganho médio por setores de atividade (Figura 21), observa-se que a estrutura económica nacional e regional reagem de forma distinta. A nível nacional, os "Serviços" lideram consistentemente os ganhos, seguidos pela "Indústria". No Algarve, a realidade setorial é mais homogénea na base da escala de valores, embora com destaque negativo no setor da "Agricultura, produção animal, caça, silvicultura e pesca", que apresenta os valores mais baixos, situando-se frequentemente abaixo dos 900€ até períodos muito recentes.

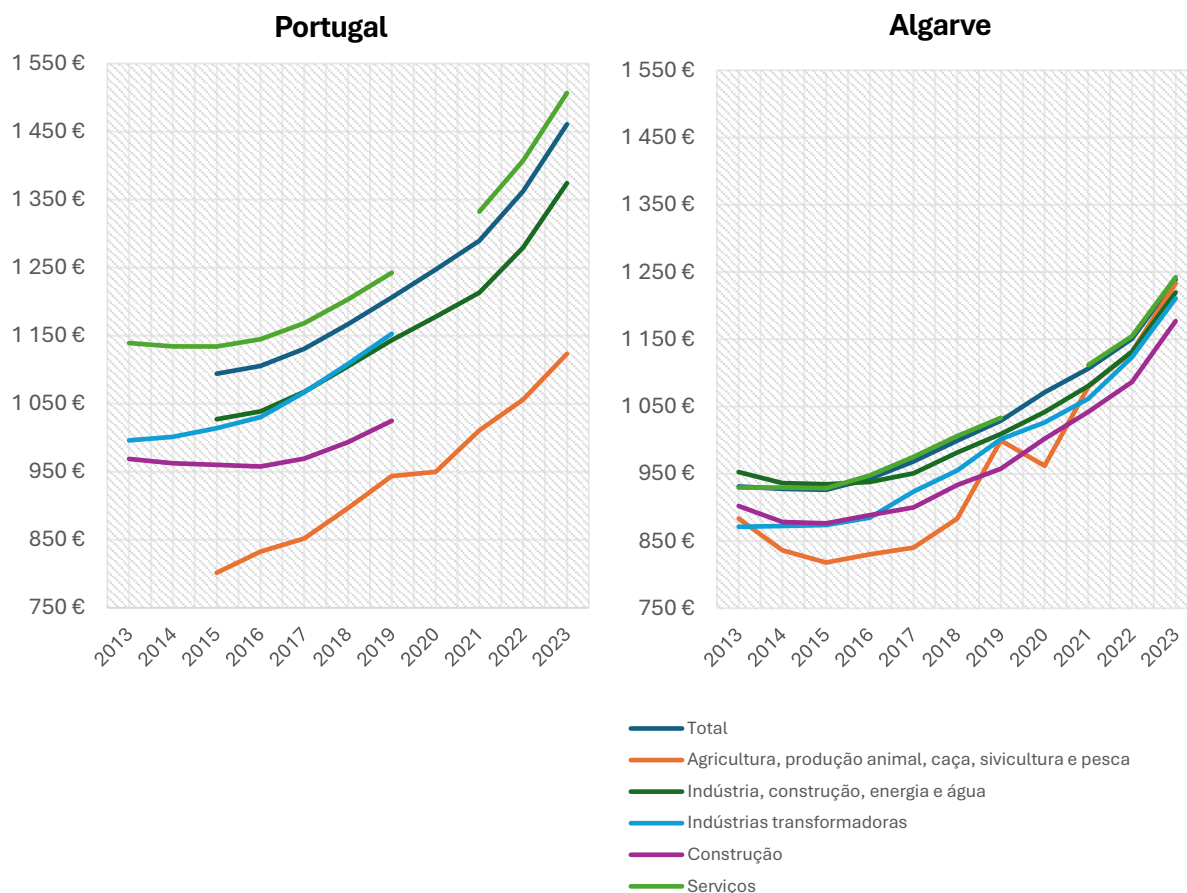


**Figura 21: Evolução do Ganho Médio Mensal de Trabalhadores por Conta de Outrem, por Sectores** Fonte: PORDATA (2026)

A grande vulnerabilidade reside na dependência dos "Serviços" que, no contexto algarvio, estão fortemente ligados ao turismo, cujos salários médios são inferiores aos serviços tecnológicos ou financeiros predominantes noutras regiões do país. Esta excessiva concentração em setores de baixo valor acrescentado é visível na dificuldade em elevar a linha do "Total" regional para níveis próximos da média nacional.

### Empregadores com Escolaridade de Nível Superior

A qualificação do tecido empresarial é um motor essencial para a inovação. Contudo, os dados evidenciam que o Algarve tem tido dificuldade em acompanhar o ritmo nacional de qualificação dos seus empregadores. Em 2013, a diferença na percentagem de empregadores com formação superior correspondia a cerca de 3 pontos percentuais (22% em Portugal e 19% no Algarve). Em 2019, enquanto Portugal ultrapassava os 26%, o Algarve estabilizava nos 22%, alargando o diferencial para 4 pontos percentuais.

A valorização económica das qualificações superiores assume particular relevância para o desenvolvimento do Algarve. De acordo com o PLANAPP (2024), em 2021 os trabalhadores com licenciatura auferiam, em média, remunerações cerca de 42,8% superiores às dos trabalhadores

com ensino secundário. Paralelamente, o mestrado conferia um prémio salarial mediano adicional de 13,7% face à licenciatura, valor que mais do que duplicou relativamente a 2010. O estudo evidencia igualmente uma tendência de valorização dos doutoramentos no mercado de trabalho português, embora sem quantificação específica do respetivo prémio salarial devido à reduzida dimensão da amostra disponível. Estes resultados demonstram que a progressão para níveis mais avançados de qualificação se traduz, em geral, em melhores remunerações, reforçando a importância dos licenciados, mestres e doutores para a competitividade, inovação e diversificação da economia algarvia.

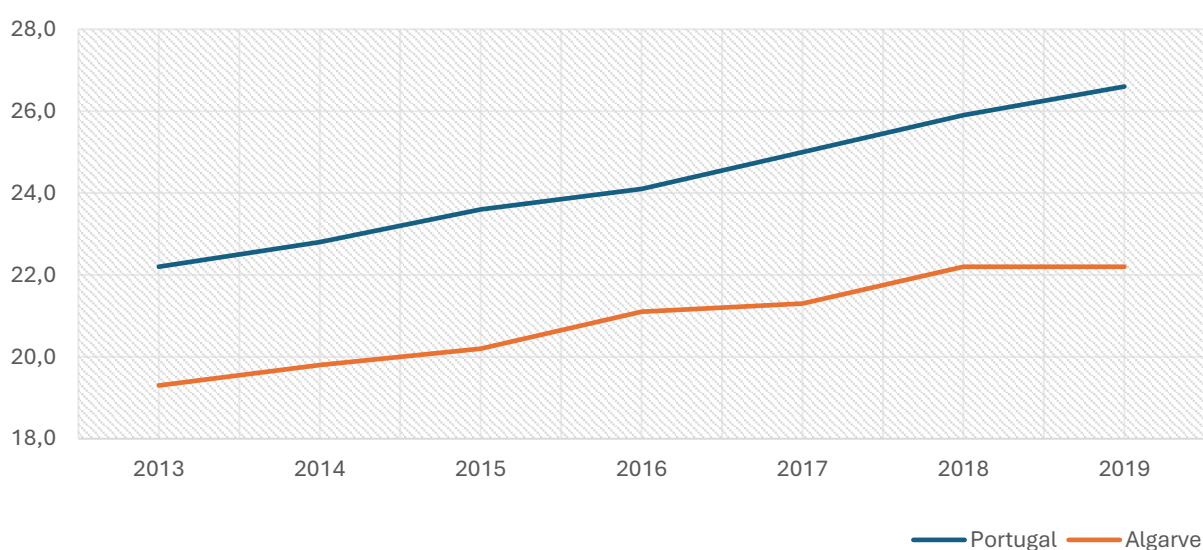


**Figura 22: Evolução de Empregadores com Formação Superior (%).** Fonte: PORDATA (2026)

Este indicador é particularmente alarmante pois sugere um défice de gestão profissionalizada e estratégica na região. A predominância de micro e pequenas empresas familiares no setor do turismo e comércio, muitas vezes geridas sem formação técnica superior, limita a capacidade de inovação e de internacionalização das empresas algarvias. É de registar a estagnação observada neste indicador, na região do Algarve, entre 2018 e 2019 (Figura 23).

### Número de Diplomados nas Instituições de Ensino Superior (IES), ponderado pela População

A análise do número total de diplomados por mil habitantes constitui o indicador mais abrangente da capacidade de uma região em gerar capital humano qualificado. Os dados da Figura 23 revelam uma disparidade estrutural profunda e persistente entre o Algarve e a média nacional.

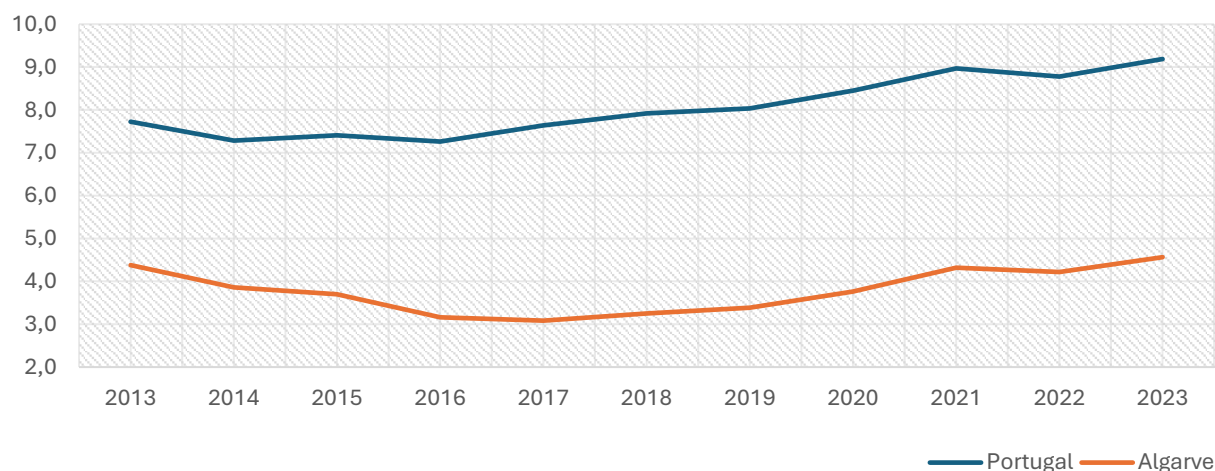


**Figura 23: Evolução de Diplomados nas IES por mil Habitantes.** Fonte: PORDATA (2026)

Enquanto Portugal apresenta uma trajetória de crescimento consistente, partindo de aproximadamente 7,8 diplomados por mil habitantes em 2013 para ultrapassar os 9,0 em 2023, o Algarve mantém-se num patamar drasticamente inferior. A região algarvia iniciou o mesmo período com cerca de 4,4 diplomados por mil habitantes, descrevendo uma trajetória descendente até 2017, em que atinge o valor crítico de aproximadamente 3,0. Embora se observe uma recuperação parcial nos anos recentes, o Algarve termina a série com cerca de 4,5 diplomados por mil habitantes, ou seja, metade do valor registado a nível nacional.

### Número de Diplomados 1º Ciclo (Licenciatura) nas Instituições de Ensino Superior (IES), ponderado pela População

No que se refere especificamente à evolução dos diplomados no 1º ciclo de estudos superiores (Licenciatura) (Figura 24), o gráfico sugere aumento ao longo do tempo, com o Algarve novamente em posição menos favorável face à média nacional.

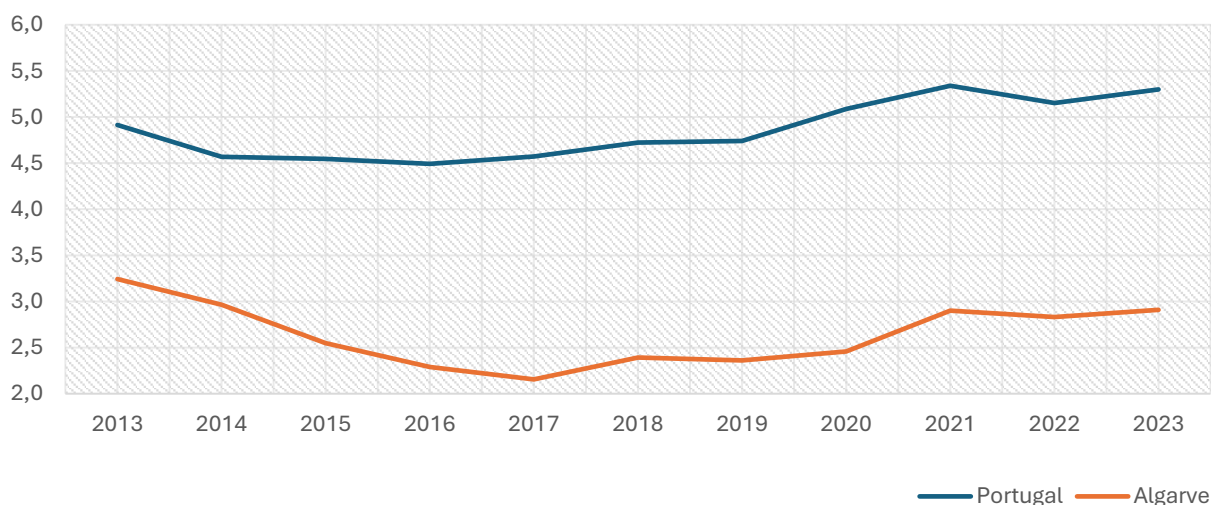


**Figura 24: Evolução de Diplomados do 1º Ciclo (Licenciaturas) nas IES por mil Habitantes.** Fonte: PORDATA (2026)

A nível nacional, após uma ligeira correção pós-crise, entre 2013 e 2016, a taxa de licenciados retomou o crescimento, atingindo 5,3 por mil habitantes em 2023. No Algarve, a tendência foi oposta durante grande parte da década. A região assistiu a uma queda deste indicador de 3,2 em 2013 para um mínimo de 2,2 em 2017. Apesar de registar uma ligeira recuperação após 2020, a região encerra o período com um valor próximo de 2,9 diplomados do 1.º ciclo por mil habitantes, bastante abaixo do valor nacional, 5,3 por mil habitantes. Isto significa que as instituições de ensino superior em Portugal formam quase o dobro dos diplomados do 1.º ciclo em comparação com as instituições de ensino superior localizadas no Algarve.

### Número de Diplomados 2º Ciclo (Mestrado) nas Instituições de Ensino Superior (IES), ponderado pela População

A discrepância de diplomados torna-se ainda mais acentuada quando analisamos o 2º ciclo de estudos superiores (Figura 25), que confere maior especialização e capacidade de I&D (Investigação e Desenvolvimento).

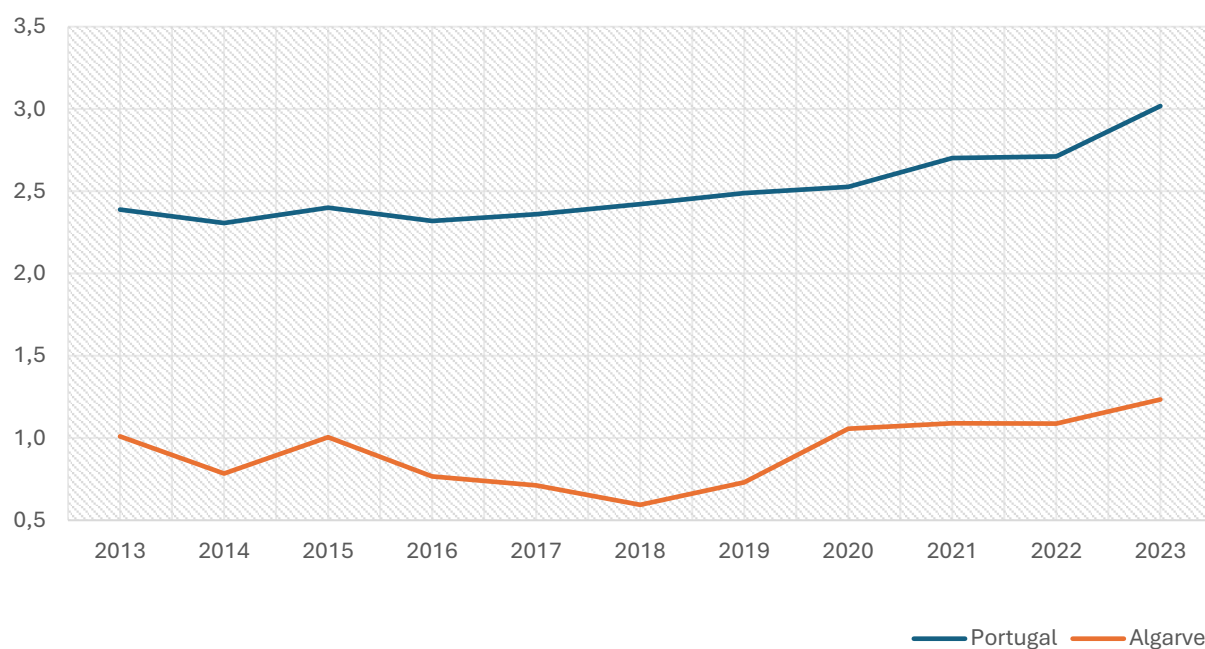


**Figura 25: Evolução de Diplomados do 2º Ciclo (Mestrado e Mestrado Integrado) nas IES por mil Habitantes.** Fonte: PORDATA (consultado em 2026)

O gráfico permite observar que Portugal tem feito um caminho de valorização do ensino pós-graduado, elevando o número de mestres de 2,4 para 3,0 por mil habitantes, no período entre 2013 e 2023. No Algarve, este indicador é preocupantemente baixo, flutuando em torno de 1,0 diplomado por cada mil habitantes, ao longo de quase toda a década. O facto de a linha do Algarve se situar consistentemente abaixo da metade da linha nacional, é um sinal de alarme para a competitividade da região. A distância do Algarve neste indicador face ao país reforça o risco de a região ficar mais dependente de empregos de qualificação intermédia e menos preparada para transição digital e inovação organizacional.

## Número de Diplomados 3º Ciclo (Doutoramento) nas Instituições de Ensino Superior (IES), ponderado pela População

Os dados relativos à evolução do número de diplomados do 3º ciclo de estudos superiores em valores absolutos são naturalmente mais baixos face aos diplomados do 1º e 2º ciclos de estudo, mas a tendência de divergência mantém-se. Portugal, após algumas oscilações, mantém uma taxa próxima de 0,23 diplomados do 3º ciclo por mil habitantes, enquanto o Algarve sofre uma diminuição acentuada entre 2014 e 2020, descendo de 0,11 para cerca de 0,04. No final da série temporal, a região detém um desempenho neste indicador cerca de três vezes inferior ao registado a nível nacional.

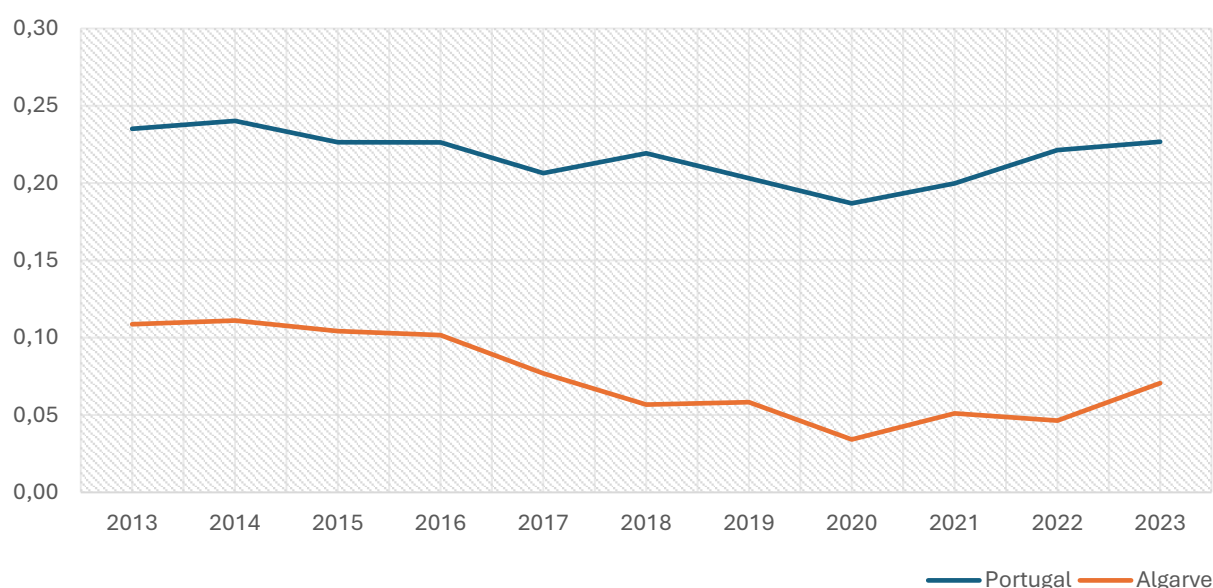


**Figura 26: Evolução de Diplomados do 3º Ciclo (Doutoramento) nas IES por mil Habitantes** Fonte: PORDATA (2026)

Vale a pena sublinhar que a evolução dos diplomados de cursos de doutoramento é um indicador de capacidade de I&D e de capacidade de produção científica, constituindo o fraco desempenho da região do Algarve (relativamente ao total nacional) uma menor massa crítica para investigação, com impacto negativo na capacidade de criação de ecossistemas de inovação e na atração de atividades de maior valor acrescentado.

## Trabalhadores em Empresas de Informação e Comunicação

O setor das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) é um dos principais indicadores de modernidade económica e transição digital. A Figura 28 mostra um crescimento exponencial a nível nacional, de 80.000 para cerca de 180.000 trabalhadores em apenas dez anos. O Algarve também regista crescimento, ultrapassando o dobro do número de trabalhadores em TIC no período em análise (de 900 para cerca de 2.500).

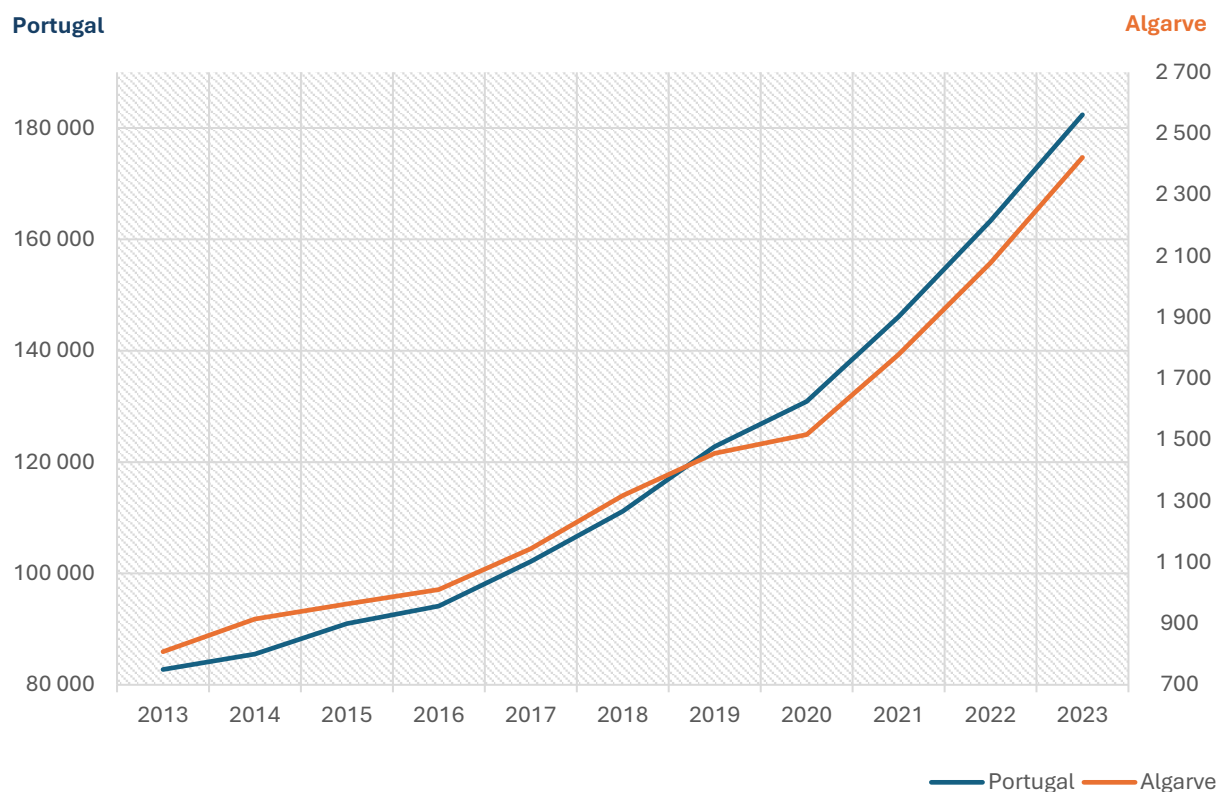


**Figura 27: Evolução do Número de Trabalhadores em Empresas de TIC.** Fonte: PORDATA (2026)

Embora a taxa de crescimento percentual no Algarve seja assinalável (178% face a 125% a nível nacional), a dimensão absoluta do setor é ainda insuficiente para reconfigurar a especialização regional, justificando as dificuldades de convergência em termos de valor acrescentado e rendimentos face à média nacional (Figura 27).

### Índice de Poder de Compra em Relação à Média Nacional

O índice de poder de compra (Figura 28) sintetiza a relação entre rendimento disponível e capacidade de consumo. O Algarve, como um todo, mantém-se próximo da média nacional (índice 100), mas com uma tendência de ligeiro declínio desde 2017. Olhando para o nível municipal, o caso de Faro é paradigmático, pois embora detenha o maior poder de compra, registou uma quebra abrupta de 135 em 2017 para cerca de 115 em 2023.

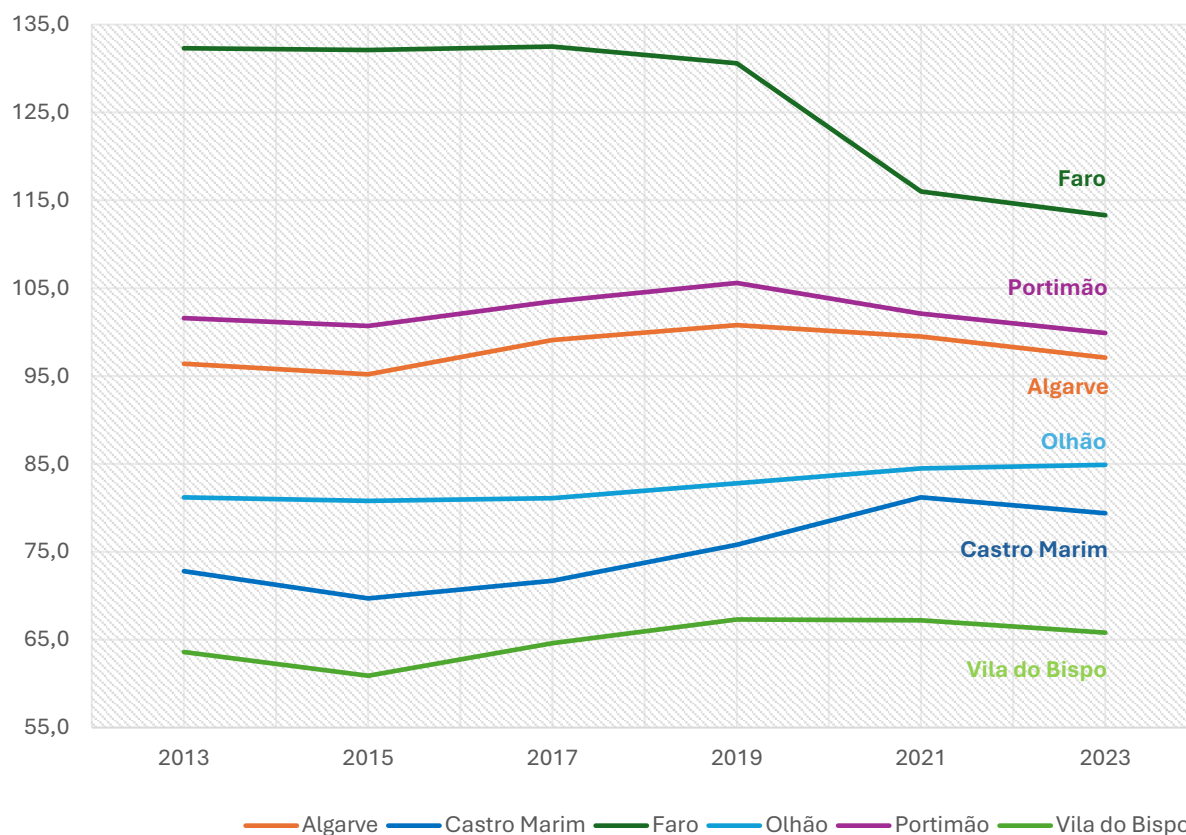


**Figura 28 Evolução do Índice Poder de Compra em Relação à Média Nacional.** Fonte: PORDATA (2026)

Os municípios de Castro Marim e de Vila do Bispo permanecem em níveis de poder de compra muito baixos (entre 65 e 75). Esta dualidade evidencia que a riqueza gerada na região algarvia não se distribui equitativamente pelo território e não beneficia a maioria da população residente. Deste modo, a erosão do poder de compra no Algarve, agravada pelo custo da habitação, coloca os residentes numa situação de desvantagem face ao resto do país.

### Taxa Bruta de Natalidade

Na taxa bruta de natalidade, que mede o número de nascimentos ocorridos numa população durante um ano, em relação ao total da população, o Algarve mantém, de forma resiliente, um desempenho superior à média nacional (Figura 29)

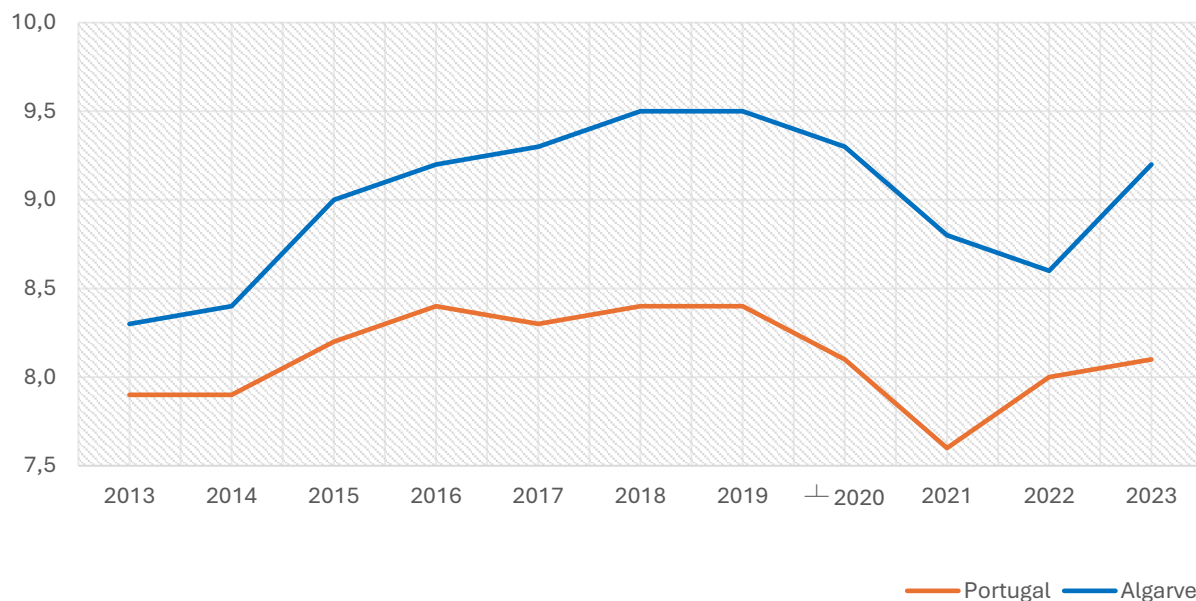


**Figura 29: Evolução da Taxa Bruta de Natalidade.** Fonte: PORDATA (2026)

Ao longo de quase toda a década, o Algarve posicionou-se acima dos valores de Portugal, atingindo picos de vitalidade demográfica em 2016 e 2018-2019, aproximando-se dos 9,5 nados-vivos por mil habitantes. Em contraste, a média nacional permaneceu estagnada em patamares inferiores, raramente ultrapassando os 8,4 no mesmo período. O impacto da pandemia em 2020 e 2021 provocou uma quebra significativa na natalidade algarvia, que desceu para o seu valor mínimo de 8,6, em 2022. Embora Portugal também tenha registado uma quebra (atingindo o ponto crítico de 7,6 em 2021), a recuperação no Algarve a partir de 2022 demonstra uma maior dinâmica demográfica, terminando o ano de 2023 com uma tendência de subida em direção aos 9,2, enquanto o país recupera de forma mais lenta para os 8,1 (Figura 30).

O facto de a região, face ao todo nacional, ter uma natalidade mais elevada, e simultaneamente ganhos médios mais baixos e menor taxa de diplomados, tal como foi previamente assinalado, é revelador de um paradoxo social. Este consubstancia-se no facto de o Algarve apresentar uma taxa de natalidade mais elevada, mas num contexto económico mais desfavorável, face à média nacional.

### População Estrangeira Residente

A trajetória ascendente da proporção de residentes estrangeiros entre 2013 e 2024, destaca o Algarve do restante panorama nacional, relativamente à enorme incidência de residentes estrangeiros (Figura 30). No início da série temporal, em 2013, a região já apresentava uma base de 13% de população estrangeira face aos modestos 4% registados na média do país, mas foi a partir de 2018 que se verificou um ponto de inflexão crítico. Enquanto Portugal seguiu um crescimento gradual e contido, o Algarve encetou uma subida quase exponencial que culminou, em 2024, numa proporção de 34,0%, valor este que é mais de três vezes superior à média nacional de 10,0%.

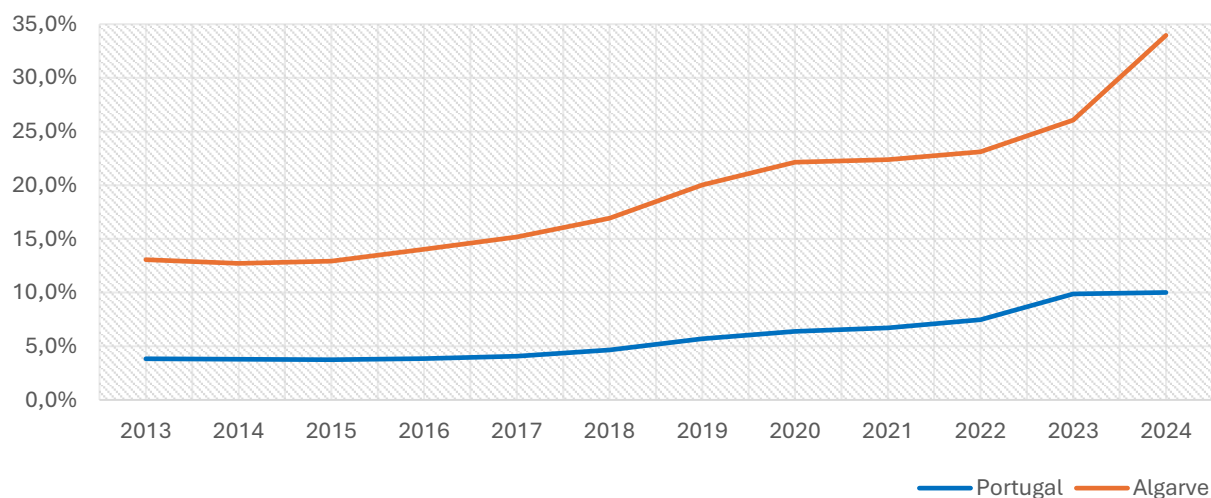


**Figura 39: Proporção de População Estrangeira Residente (%).** Fonte: Cálculos próprios com base em PORDATA (2026), AIMA (2025, 2024) e SEF/GEFP (2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022)

A maior presença relativa de população estrangeira na região do Algarve acaba por funcionar como um mecanismo de compensação demográfica e laboral, atenuando quebras de população ativa. No entanto, evidencia a incapacidade da região em fixar a sua própria população jovem, sendo o consequente défice de capital humano colmatado pela imigração.

Por outro lado, a distribuição etária da população estrangeira é crucial para perceber se contribui para emprego, quando concentrada em idades ativas, ou se contribui para a pressão nos serviços públicos, quando concentrada em idades mais avançadas. A Figura 32 ajuda, deste modo, a explicar a complexidade social do Algarve. Ao contrário do perfil nacional, onde a imigração é maioritariamente jovem e em idade ativa, no Algarve observa-se um perfil bimodal.

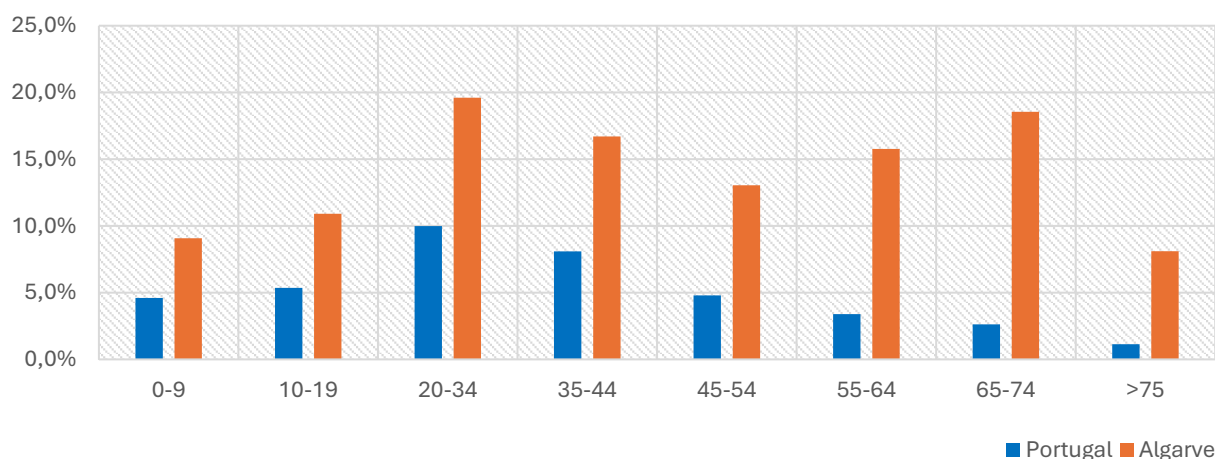


**Figura 31: Proporção de População Estrangeira Residente face à População Portuguesa Residente, por Faixa Etária, em 2021 (%)** Fonte: Cálculos próprios com base em INE (2022)

Como é possível verificar, existe um pico significativo na faixa dos 20-34 anos (próximo dos 20%), que constitui a base da força de trabalho para os setores do turismo e agricultura. No entanto, surge um segundo pico muito relevante na faixa dos 65-74 anos (cerca de 18%), representando

os residentes reformados de origem estrangeira. Esta estrutura demográfica bimodal impõe desafios urgentes. Por um lado, identifica-se a necessidade de infraestruturas para uma classe trabalhadora jovem e migrante. Por outro lado, há também uma procura acrescida de cuidados de saúde especializados para uma população idosa estrangeira com elevado poder de compra, mas que sobrecarrega o sistema público regional.

A enorme distância entre as colunas do Algarve e de Portugal (Figura 32), em quase todas as faixas etárias, reforça a ideia de que, no que se refere à imigração, o Algarve é um território demograficamente excecional. Neste âmbito, o planeamento e a gestão demográfica da região requerem políticas públicas específicas.

### Índice de Sustentabilidade Potencial

O Índice de Sustentabilidade Potencial, que quantifica o número de pessoas em idade ativa (15 a 64 anos) por cada 100 pessoas com 65 ou mais anos, constitui um dos indicadores mais reveladores da pressão sobre a segurança social e os serviços de saúde. A análise da Figura 32 evidencia uma tendência claramente descendente tanto para Portugal como para o Algarve, revelando uma perda gradual das condições associadas à sustentabilidade ao longo da última década.

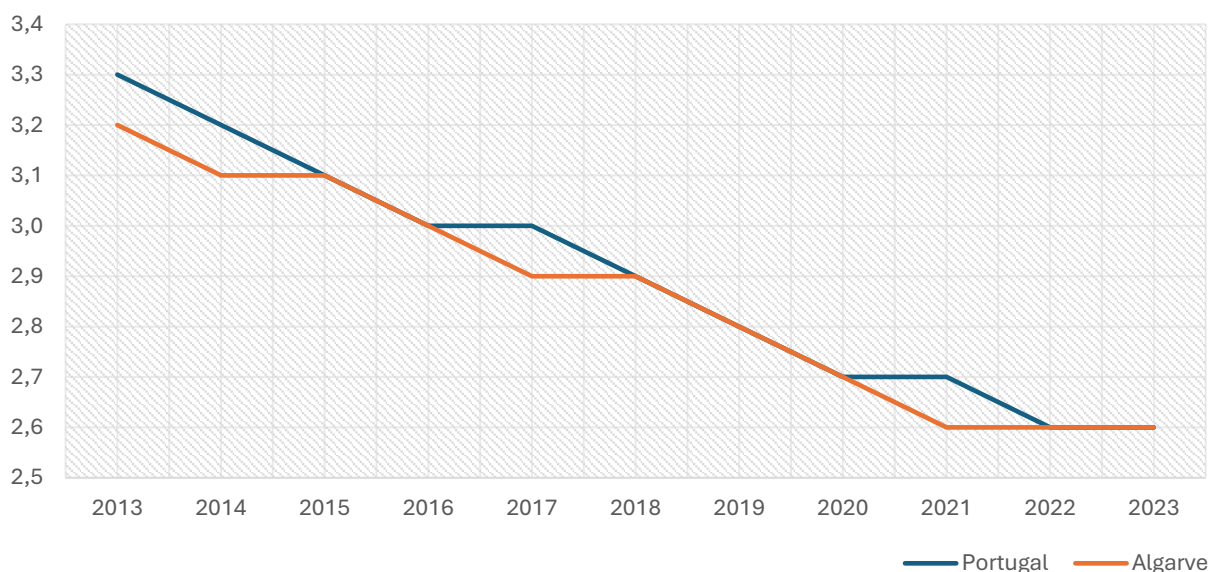


**Figura 32: Evolução do Índice de Sustentabilidade Potencial.** Fonte: PORDATA (2026)

Em 2013, Portugal apresentava um rácio aproximado de 3,3, enquanto o Algarve se situava ligeiramente abaixo, em torno de 3,2. Desde então, observou-se um declínio progressivo, impulsionado por fatores estruturais transversais, como o acentuado envelhecimento demográfico, a baixa taxa de natalidade e a dificuldade em reter ou atrair população jovem em idade reprodutiva de forma permanente. Não obstante, entre 2021 e 2023, o índice aparenta estabilizar em torno de 2,6, um patamar historicamente baixo que sinaliza uma fragilidade estrutural na renovação das gerações.

## Índice de Envelhecimento

O índice de envelhecimento (Figura 33), que quantifica o número de idosos por cada 100 jovens, evidencia uma tendência de crescimento contínuo tanto em Portugal como no Algarve, refletindo o progressivo envelhecimento da população ao longo da última década. Em 2013, Portugal apresentava um valor aproximado de 136, enquanto o Algarve se situava ligeiramente abaixo, em torno de 131, indicando já uma estrutura demográfica envelhecida, mas menos acentuada na região algarvia.

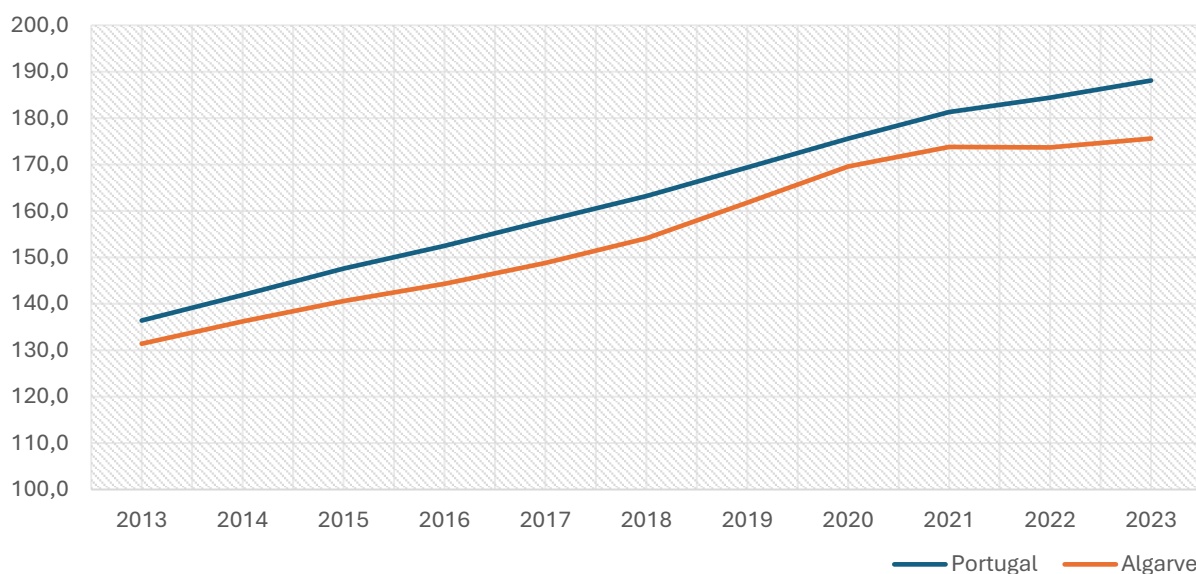


**Figura 33: Evolução do Índice de Envelhecimento.** Fonte PORDATA (consultado em 2026)

Ao longo da década, observa-se um aumento consistente em ambos os casos, com Portugal a manter sempre valores superiores aos do Algarve. Esta evolução sugere que o envelhecimento populacional é um fenómeno generalizado no país, ainda que com alguma variação regional. Entre 2013 e 2018, o crescimento é gradual e relativamente estável, mas a partir de 2019 torna-se mais acentuado, sobretudo até 2021, período em que os valores sobem de forma mais expressiva. Em Portugal, o índice ultrapassa os 180 em 2021, enquanto o Algarve se aproxima dos 175.

Nos anos mais recentes, entre 2021 e 2023, o crescimento abranda ligeiramente, sobretudo no Algarve, onde se observa uma quase estabilização, embora ainda com uma ligeira subida até cerca de 176. No mesmo período, Portugal continua a registar um aumento moderado, atingindo aproximadamente 188 em 2023. Esta diferença sugere que, o ritmo de envelhecimento populacional no Algarve é ligeiramente menos intenso do que no conjunto do país, devido, nomeadamente, aos fluxos migratórios.

Esta situação é reveladora das implicações significativas para a sustentabilidade social e económica, nomeadamente ao nível da pressão sobre os sistemas de proteção social, da redução da população ativa e da necessidade de adaptação das políticas públicas às características de uma população cada vez mais envelhecida.

### Taxa de Residentes com Formação Superior

A evolução da taxa de residentes com idade superior a 15 anos com formação superior, entre 2013 e 2023 (Figura 34), revela uma tendência de crescimento contínuo tanto em Portugal como no Algarve, evidenciando uma progressiva qualificação da população ao longo da última década. Em 2013, Portugal apresentava um valor em torno de 15,2%, enquanto o Algarve registava cerca de 14,5%, indicando já uma ligeira diferença a favor do contexto nacional.

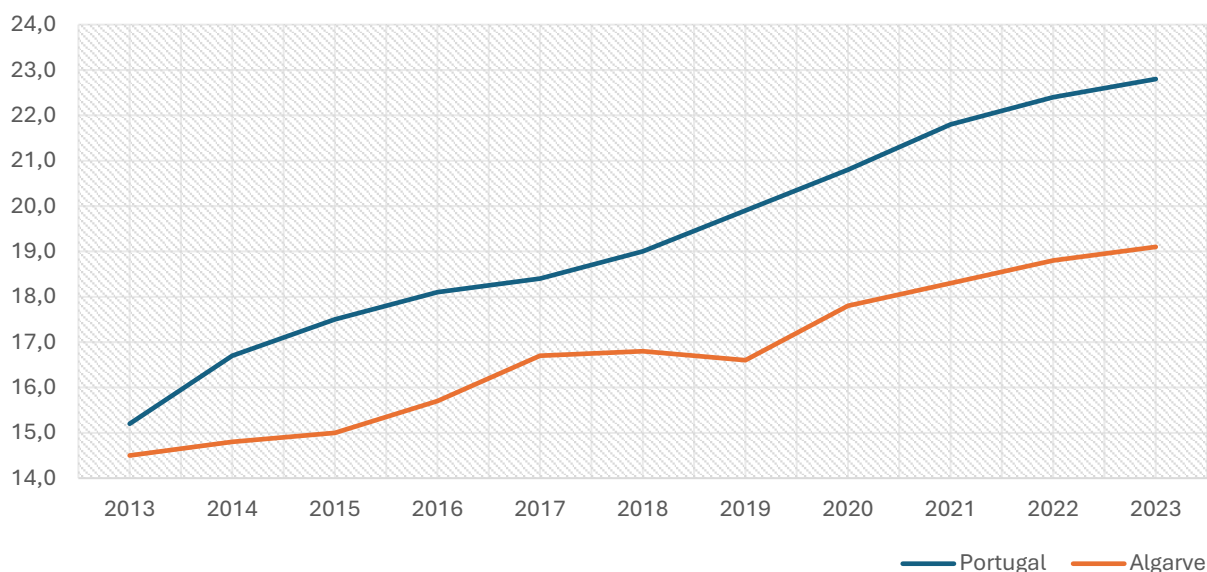


**Figura 34: Evolução da Taxa de Residentes com Idade Superior a 15 anos com Formação Superior**  
Fonte: PORDATA (2026)

Embora a proporção de residentes com ensino superior na população com 15 ou mais anos constitua um indicador relevante de qualificação global do território, a análise das faixas etárias mais jovens permite captar de forma mais precisa a capacidade atual de formação de capital humano e a evolução recente do acesso ao ensino superior.

### Taxa de Escolarização no ensino superior

A relação percentual entre o número de estudantes matriculados em cursos de formação inicial, com idade de 18 a 22 anos, e a população residente dos mesmos níveis etários revelou também valores muito abaixo da média nacional (Figura 35). Nos últimos 20 anos, a taxa de escolarização no ensino superior no Algarve passou de 18,9% para 25,4% (2024), enquanto, no mesmo período, a média nacional evoluiu de 27,5% para 42,8%.

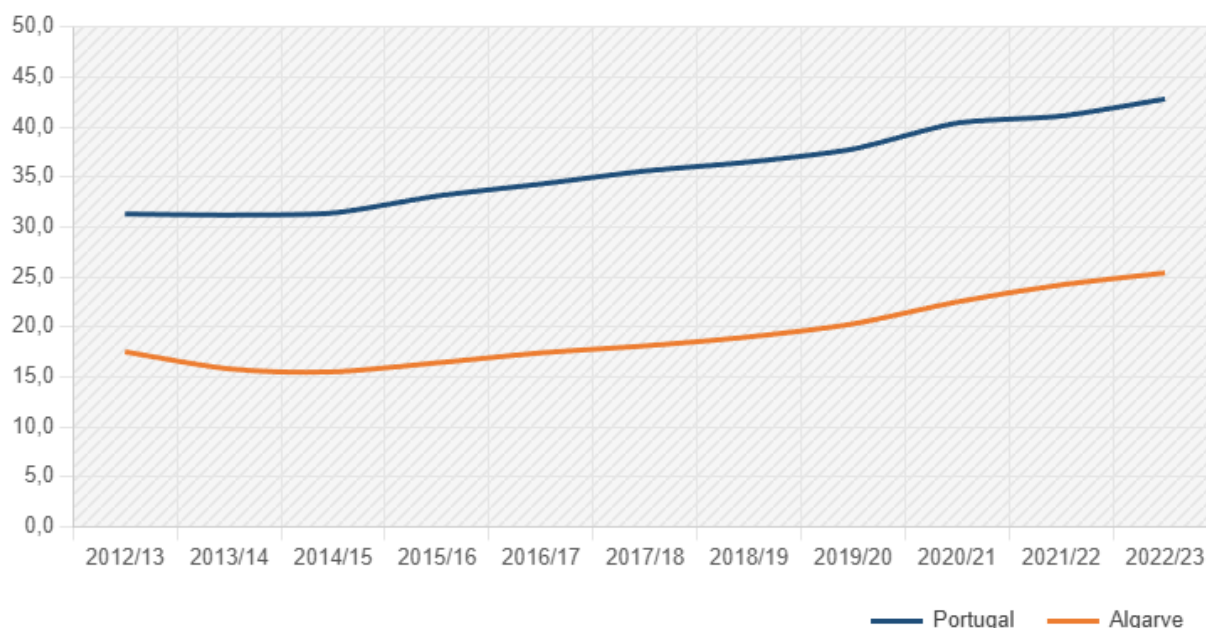


**Figura 35: Relação percentual entre o número de estudantes matriculados em cursos de formação inicial, com idade 18-22 anos e a população residente dos mesmos níveis etários.**

Fonte INE

Ao longo da década, observa-se um aumento consistente, embora Portugal mantenha sempre valores superiores aos do Algarve e essa diferença tenda a acentuar-se, evidenciando um desfasamento crescente no nível de qualificação da população nas diferentes regiões do país. Entre 2013 e 2016, o crescimento é gradual, com uma subida mais acentuada em Portugal, que ultrapassa os 18%, enquanto o Algarve cresce a um ritmo mais moderado. Entre 2017 e 2019, a evolução continua positiva, ainda que com alguma desaceleração no Algarve, onde se verifica até uma ligeira quebra em 2019, contrastando com a subida contínua observada a nível nacional. A partir de 2020, ambas as curvas evidenciam um novo impulso de crescimento, particularmente expressivo em Portugal, mas o Algarve, embora o crescimento também seja evidente, este ocorre de forma mais moderada.

O comportamento deste indicador aponta para uma melhoria significativa do capital humano, com implicações positivas ao nível da empregabilidade, da inovação e da competitividade territorial. No entanto, no caso do Algarve, o crescimento mais lento poderá refletir características estruturais da economia regional, fortemente assente em setores como o turismo, que tradicionalmente apresentam menores níveis de exigência em termos de qualificações formais, reforçando a necessidade de políticas que promovam a diversificação económica e o investimento em educação e formação. Pois menos frequência do ensino superior e menos diplomados, sobretudo aos níveis avançados, significa menos massa crítica científica, menos gestão profissionalizada nas empresas e um mercado de trabalho preso a empregos de qualificação baixa a intermédia.

No ano letivo de 2021/2022, 48,7% dos estudantes inscritos no 12.º ano estavam nos municípios do Barlavento algarvio, mas os estudantes residentes nesses municípios representam apenas 24% dos estudantes inscritos Total inscritos UAlg em cursos de grau.

## Balanço Anual da Educação

O Balanço Anual da Educação 2026 evidencia que o Algarve ocupa uma posição singular no contexto nacional, combinando forte dinamismo económico e demográfico, sustentado pelos setores do turismo, da construção, dos serviços e da agricultura intensiva, com desafios educativos persistentes que condicionam a qualificação futura da região. O crescimento da população escolar, impulsionado pela imigração, permitiu contrariar a quebra demográfica observada noutras regiões do país, mas trouxe uma maior diversidade de contextos sociais, culturais e educativos para as escolas algarvias. Paralelamente, a região apresenta indicadores de vulnerabilidade socioeconómica particularmente elevados, refletidos nas altas taxas de beneficiários de Ação Social Escolar e nos baixos níveis de qualificação das mães de origem lusófona, entre as quais apenas 20% possuem ensino superior. Estes fatores constituem condicionantes relevantes para os percursos educativos dos jovens, uma vez que o capital escolar das famílias continua a ser um dos mais importantes preditores do sucesso académico e das aspirações de prosseguimento de estudos.

Neste contexto, assume especial preocupação o facto de o Algarve surgir de forma recorrente entre os territórios com piores resultados escolares, designadamente nas provas de Matemática do 9.º ano, bem como nos indicadores de retenção e abandono escolar. O relatório identifica o Sul do país, incluindo o Algarve, como uma das áreas onde o mau desempenho escolar tende a concentrar-se e a perpetuar-se ao longo dos diferentes níveis de ensino, comprometendo a progressão para percursos académicos mais exigentes e para o ensino superior. Esta realidade torna particularmente relevante o reforço dos mecanismos de transição e acolhimento no ensino superior algarvio, de forma a garantir que os estudantes oriundos da região, frequentemente provenientes de contextos socioeconómicos mais frágeis, encontrem condições adequadas para superar lacunas prévias, desenvolver competências académicas e concluir com sucesso os seus percursos formativos.

Por outro lado, a crescente diversidade da população estudantil exige que as instituições de ensino superior do Algarve reforcem políticas de inclusão e acompanhamento que abranjam simultaneamente estudantes portugueses e estudantes internacionais. O desafio não se limita à integração dos estudantes estrangeiros, cuja presença continuará a aumentar em resultado das dinâmicas migratórias e económicas da região. Importa igualmente apoiar os estudantes algarvios que são frequentemente os primeiros das suas famílias a aceder ao ensino superior e que podem enfrentar dificuldades académicas, financeiras ou de adaptação à vida universitária. O risco de abandono não deve ser analisado apenas numa perspetiva migratória, mas sobretudo numa lógica de coesão territorial e de desenvolvimento regional, reconhecendo que o fortalecimento da qualificação avançada dos jovens residentes é uma condição essencial para diversificar a economia algarvia, reduzir a dependência de atividades de baixa qualificação e aumentar a capacidade de inovação e competitividade da região.

Assim, os dados do Balanço Anual da Educação 2026 reforçam a necessidade de uma estratégia integrada para o Algarve, articulando melhoria das aprendizagens nos ensinos básico e secundário, valorização da literacia e qualificação das famílias, reforço da ação social e desenvolvimento de programas robustos de acolhimento, mentoria e sucesso académico no ensino superior. Apenas através desta abordagem será possível evitar o agravamento das

desigualdades educativas existentes e assegurar que a crescente diversidade social e cultural da região se transforma num fator de desenvolvimento económico e humano, contribuindo para aumentar a qualificação dos recursos humanos e a sustentabilidade futura da economia algarvia.

### Taxa de Trabalhadores com Formação Superior

A análise da evolução da taxa de empregados com formação superior no Algarve, conforme ilustrado na Figura 36, revela um cenário de divergência preocupante em relação à trajetória nacional. Enquanto Portugal apresenta um crescimento robusto, elevando a qualificação da sua força de trabalho de 22,7% em 2013 para 32,4% em 2023, o Algarve demonstra uma progressão muito mais lenta e irregular, fixando-se em apenas 26,2% no final do período. Esta evolução regional é marcada por períodos de estagnação e até de retrocesso, como o observado entre 2018 e 2019, o que evidencia uma dificuldade estrutural da economia algarvia em absorver e reter quadros altamente qualificados.

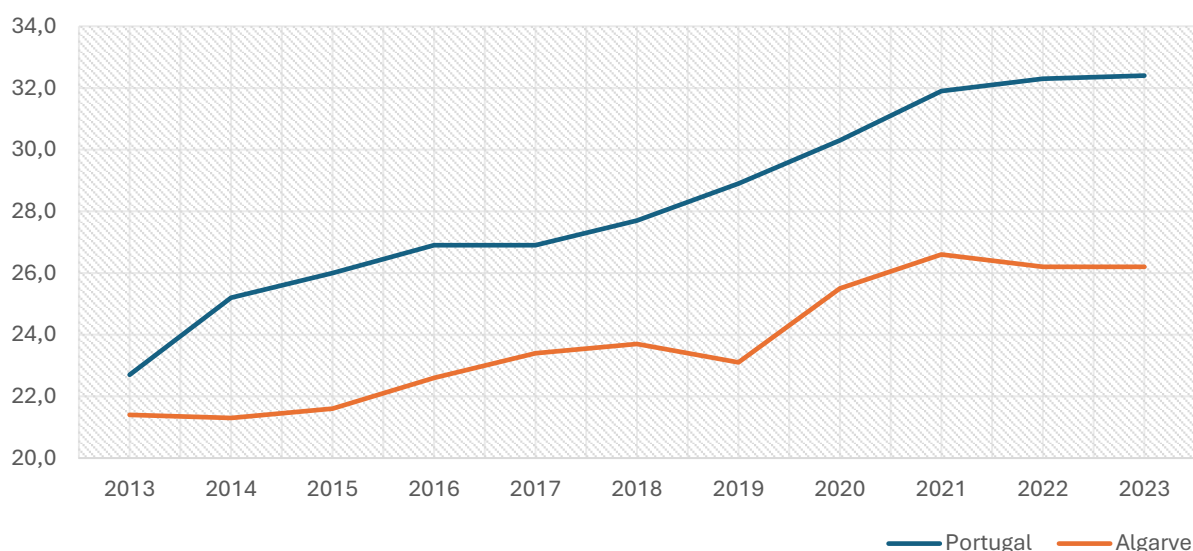


**Figura 36: Evolução da Taxa de Empregados com Formação Superior.** Fonte: PORDATA (2026)

Ao comparar este indicador com a taxa de residentes com formação superior, ilustrado na Figura anterior, a situação menos vantajosa do Algarve torna-se ainda mais evidente. Em termos nacionais, o aumento da qualificação da população residente é acompanhado por uma integração eficaz no mercado de trabalho qualificado. No Algarve, o hiato face ao país é mais profundo entre os empregados do que entre os residentes, o que sugere que a região não só tem menos habitantes qualificados, como o seu tecido produtivo (especializado em setores de baixo valor acrescentado e elevada sazonalidade) oferece poucas oportunidades para quem possui uma escolaridade de nível superior.

Este desfasamento é indicativo de que, mesmo quando a qualificação dos residentes aumenta, o mercado de trabalho local não tem capacidade para absorver esse aumento de mão-de-obra qualificada. Esta situação, em última análise, resulta numa baixa retenção no Algarve destes

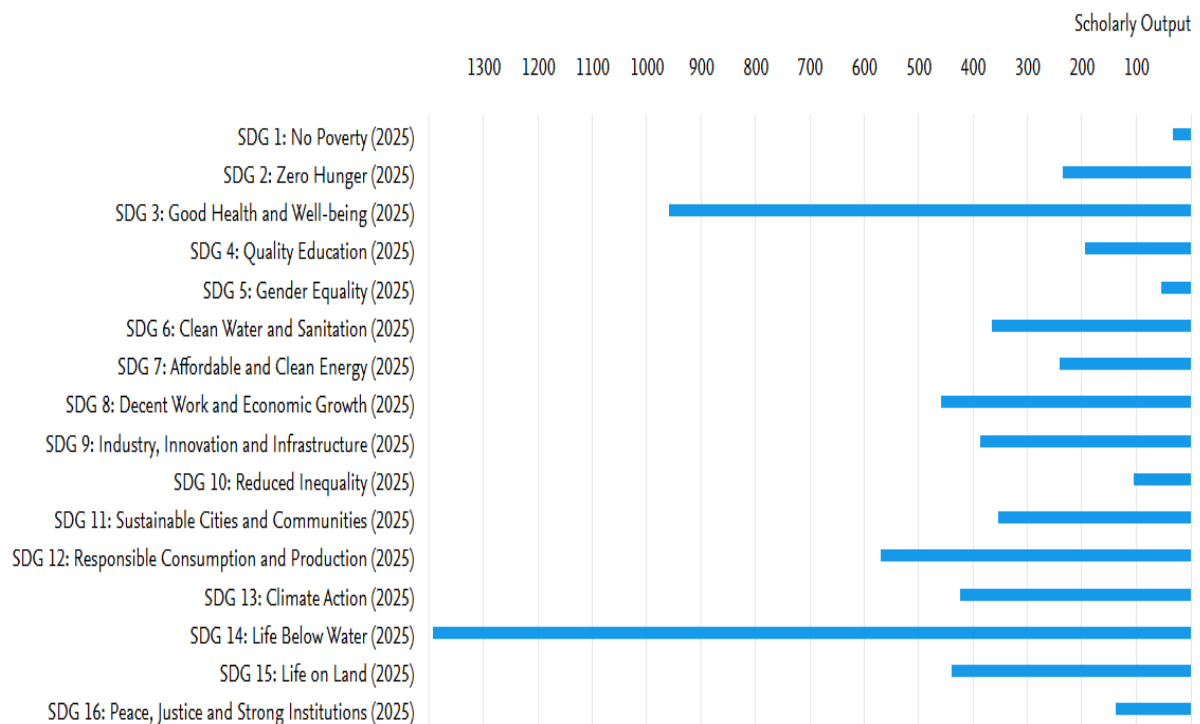
recursos humanos altamente qualificados ou numa subutilização de competências, o que reforça a urgência de investimento público para diversificar a base económica regional e criar empregos que exijam e valorizem o capital humano qualificado.

### Produção científica e inovação

A produção científica do Algarve, no contexto nacional, apresenta um volume bastante inferior ao das regiões mais dinâmicas e populadas, como o Norte, o Centro e, sobretudo, a Grande Lisboa, que concentram a maioria das publicações entre 2015 e 2024. Tal associa-se também ao facto de no Algarve (num universo de 489 doutorandos da UAlg), a proporção é de cerca de 1 doutorando por 1.000 habitantes, ou seja, aproximadamente metade da média nacional, que se situa em cerca de 2,4 por 1.000 habitantes. No entanto, quando analisados indicadores relativos e qualitativos, o Algarve revela desempenhos competitivos, quer em número de publicações por milhão de habitantes, por destacar-se pela elevada colaboração internacional (cerca de 61%, a mais alta entre as regiões portuguesas) e por níveis de impacto científico próximos ou ligeiramente acima da média em alguns indicadores, como o impacto normalizado de citações.

A análise do impacto da produção científica da UAlg revela que mais de metade das publicações (54%) referenciam financiamento, sendo a FCT o principal financiador (presente em cerca de 74% das publicações financiadas), frequentemente em articulação com fundos europeus. Embora o Algarve não concentre os maiores volumes de financiamento, à semelhança do seu menor peso na produção total, beneficia significativamente de redes internacionais e cofinanciamento, o que contribui para a qualidade e visibilidade da sua ciência. Assim, o principal traço distintivo da região não é a escala, mas sim a integração internacional e a eficiência qualitativa da produção científica.

Na análise do impacto da investigação científica mediada em publicações com impacto em ODS específicos (RAI-Índice de Atividade Relativa), a UAlg demonstra um contributo efetivo no avanço do ODS 14, exibindo um nível de envolvimento que é 14 vezes superior à média global, e 3 vezes superior à media nacional (destacado a azul e vermelho no gráfico RAI, respetivamente), para o (ODS 8 Trabalho Digno) ODS 12 (Consumo e Produção Responsável), ODS 13 (Ação Climática), ODS 15 (Proteger a Vida Terrestre) (SCOPUS-SCIVAL) (Figura 37).



#### Índice de Atividade Relativa dos ODS

— Universidade do Algarve  
— Portugal  
— Mundo



**Figura 37: Impacto total e relativo das publicações científicas da UAlg (2015-2024) nos objetivos de desenvolvimento sustentável.** Fonte: Scopus-Scival- Consultada a 26-5-2026°. Índice de Atividade Relativa (RAI) da UAlg é definido como a quota-parte das publicações numa área temática, em relação à quota parte global de publicações na mesma área.

Em 2023, o Algarve apresentava um retrato sólido de consolidação do seu setor tecnológico, traduzido em métricas objetivas<sup>1,2</sup>: a região contava com 1.381 empresas de base tecnológica, responsáveis por 2.971 postos de trabalho diretos e pela geração de 104,7 M€ de Valor Acrescentado Bruto (VAB) — um sinal claro de consolidação do setor tecnológico no contexto regional. Esse dinamismo ficou ainda mais evidente quando consideramos o ciclo 2019–2023, com referência a +603 novas empresas em setores de alta e média-alta tecnologia e serviços intensivos em conhecimento, +1.086 pessoas ao serviço e +64,5 M€ de VAB, traduzindo uma trajetória de crescimento que reforça a capacidade de atrair e reter talento e de transformar conhecimento em valor económico. E, em 2025, essa trajetória não só se mantém como é reconhecida em sede europeia: o *Regional Innovation Scoreboard* 2025 confirma a progressão do Algarve (PT15) no quadro do desempenho regional, integrando-o no universo das regiões inovadoras moderadas (grupo “Moderate”), com melhoria acumulada desde 2018 e evolução positiva no período recente (+4,3 p.p. entre 2023 e 2025), o que valida a consistência do caminho feito. É por isso que, agora, a ambição deve ser proporcional aos resultados: alinhar e aprofundar a capacidade instalada, reforçando a articulação entre empreendedorismo, instrumentos europeus e produção científica, e potenciando as alavancas do Programa Regional Algarve 2030 — de infraestruturas tecnológicas e científicas, de apoio empresarial para novas empresas de base tecnológica e humanista (com destaque para as *spin-off* universitárias e “start-ups”) e qualificação — para consolidar ganhos, estimular talento e ambicionar posições mais elevadas nos próximos ciclos do *Innovation Scoreboard*, colocando o Algarve cada vez mais no mapa europeu do conhecimento.

Os dados do Quadro comparativo Indicadores I&D no Algarve, Portugal e EUROPA em 2024 Fontes: CCDR Algarve — Destaque IPCTN 2024, CRIA UAlg (pagina seguinte - 48) evidenciam que Portugal apresenta um desempenho intermédio nos indicadores de investigação e inovação quando comparado com a média da União Europeia e com os países europeus mais inovadores, enquanto o Algarve revela valores significativamente inferiores à média nacional na maioria dos indicadores. Destaca-se particularmente a reduzida despesa em investigação e desenvolvimento (I&D) na região algarvia (0,49% do PIB), muito abaixo da média portuguesa (1,73%) e europeia (2,24%). A mesma tendência verifica-se na despesa empresarial em I&D e na proporção de investigadores na população ativa. Apesar destas limitações, o Algarve apresenta uma produção científica relativamente robusta, com 1.826 publicações por milhão de habitantes, valor próximo da média nacional e superior ao de alguns países europeus. Contudo, a fraca capacidade de transformação do conhecimento em inovação económica é visível no reduzido número de pedidos de patentes científicas, que se situa muito abaixo dos valores observados na União Europeia e em países líderes como a Alemanha, os Países Baixos e a Finlândia. Em termos de publicações científicas por habitante, e % de publicações em acesso aberto (Figuras 38-41) o Algarve acompanha a tendência nacional, mas com valores que ainda necessitam de convergência. Tal sugere que o principal desafio do Algarve reside no reforço do investimento em I&D e na disseminação e aplicação dos resultados da investigação.

---

<sup>1</sup> [https://ec.europa.eu/assets/rtd/ris/2023/ec\\_rtd\\_ris-regional-profiles-portugal.pdf](https://ec.europa.eu/assets/rtd/ris/2023/ec_rtd_ris-regional-profiles-portugal.pdf)

<sup>2</sup> [https://www.oecd.org/content/dam/oecd/pt/publications/reports/2023/05/rethinking-regional-attractiveness-in-the-algarve-region-of-portugal\\_299344ef/a6cbf03e-pt.pdf](https://www.oecd.org/content/dam/oecd/pt/publications/reports/2023/05/rethinking-regional-attractiveness-in-the-algarve-region-of-portugal_299344ef/a6cbf03e-pt.pdf)

**Quadro comparativo Indicadores I&D no Algarve, Portugal e EUROPA em 2024** Fontes:  
 CCDR Algarve — Destaque IPCTN 2024, CRIA UAlg

| Indicadores I&D                                    | Portugal                     | UE27  | Espanha | Alemanha | Países Baixos | Finlândia |
|----------------------------------------------------|------------------------------|-------|---------|----------|---------------|-----------|
| <b>Despesa em I&amp;D (% PIB)</b>                  | <b>1,73 (Algarve 0.49)</b>   | 2,24  | 1,50    | 3,13     | 2,29          | 3,22      |
| <b>Despesa empresarial em I&amp;D (% do PIB)</b>   | <b>1,08 (Algarve 0.18)</b>   | 1,49  | 0,84    | 2,14     | 1,61          | 2,19      |
| <b>Investigadores ETI (% da população ativa)</b>   | <b>1,59 (Algarve ≈ 0,37)</b> | 1,59  | 1,22    | 1,98     | 2,03          | 2,28      |
| <b>Publicações científicas(milhão hab)</b>         | <b>1 971 (Algarve 1 826)</b> | 1 682 | 1 599   | 1 540    | 2 766         | 3 103     |
| <b>Pedidos de patentes científicas(milhão hab)</b> | <b>33 (Algarve 14)</b>       | 152   | 45      | 300      | 393           | 428       |

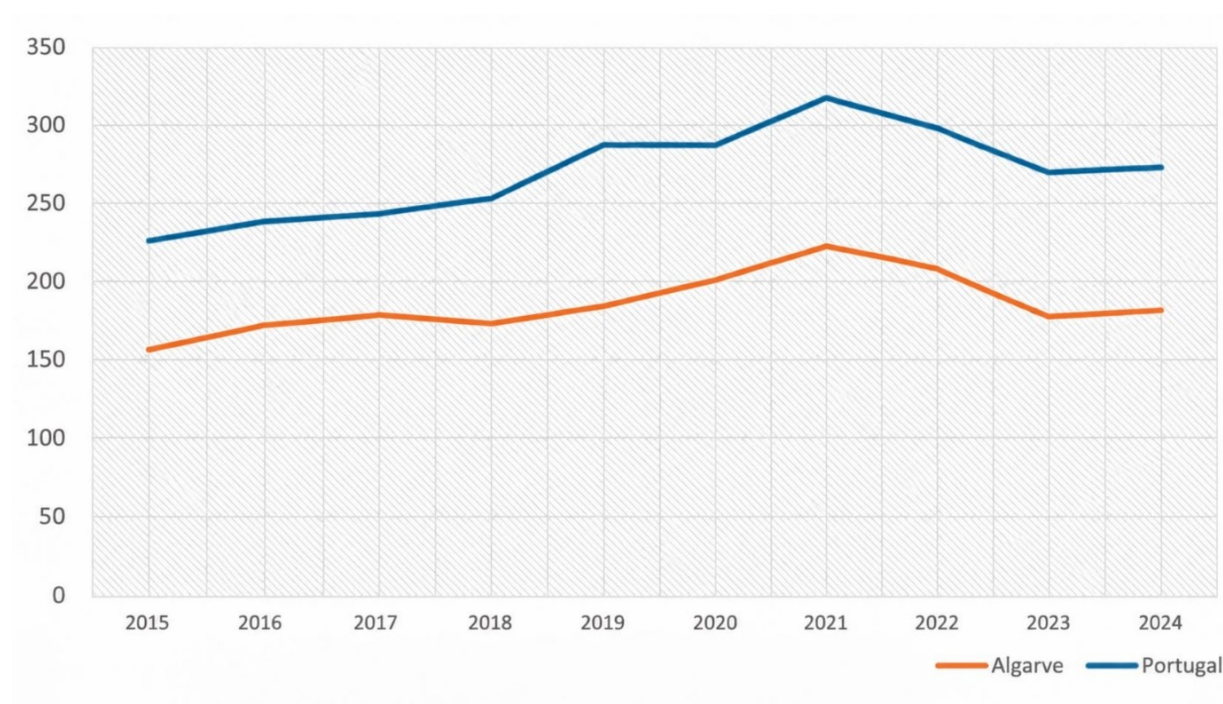


**Figura 38: Evolução do n.º de Publicações por Milhão Habitante** Fonte: Produção Científica\_NUTSII\_2015-2024 <sup>1</sup> Produção Científica Portuguesa, 2015-2024: Indicadores por região - NUTS II Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência Direção de Serviços de Estatísticas da Ciência e Tecnologia e da Sociedade de Informação (DSECTSI). <https://www.dgeec.medu.pt> [Abril de 2026]

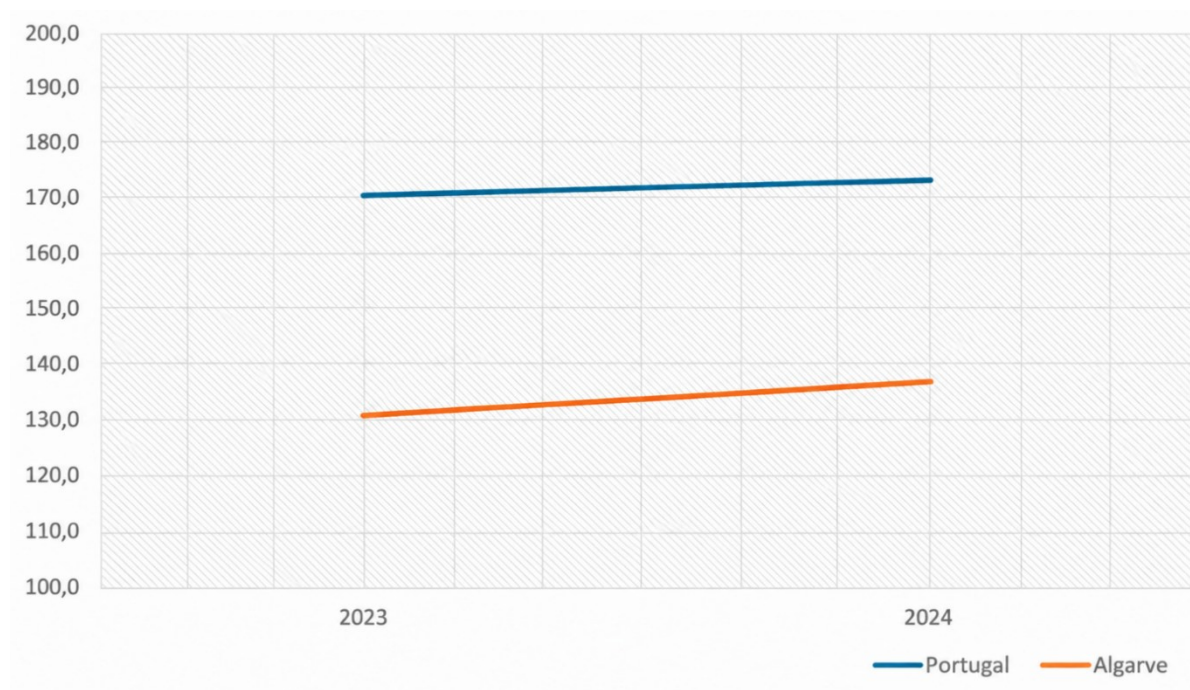


**Figura 39: Pedidos de patente por milhão de habitante** Fonte: INPI & INE

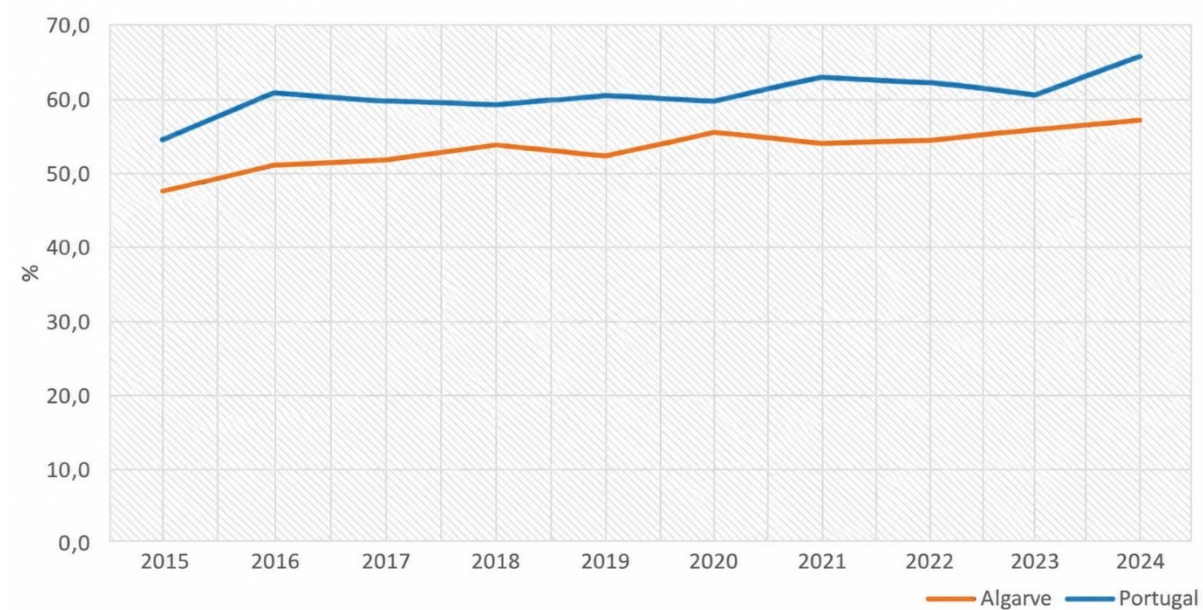


**Figura 40: Publicações Internacionais WOS** Fonte: Produção Científica\_NUTSII\_2015-2024<sup>1</sup> Produção Científica Portuguesa, 2015-2024: Indicadores por região - NUTS II Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência Direção de Serviços de Estatísticas da Ciência e Tecnologia e da Sociedade de Informação (DSECTSI).

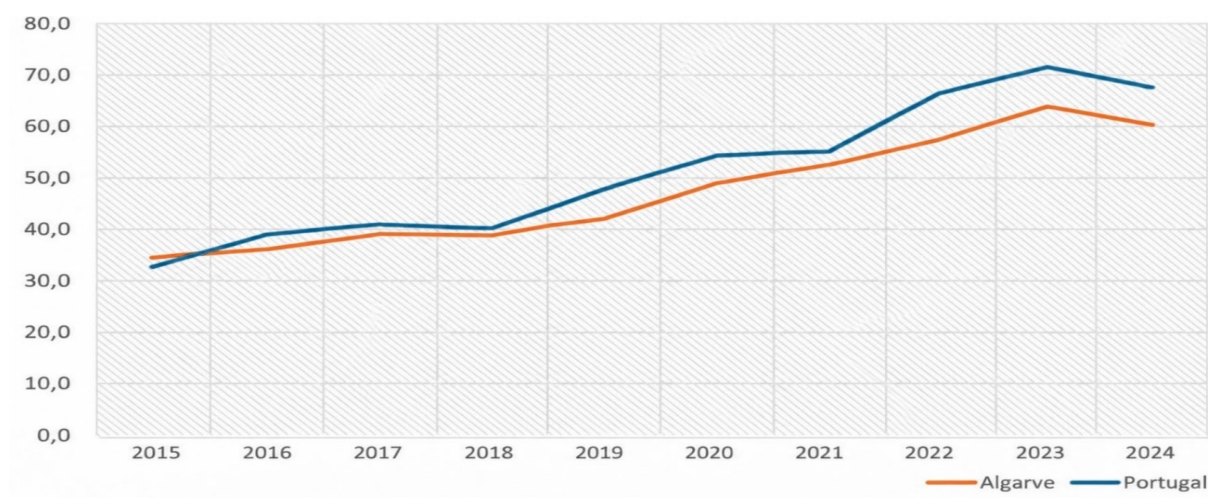


**Figura 41: Percentagem de Publicações Ciência Aberta** Fonte: Produção Científica\_NUTSII\_2015-2024<sup>1</sup> Produção Científica Portuguesa, 2015-2024: Indicadores por região - NUTS II Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência Direção de Serviços de Estatísticas da Ciência e Tecnologia e da Sociedade de Informação (DSECTSI).

### Disseminação da ciência

Com base nos dados disponíveis da Rede Nacional de Centros Ciência Viva e nas estimativas populacionais mais recentes, é possível avaliar a distribuição destas infraestruturas de divulgação científica em Portugal e no Algarve. A nível nacional, a Rede Ciência Viva integra cerca de 22 Centros Ciência Viva, distribuídos por todo o território português. Considerando uma população residente de 10 639 726 habitantes em 2023, verifica-se uma disponibilidade aproximada de 2,1 Centros Ciência Viva por milhão de habitantes.

No caso do Algarve, existem atualmente três Centros Ciência Viva, localizados em Faro, Tavira e Lagos. Tendo por referência uma população regional de 484 122 habitantes em 2023, obtém-se uma razão de cerca de 6,2 Centros Ciência Viva por milhão de habitantes.

Esta análise evidencia uma diferença significativa entre a realidade regional e a média nacional. Este indicador demonstra uma elevada concentração de infraestruturas dedicadas à promoção da cultura científica e tecnológica na região algarvia. Tal realidade assume especial relevância para o fortalecimento da literacia científica da população, para o apoio às atividades de educação e comunicação de ciência, para o desenvolvimento de projetos de envolvimento das comunidades com a investigação científica e para a afirmação do Algarve como destino associado ao turismo científico e educativo. Neste contexto, destaca-se também o papel da Universidade do Algarve, enquanto instituição parceira e dinamizadora de iniciativas de divulgação científica na região.

### Posicionamento e estratégia:

No que se refere ao capital humano, os dados revelam um quadro alarmante quanto à produção e retenção de talento. O número de diplomados por mil habitantes na região corresponde a metade do valor nacional, discrepância que se agrava nos níveis de mestrado e doutoramento, algo que compromete severamente a qualificação dos cidadãos algarvios para o mercado de trabalho, capacidade de investigação, e coprodução de conhecimento para as empresas locais. Embora se registre um crescimento em setores como as TIC, a massa crítica ainda é insuficiente

para transformar o perfil produtivo regional, resultando numa subutilização de competências e potenciando o “*brain drain*” para outras regiões, onde o tecido empresarial é mais qualificado e inovador. No que refere aos aspetos demográficos, o Algarve apresenta tendências excecionais que justificam uma diferenciação urgente ao nível do investimento público. A região possui uma proporção de população estrangeira de 34,8%, i.e., três vezes a média nacional. Esta população caracteriza-se por ter um perfil bimodal peculiar, o qual pressiona os serviços públicos de forma díspar: por um lado, exige infraestruturas para uma classe trabalhadora jovem e migrante; por outro, requer cuidados de saúde para uma população idosa estrangeira residente. Soma-se que, apesar do Algarve manter uma taxa de natalidade superior à do país, o seu contexto de precariedade económica e o elevado custo de vida colocam os seus residentes em desvantagem relativa face ao padrão nacional. Na verdade, a economia regional permanece altamente dependente do turismo e de serviços sazonais, o que condiciona a estabilidade e os níveis de qualificação. Além disso, os dados do Balanço Anual da Educação 2026 reforçam a necessidade de uma estratégia integrada para o Algarve, articulando melhoria das aprendizagens em ensino básico e secundário, com reforço de programas na UAlg de formação de professores.

Em termos genéricos, as tendências sumariadas sugerem quatro implicações principais:

1. Ao longo da década analisada, o Algarve melhora, mas não recupera de forma satisfatória a sua distância para a média nacional em variáveis-chave de competitividade, algo que é revelador de uma baixa convergência.
2. A estrutura produtiva limita salários, dificultando a atração e retenção de talento e limitando, igualmente, a transformação económica. Esta situação perpetua um ciclo de baixos salários/baixa qualificação que é característico da região.
3. O desempenho em indicadores como o índice de envelhecimento e índice de sustentabilidade potencial são reveladores da forte pressão demográfica, reforçando a urgência de aumentar produtividade e massa crítica de população ativa qualificada.
4. O desempenho dos estudantes do ensino secundário no Algarve é dos mais baixos do país, segundo o PORDATA a taxa de conclusão do 3º ciclo fica abaixo dos 85%, taxas de desistências elevadas e a taxa real de escolarização 87,5% abaixo de regiões como Alentejo (92.3%), Centro (91.1%) e o Norte (93,8%). Tal reforça a necessidade também de mais investimento na formação continua de professores e no secundário e na habilitação para a docência.

Deste modo, a análise suporta um posicionamento diferenciado do investimento público no Algarve a nível de qualificação superior e aplicação de I&D, o qual tem de ser fortemente direcionado para a diversificação da base económica, requerendo um reforço das dotações orçamentais que considerem a população real e flutuante. Só através de políticas ativas a nível de atração de empresas com suporte de I&D, modernização dos setores tradicionais e transformação e valorização do ensino superior será possível quebrar o ciclo de baixos salários e garantir a sustentabilidade e competitividade da região a longo prazo, bem como a sua projeção internacional. A ambição de contribuir de forma efetiva para a capacitação avançada da Universidade do Algarve, através de modelos de ensino a distância e híbridos, poderá igualmente materializar-se na criação de polos em áreas geográficas estratégicas, nomeadamente no espaço da CPLP. Estes polos, para além de reforçarem a projeção internacional da UAlg, poderão constituir plataformas privilegiadas para a internacionalização das empresas algarvias, permitindo ganhar escala, ampliar o impacto da economia regional noutros continentes e assegurar a formação de recursos humanos qualificados e ajustados às necessidades desses mercados, que beneficiem também a investigação aplicada da UAlg e as empresas algarvias.

## 4. Projeções (cenários)

O País encontra-se atualmente a promover uma mudança de paradigma, evoluindo de uma abordagem centrada exclusivamente nas atividades de I&D (Investigação e Desenvolvimento) para uma visão mais abrangente de I&I (Investigação e Inovação). Esta transformação está a ser impulsionada por diversas iniciativas e por um conjunto de instrumentos legislativos em desenvolvimento pelo Ministério da Educação, Ciência e Inovação, como o novo regime jurídico de graus e diplomas, que permite a criação de licenciaturas, mestrados e doutoramentos de orientação profissional. Neste contexto, a região do Algarve deve posicionar-se estrategicamente para acompanhar esta evolução, alinhar as suas prioridades com as orientações nacionais e maximizar as oportunidades decorrentes deste novo enquadramento político e institucional, que se antecipa que poderá ter impacto na diversificação económica algarvia.

A região do Algarve apresenta um cenário de vulnerabilidade estrutural que, apesar de garantir certa resiliência relativa, caracteriza-se por uma forte incapacidade de convergir com a média nacional em indicadores críticos de produtividade e qualificação. De facto, a trajetória da última década mostra que a região é profundamente condicionada por choques sistémicos, como a crise financeira e a pandemia da COVID-19, sublinhando a dependência excessiva de setores de baixo valor acrescentado e elevada sazonalidade. Lamentavelmente, a especialização regional reflete-se num fosso salarial crescente. Enquanto o país caminha para rendimentos médios mais elevados, o Algarve permanece estagnado em patamares inferiores, com uma diferença que atinge os 200€ mensais, evidenciando uma economia que atrai maioritariamente mão-de-obra pouco qualificada e oferece pouca estabilidade. Desta forma, afigura-se crucial o investimento no ensino superior na qualificação e num maior impacto das atividades de I&D na região algarvia.

De acordo com o recente workshop participado da AI<sup>2</sup> – Agência para a Investigação e Inovação, no âmbito do processo de Avaliação Estratégica em setembro de 2026 na Universidade do Algarve o investimento nas áreas da investigação e Inovação deve ser distribuído 37% em I&D, 31% em Promoção da Inovação e 32% nas áreas estratégicas, e que o resultado da análise mostrou que no Algarve devem orientar-se para a economia do mar e biotecnologia azul, soberania alimentar, saúde e bem estar, soluções territoriais e sustentabilidade e maximizar as oportunidades decorrentes deste novo enquadramento político e institucional. Estes resultados estão também completamente alinhados com a estratégia de especialização inteligente do Algarve 2030 (RIS3).

Desta forma apresenta-se de seguida as projeções de dois cenários principais, para a região algarvia a nível do desenvolvimento do Ensino Superior:

## **Cenário 1 – Manutenção da trajetória atual de desenvolvimento do Ensino Superior no Algarve**

O Algarve mantém uma trajetória de crescimento assente em setores tradicionais, com reduzida diversificação económica, baixos níveis de qualificação da população e limitada capacidade de investigação e inovação. A cooperação entre ensino superior, empresas e sociedade permanece pontual, resultando numa fraca retenção de talento e numa reduzida criação de emprego qualificado. Como consequência, a produtividade e a competitividade regional evoluem lentamente, mantendo-se dependências estruturais e vulnerabilidades económicas.

## **Cenário 2 – Mais Investimento na Qualificação e Investigação -Inovação territorial**

O Algarve reforça a qualificação da população, a retenção de talento e a capacidade de investigação e inovação, tendo a Universidade do Algarve como plataforma de articulação entre ensino, empresas e sociedade. O crescimento do ensino superior, incluindo mais cerca de 2 000 estudantes até 2030 e o desenvolvimento dos campi/polos, como p do Barlavento e da Saúde, e potencia a formação em CTeSP, licenciaturas, mestrados e doutoramentos e orientação profissional e prepara a população do Algarve para os desafios do território de forma mais descentralizada. Através da coprodução de conhecimento entre academia e entidades externas, o capital humano transforma-se em inovação, empreendedorismo e desenvolvimento económico, promovendo uma economia mais diversificada, competitiva e baseada no conhecimento.

A previsão da evolução do número de diplomados nas Instituições de Ensino Superior por mil habitantes no Cenário 1: Manutenção., ilustra neste cenário a continuidade das tendências recentes, sem considerar alterações estruturais significativas na capacidade formativa regional ou no papel da Universidade do Algarve enquanto motor de transformação territorial (Figura 42)

Entre 2013 e 2023, observa-se que o Algarve mantém valores consistentemente inferiores à média nacional. Enquanto Portugal apresenta uma trajetória globalmente crescente, atingindo cerca de 9 diplomados por mil habitantes em 2023, o Algarve permanece num patamar mais baixo, em torno de 4 diplomados por mil habitantes. A previsão até 2030 sugere que, mantendo-se as condições atuais, esta diferença estrutural tenderá a persistir.

No caso nacional, a projeção aponta para uma evolução moderadamente positiva, aproximando-se de 10 diplomados por mil habitantes em 2030. Em contraste, a previsão para o Algarve revela uma evolução praticamente estagnada, situada em torno dos 4 diplomados por mil habitantes, com um intervalo de confiança que evidencia incerteza, mas sem indicar uma convergência robusta com a média nacional.

Assim, o Cenário 1 demonstra que a simples manutenção da trajetória atual não será suficiente para reduzir de forma significativa o défice regional de diplomados no Algarve. Esta leitura reforça a necessidade de políticas ativas de reforço da capacidade formativa, diversificação da oferta de ensino superior e maior retenção de estudantes e diplomados na região.

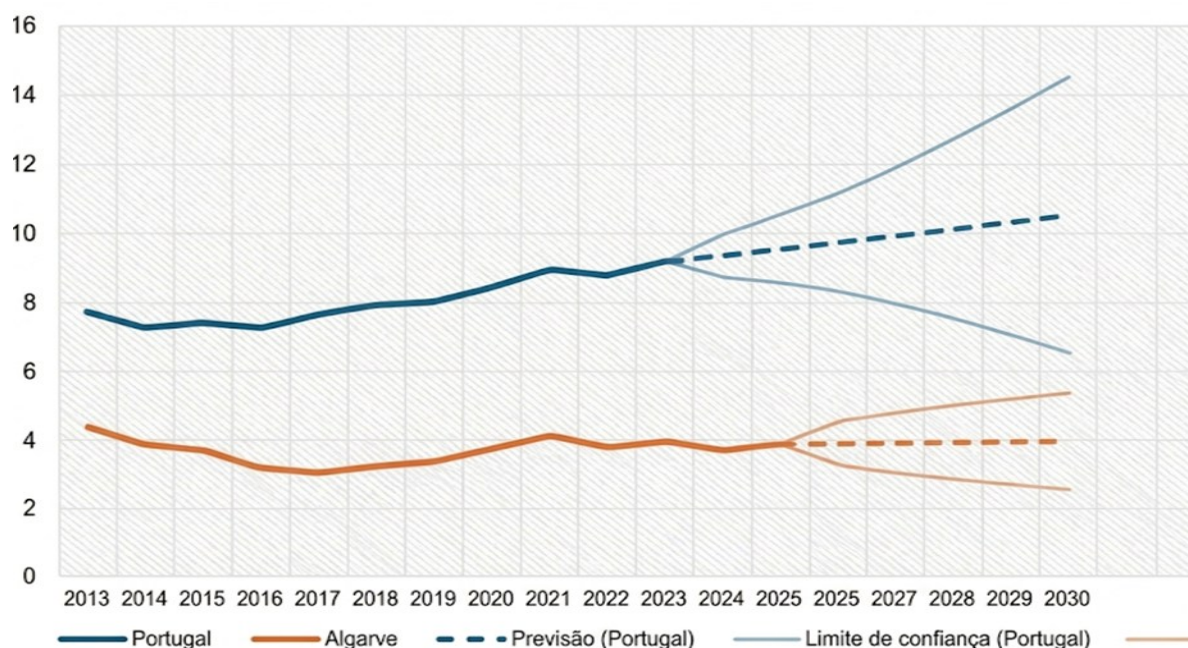


**Figura 42: Projeção de diplomados nas IES por mil habitantes até 2030 (Cenário 1- Manutenção)**

No Cenário 2, sobre a previsão de n.º de Diplomados até 2030, a expansão da UAlg permite projetar uma trajetória de convergência do Algarve com a média nacional. Partindo de 4,56 diplomados por mil habitantes em 2023, o Algarve poderá atingir 7,20 em 2035 e 8,50 em 2040, refletindo o impacto potencial do Campus do Barlavento, do Campus Saúde e do reforço da capacidade de atração e retenção de estudantes. Esta evolução sugere que o investimento no ensino superior pode reduzir o défice estrutural de qualificações da região e reforçar o papel da universidade como motor de transformação económica e territorial (Figura 43).

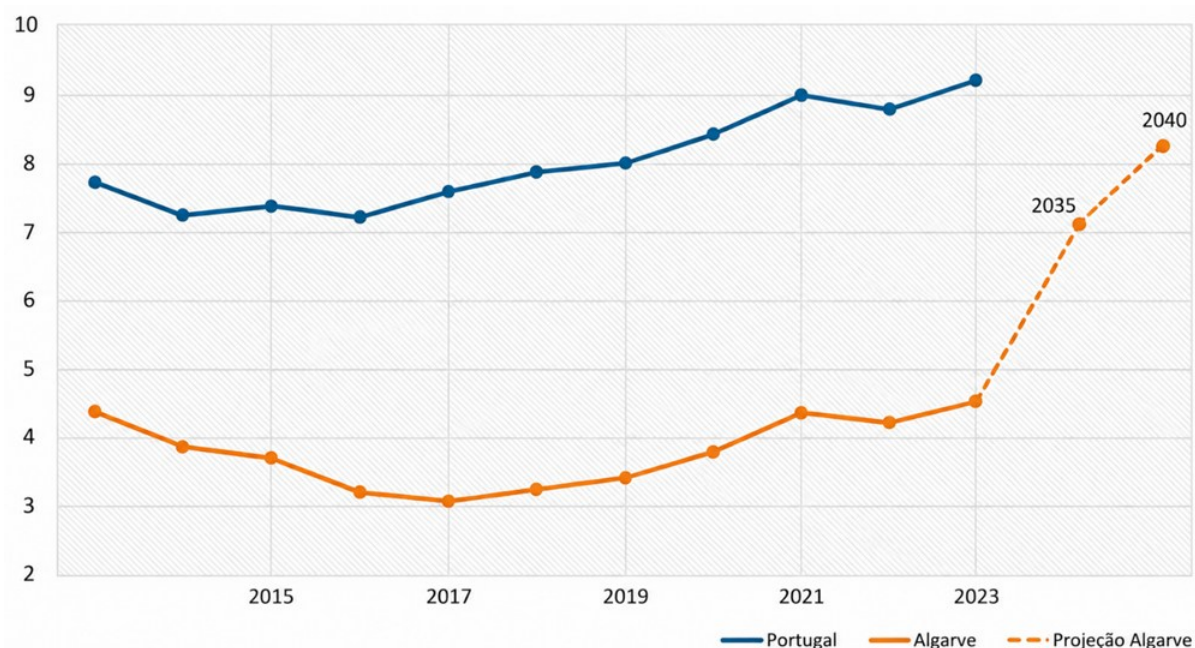


**Figura 43: Projeção de diplomados nas IES por mil habitantes até 2030 (Cenário 2 - Investimento)**

O Algarve tem mantido, ao longo do período observado (Figura 43 – Cenário 1), um salário médio mensal inferior à média nacional, apesar da trajetória de crescimento registada desde 2013. Em 2023, o diferencial face ao país permanece significativo, refletindo a estrutura económica regional, ainda fortemente marcada por setores de menor intensidade tecnológica e menor valorização salarial.

No Cenário 2 associado ao maior investimento em infraestruturas de ensino superior, e reforço da capacidade formativa da Universidade do Algarve, com a criação de novas estações, polos, campi e Hub de interação com estruturas empresariais da região para ensino e investigação, incluindo o *Campus* do Barlavento (Município Portimão, Vila do Bispo e Outros) e ao desenvolvimento do Campus Saúde (Associação de Municípios Faro -Loulé), projeta uma trajetória de convergência progressiva. A projeção aponta para um aumento do salário médio mensal no Algarve de cerca de 1 239 € em 2023 para 1 450 € em 2035 e 1 650 € em 2040. Esta evolução pressupõe que o aumento da qualificação superior na região de forma descentralizada se traduza numa maior presença de emprego qualificado, maior produtividade e maior capacidade de retenção de talento na região (Figura 44).

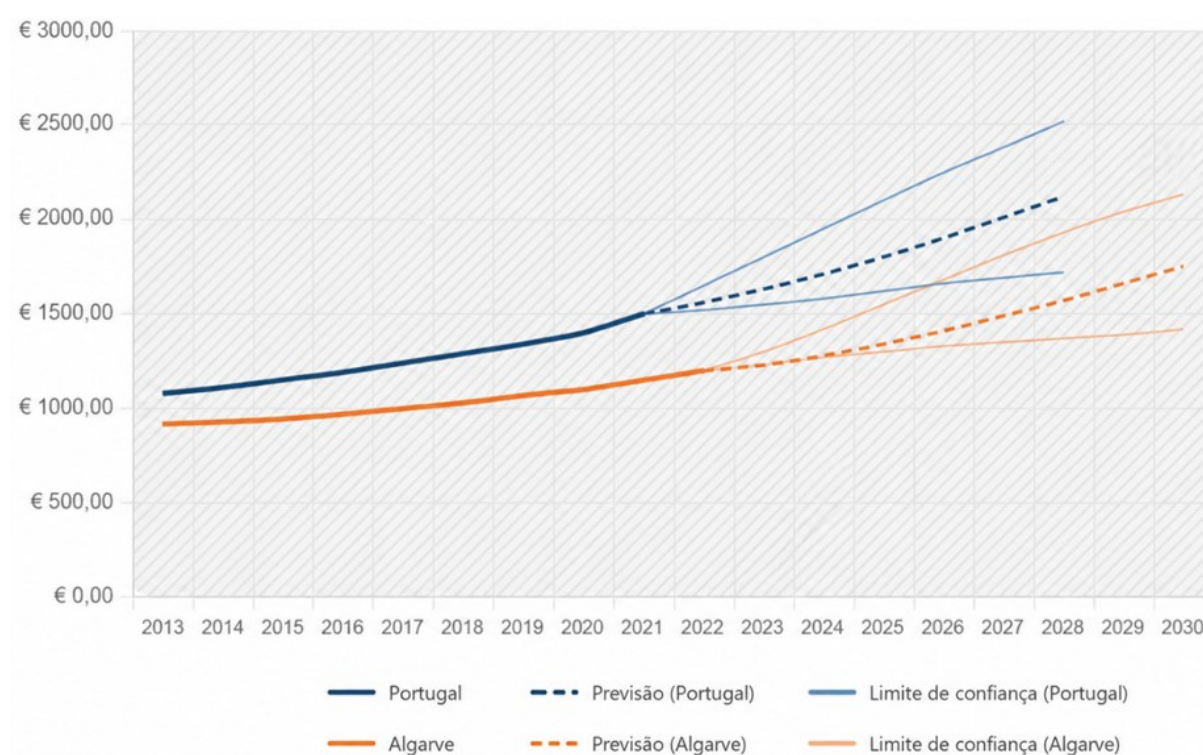


**Figura 43: Projeção de ganho médio mensal em Euros até 2030 (Cenário 1- Manutenção)**

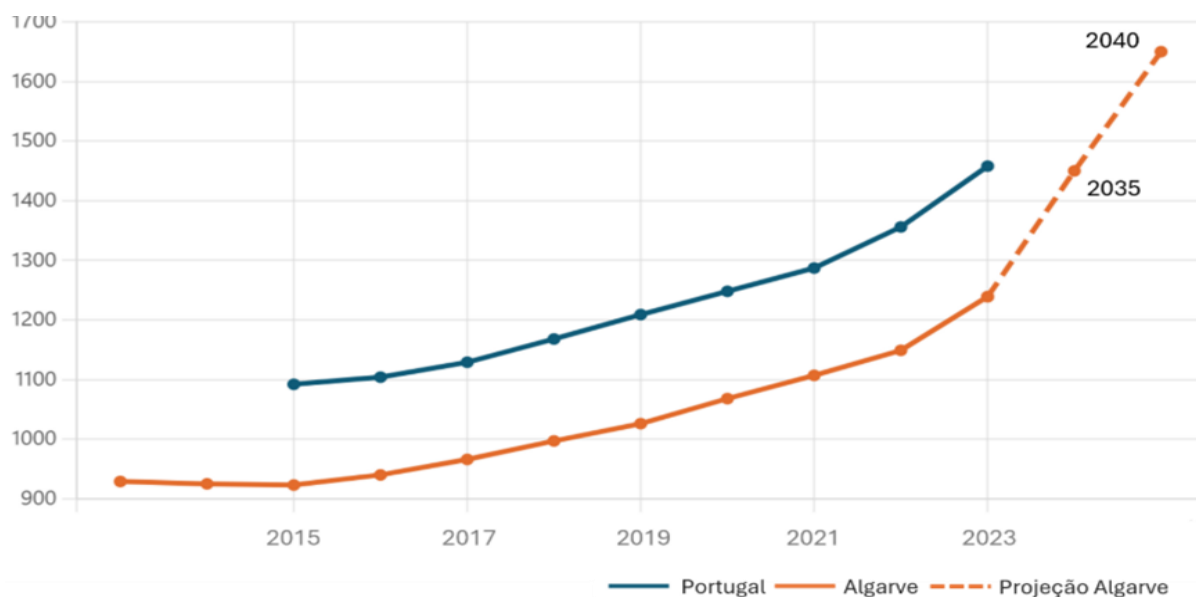


**Figura 44: Projeção de ganho medio mensal em Euros até 2030/40 (Cenário 2- Investimento)**

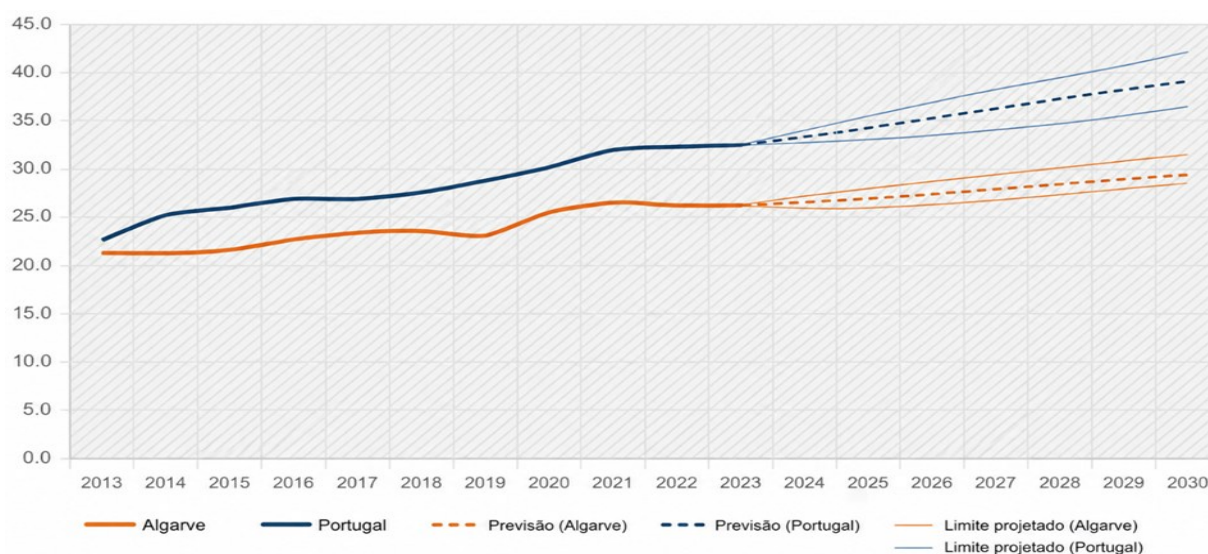


**Figura 45: Projeção da Taxa de empregados com formação superior até 2030 (Cenário 1- Manutenção)**

A proporção de empregados com formação superior no Algarve tem aumentado ao longo da última década, embora permaneça abaixo da média nacional. Esta diferença revela uma fragilidade estrutural do mercado de trabalho regional: a economia algarvia ainda absorve proporcionalmente menos trabalhadores qualificados do que o conjunto do país. O Cenário 1, mostra que a tendência, sem uma política adequada se manterá até 2030 (Figura 45).

No Cenário 2, a expansão da Universidade do Algarve e a criação de novos polos de ensino superior onde a inovação pedagógica e a investigação aplicada interagem de forma próxima, poderão contribuir para aumentar a disponibilidade de capital humano qualificado e reforçar a

ligação entre formação superior, empresas e serviços públicos regionais. A projeção sugere que a taxa de empregados com formação superior no Algarve poderá evoluir de cerca de 26,2% em 2023 para 30,0% em 2035 e 32,5% em 2040, aproximando-se progressivamente da média nacional observada atualmente. Esta evolução dependerá, contudo, da capacidade da região e dos seus investimentos na criação emprego compatível com os técnicos profissionais e os recursos humanos altamente qualificados que absorvam o projetado aumento de empregados com formação superior pela UAlg (Figura 46). No entanto, a ausência de projeção a nível nacional realiza-se com base na expectativa de manutenção, uma vez que as % de formação e qualificação já estão em média próximas da Europa.

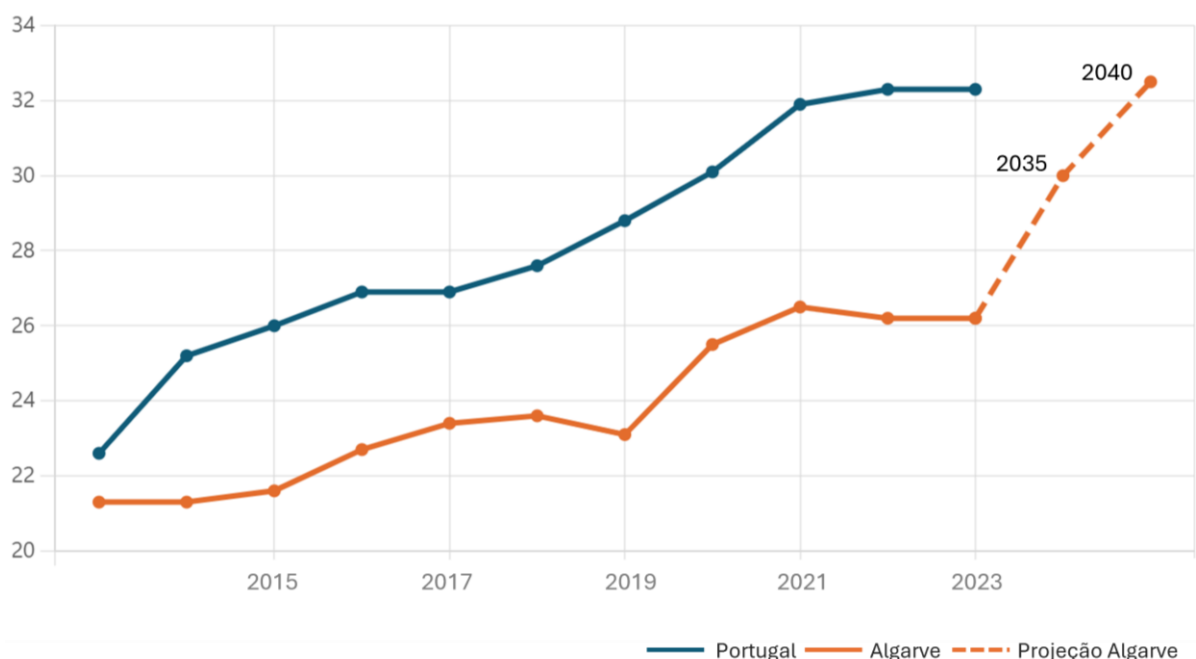


**Figura 46: Projeção da Taxa de empregados com formação superior (Cenário 2- Investimento)**

O investimento expresso em despesa em Investigação & Desenvolvimento (I&D) do PIB da região algarvia (0.49) está cronicamente abaixo dos valores nacionais (1.73) e europeus (2,249) (Quadro comparativo Indicadores I&D no Algarve, Portugal e EUROPA: ano de 2024 - pág. 50 do presente relatório) e muito longe da meta do governo de 3% do PIB em I&D em 2030. Existe, no entanto, uma relação consistente a nível nacional entre o número de diplomados e a despesa em I&D (Figura 47), mas que não se reflete nos dados do algarve (lado esquerdo do gráfico). Tal associa-se fortemente ao reduzido número de diplomados por 1000 mil habitantes na região e aos reduzidos valores de despesa em I&D.

A crescimento do VAB das empresas não financeiras per capita, um dos principais indicadores da riqueza gerada por uma região, também mostra que a região continua abaixo da média nacional. Esta diferença traduz limitações estruturais em termos de produtividade, diversificação económica e peso relativo de atividades de maior valor acrescentado. No Cenário 2, o reforço da qualificação superior, a expansão da UAlg e a maior articulação entre universidade, empresas e território poderão contribuir para elevar a produtividade regional. A projeção aponta para uma evolução do VAB das empresas não financeiras per capita do Algarve

de cerca de 10,4 em 2023 para 13,0 em 2035 e 15,0 em 2040. Esta trajetória representa um cenário de convergência gradual com o resto do país, assente na intensificação da qualificação, na inovação aplicada, na diversificação da base económica e na maior capacidade de gerar valor acrescentado a partir dos recursos regionais.

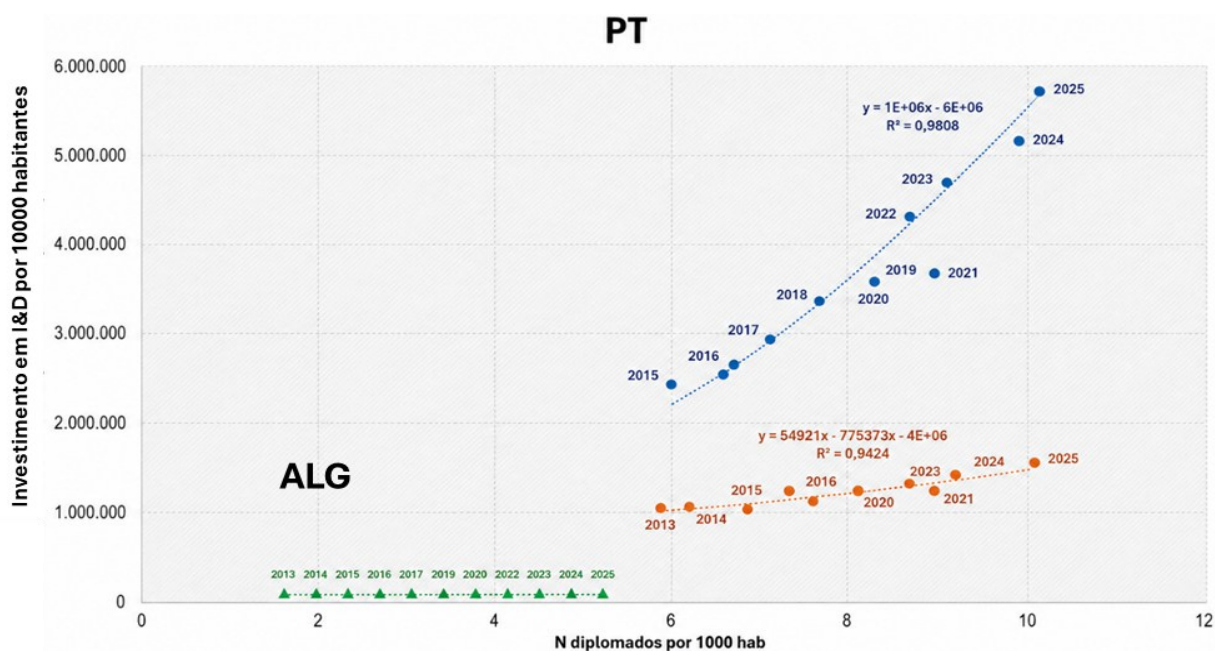


Figura 47: Relação polinomial entre o investimento em I&D total (Público e Privado) e em I&D IES (Instituições de ensino Superior) e diplomados por 1000 habitantes (Algarve- ALG lado esquerdo inferior verde; Portugal - PT lado direito azul total e laranja IES)

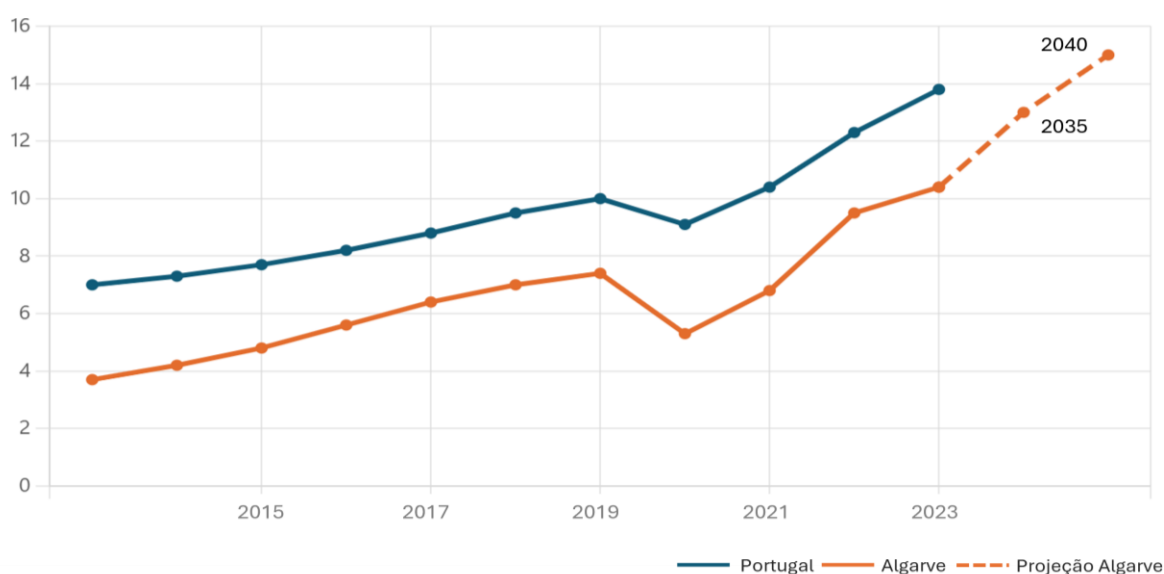


Figura 48: Previsão da evolução do VAB das Empresas Não Financeiras por habitante até 2030/40 (1000€/hab).

## Caminhos Futuros para Resiliência e Sustentabilidade com base no Diagnóstico Economia, Qualificação e Ensino Superior

O diagnóstico económico, social e demográfico do Algarve realizado nas secções anteriores revela uma região marcada por um paradoxo estrutural que está no centro da fundamentação dos investimentos da Universidade do Algarve. Ao longo da última década, a região demonstrou dinamismo empresarial, capacidade de atração populacional e forte vitalidade económica em períodos de expansão, mas esse desempenho assenta ainda numa base produtiva excessivamente dependente do turismo, dos serviços associados e de atividades de menor intensidade tecnológica. O resultado é uma economia regional simultaneamente dinâmica e vulnerável: cria empresas, atrai população e gera procura, mas continua limitada na capacidade de produzir valor acrescentado, reter talento qualificado, diversificar setores de atividade e consolidar uma base científica e tecnológica robusta.

Apesar dos progressos registados através do CRIA-Divisão de Empreendedorismo da UAlg e do ecossistema UALG TEC (UALG TEC START, UALG TEC CAMPUS, UALG TEC HEALTH, UALG TEC MED e Celerator no AIA - Autódromo Internacional de Portimão), ou dos 4 laboratórios colaborativos da região, com a participação da UAlg, CoLAB nas áreas da biotecnologia das Algas, Turismo, Aquacultura e Envelhecimento ativo (GREEN, KIPT, S2AQUA, ABC Ageing better) a cooperação entre o ensino superior, as empresas e a sociedade ainda não atingiu a intensidade necessária para maximizar a coprodução de conhecimento, a retenção de talento e a criação de emprego qualificado na região.

Esta leitura é particularmente evidente quando se observa a estrutura económica regional. O Algarve apresenta uma intensidade empresarial superior à média nacional e uma densidade empresarial crescente, mas o seu tecido produtivo é fortemente dominado por microempresas, com reduzida presença de médias e grandes empresas e com fraca expressão da indústria transformadora. A estrutura do valor acrescentado regional confirma a concentração em setores como alojamento e restauração, comércio, construção e serviços administrativos de apoio, enquanto as atividades de informação e comunicação, consultoria, ciência, tecnologia e indústria mantêm um peso inferior ao desejável. Esta composição limita a produtividade média da economia regional e ajuda a explicar a persistência de salários mais baixos, menor qualificação do emprego e menor capacidade de absorção de diplomados.

A crise pandémica tornou visível, de forma particularmente clara, a fragilidade deste modelo. Antes de 2020, o Algarve tinha conseguido alcançar níveis de PIB *per capita* superiores à média

nacional, beneficiando da forte expansão turística. No entanto, a quebra registada durante a pandemia foi muito mais acentuada do que no conjunto do país, demonstrando que a convergência observada era vulnerável e dependente de um setor fortemente exposto à mobilidade internacional e a choques externos. Esta realidade confirma que o problema central da região não é a ausência de dinamismo, mas a insuficiente diversificação da base económica e a limitada presença de setores intensivos em conhecimento, ciência, tecnologia e inovação.

A dimensão do capital humano reforça esta conclusão. O Algarve continua a apresentar um n.º diplomados por mil habitante claramente inferior à média nacional, cerca de metade a nível dos licenciados e com diferenças especialmente expressivas nos níveis de mestrado e doutoramento. A região tem também uma menor proporção de trabalhadores com formação superior e revela dificuldade em reter quadros qualificados, em grande medida porque a estrutura produtiva regional não oferece oportunidades suficientes em setores de maior valor acrescentado. Esta combinação alimenta um ciclo de baixa qualificação, baixos salários relativos e menor capacidade de inovação empresarial, dificultando a convergência do Algarve com os padrões nacionais e europeus de competitividade. A manutenção desta situação corresponde ao Cenário 1 (acima).

O desenvolvimento económico do Algarve não pode ser dissociado das questões de ordenamento do território, ambiente e gestão sustentável dos recursos naturais, devendo estas dimensões ser analisadas de forma articulada. A região atravessa atualmente um período particularmente relevante, marcado pela revisão de instrumentos estratégicos de planeamento territorial, designadamente o Plano Regional de Ordenamento do Território do Algarve (PROT Algarve) e diversos Planos Diretores Municipais (PDM). Neste contexto, torna-se fundamental avaliar de que forma as opções de ordenamento podem contribuir para a competitividade regional, a coesão territorial e a sustentabilidade de longo prazo.

A crescente pressão sobre o território, decorrente da expansão urbana, do desenvolvimento turístico, da procura habitacional, das atividades económicas emergentes e das exigências da transição energética, tem vindo a acentuar potenciais conflitos de uso do solo. Estes desafios colocam questões relevantes no que diz respeito à preservação dos recursos naturais, à proteção dos ecossistemas e à salvaguarda dos solos, particularmente num contexto de alterações climáticas, escassez hídrica e crescente necessidade de reforço da segurança alimentar.

Paralelamente, a segurança alimentar deverá assumir crescente relevância nas estratégias de desenvolvimento territorial da região. Num contexto internacional marcado pelas alterações climáticas, instabilidade geopolítica e pressão sobre os sistemas alimentares globais, o Algarve dispõe de condições únicas para se afirmar como um território de referência na produção sustentável de alimentos terrestres e marinhos. A proteção dos solos agrícolas de elevado valor produtivo e a salvaguarda dos ecossistemas costeiros devem ser entendidas como componentes de uma estratégia integrada de soberania e resiliência alimentar regional.

Neste âmbito, importa promover uma visão articulada entre áreas terrestres e marinhas, defendendo zonas de proteção alimentar integrada que assegurem simultaneamente a conservação dos recursos agrícolas, estuarinos e costeiros. A faixa costeira Algarvia, a Ria

Formosa e os ecossistemas associados constituem ativos estratégicos para a produção alimentar sustentável, exigindo modelos de gestão que conciliem conservação da natureza, valorização económica e inovação tecnológica.

O Algarve reúne igualmente condições para se posicionar como um laboratório europeu de desenvolvimento dos chamados *superalimentos azuis* (*blue foods*), nomeadamente através da valorização de recursos marinhos de baixo nível trófico, caracterizados por elevada eficiência ecológica e reduzida pegada carbónica. Entre estes, destacam-se os bivalves produzidos em aquacultura não alimentada artificialmente, como mexilhões, ostras e amêijoas, cuja produção contribui simultaneamente para a criação de valor económico, a melhoria da qualidade da água e o fortalecimento da segurança alimentar. Esta visão encontra-se alinhada com o conhecimento científico produzido pela Universidade do Algarve e com iniciativas de sensibilização para sistemas alimentares sustentáveis, como a campanha "O Futuro Começa no Prato", que evidencia a importância das escolhas alimentares azuis e verdes na promoção da saúde humana, da sustentabilidade ambiental e da resiliência dos territórios. Neste contexto, a valorização da economia azul, da biotecnologia marinha, da aquacultura sustentável e da inovação alimentar deverá ser entendida como uma das oportunidades estratégicas para diversificar a economia regional, reforçar a capacidade de inovação e gerar emprego qualificado associado ao conhecimento.

### Justificação para o reforço das infraestruturas de apoio ao desenvolvimento do ensino superior no Algarve bem como atividades de Investigação e Inovação (I&I)

A Universidade do Algarve, pela sua localização geográfica estratégica, associada a uma das mais extensas zonas costeiras portuguesas, pela integração na Aliança Europeia SEA-EU, pela proximidade a África e pela sua singularidade no contexto nacional enquanto instituição que integra, em plena paridade, os subsistemas universitário e politécnico, bem como pela articulação consolidada com municípios, empresas, entidades da Administração Pública, instituições do setor social e demais agentes regionais, reúne condições ímpares para impulsionar a investigação científica, a inovação aplicada e a valorização do conhecimento no Algarve. Este diagnóstico estratégico, realizado no âmbito do Programa Estratégico UAlg Horizonte 2030, identifica constrangimentos estruturais relacionados com a competitividade regional, a excessiva especialização, os baixos níveis salariais, e a reduzida capacidade de retenção da qualificação produzida na região.

Neste contexto, o reforço do investimento do Estado na Universidade do Algarve constitui um instrumento determinante para aumentar a massa crítica qualificada, promover a qualificação e requalificação de recursos humanos, potenciar a formação ao longo da vida, melhorar a empregabilidade qualificada, atrair e reter talento, desenvolver Recursos Humanos Altamente Qualificados (RHAQ) e estimular a coprodução, transferência e valorização do conhecimento. Simultaneamente, contribuirá para a modernização dos setores económicos, a diversificação da base produtiva regional, a inovação social, cultural, ambiental e económica, o desenvolvimento de soluções com maior maturidade tecnológica e o reforço da resiliência territorial, afirmando o ensino superior, a investigação e a inovação como motores centrais da transformação sustentável e da convergência económica e social do Algarve com o restante território nacional.

A necessidade de reforço do financiamento é igualmente sustentada pelo facto de o Algarve estar classificado, no período 2021-2027, como região de transição para efeitos de elegibilidade ao FEDER e ao FSE+, ao contrário das regiões Norte, Centro, Alentejo e Regiões Autónomas, que beneficiam do estatuto de regiões menos desenvolvidas. Esta classificação tem consequências práticas relevantes, uma vez que as regiões de transição, definidas pela política de coesão europeia como regiões com PIB per capita entre 75% e 100% da média da UE, estão sujeitas a patamares de cofinanciamento inferiores aos das regiões menos desenvolvidas. A Comissão Europeia identifica, para 2021-2027, taxas de cofinanciamento de 60% ou 70% para regiões de transição, enquanto as regiões menos desenvolvidas podem atingir 85%. Este enquadramento cria um problema objetivo para o Algarve. A região não beneficia dos níveis máximos de apoio disponíveis para territórios menos desenvolvidos, mas continua a enfrentar fragilidades estruturais profundas em matéria de qualificação, inovação, diversificação produtiva, intensidade tecnológica, salários e resiliência económica. O estatuto de região de transição acaba por refletir parcialmente o desempenho agregado do turismo, mas não capta suficientemente as vulnerabilidades estruturais que o presente relatório de diagnóstico evidencia. A riqueza gerada durante os ciclos mais favoráveis da atividade turística, que permite ao Algarve contribuir com cerca de 5% do PIB nacional, não se tem refletido de forma proporcional no reforço da capacidade científica instalada, na diversificação da base económica, na valorização salarial, na criação de emprego qualificado ou na robustez do tecido empresarial.

A manutenção da trajetória atual do Ensino Superior no Algarve (Cenário 1) tenderá a perpetuar um padrão de crescimento assente em setores tradicionais, caracterizado por reduzida diversificação económica, baixos níveis de qualificação da população e limitada capacidade de investigação e inovação. O reduzido investimento público e privado no ensino superior resulta numa fraca retenção de talento e numa reduzida criação de emprego qualificado. Como consequência, a produtividade e a competitividade regional evoluem lentamente, mantendo-se dependências estruturais e vulnerabilidades económicas.

É por isso que o reforço dos investimentos da Universidade do Algarve não é um benefício excecional, mas, sim, uma medida de coesão territorial. A região tem necessidades estruturais que justificam investimento público reforçado, mas dispõe de taxas de apoio mais limitadas por força da sua classificação estatística. Esta circunstância coloca a Universidade e os parceiros regionais perante uma exigência financeira acrescida precisamente nas áreas em que o investimento é mais necessário: ciência, ensino superior, tecnologia, inovação, digitalização, saúde, economia azul e coesão territorial. O apoio dos municípios algarvios é expresso a vários níveis, como no Protocolo de Cooperação Regional para a Resiliência do Algarve assinado em Maio de 2026, ou dos acordos específicos já com variadíssimos municípios, desde Vila do Bispo, a Castro Marim, e com participação financeira. Neste sentido, os investimentos da Universidade do Algarve estão plenamente alinhados com os objetivos do XXV Governo constitucional de Portugal, já refletidos na nova Agência de Investigação e Inovação (AI<sup>2</sup>), para a convergência para as metas europeias a nível do investimento público e privado (3% em I&D). É também claro o alinhamento com a estratégia de especialização inteligente nacional (ENEI 2030) e do Algarve, EREI e Algarve 2030, pois ao reforçarem a qualificação, a inovação, a conectividade digital, a investigação, a valorização dos recursos endógenos e a coesão territorial, estas propostas respondem diretamente às prioridades públicas definidas para a região. Mais do que

isso, respondem aos bloqueios concretos identificados no diagnóstico: baixa diversificação produtiva, fraca intensidade tecnológica, défice de capital humano avançado, dificuldade de retenção de talento, baixa produtividade relativa e elevada vulnerabilidade a choques externos.

Paralelamente, os investimentos associados aos projetos em desenvolvimento (cf. infra) permitirão reforçar a inovação pedagógica, promovendo metodologias de aprendizagem ativa, experiências formativas assentes em problemas reais e uma maior articulação entre a formação académica e o território algarvio. Os estudantes poderão desenvolver projetos em contexto autêntico, desde a gestão de recursos hídricos e costeiros, à sustentabilidade turística, à saúde, à transformação digital e à economia azul.

Igualmente importante será o reforço da colaboração com empresas, autarquias, hospitais, escolas, associações e outras entidades não académicas, através da formulação conjunta de questões de investigação aplicadas e desafios concretos que mobilizem equipas multidisciplinares de estudantes, docentes e investigadores. Esta abordagem permitirá uma ligação mais estreita entre ensino, investigação e inovação, potenciando soluções para problemas reais do Algarve e contribuindo para a criação de valor económico, social e ambiental na região.

A concretização do Cenário 2 – Mais Investimento em Qualificação e I&I no Algarve depende, em larga medida, do reforço do financiamento destas iniciativas. Tal permitirá potenciar o desenvolvimento regional, reforçar a competitividade do Algarve e afirmar a Universidade do Algarve como uma instituição de referência na produção e coprodução de conhecimento com impacto na sociedade, no território e no ambiente, bem como no contexto internacional. Neste âmbito, apresentam-se de seguida exemplos de projetos em curso, previstos ou em fase de conclusão:

1. ALGARVE 2030 FEDER-02754800, Infraestruturas de educação e formação na região algarvia e à distância, (UALg)<sup>3</sup> Edifício Digital; Edifício TecMed – Dieta mediterrânica e Saúde planetária (Ed. transdisciplinar), Campus de Barlavento Edifício 1PTM Camara Municipal de Portimão;
2. PRR HUB Azul 07/C10-i01/2022, Infraestruturas de Inovação e de formação avançada em consórcio: Câmara Municipal de Olhão, UAlg, IPMA, DOCAPESCA, S2AQUA;
3. PRR 2021/2026- 01/PRR/2021 – Programas “Impulso Jovens STEAM” e “Impulso Adultos” Fostering Steam at South FOSTEAM@SOUTH”, Infraestruturas ensino superior, investigação e formação avançada em consórcio: UAlg, Câmara Municipal de Vila do Bispo, DOCAPESCA, Estação Marinha de Sagres;
4. MAR2030-2026-18 intervenção FSO3.1-02-01 - Promoção da economia azul sustentável nas regiões costeiras, e fomento do desenvolvimento das comunidades piscatórias e de aquicultura no âmbito do GAL Costeiro do Barlavento do Algarve, Projeto âncora - Mar Sagres – Centro de Conhecimento do Mar para o Crescimento Azul e Exploração Sustentável da Biodiversidade Marinha, Vila do Bispo;
5. Portugal 2030 –a definir – nomeadamente áreas dos recursos endógenos como Cortiça, Alfarroba, entre outros- São Brás de Alportel, Dieta Planetária e Dieta mediterrânica - Tavira

6. CAMPUS da Saúde -Novas infraestruturas de ensino e investigação da Faculdade de Medicina e Ciências Biomédicas e Escola superior de Saúde e outras áreas da saúde como ciências farmacêuticas - Parque das Cidades, associação de Municípios Faro/Loulé em proximidade com o Hospital Central Universitário do Algarve com desenvolvimento de infraestruturas de ensino sustentáveis na área da saúde;
7. Algarve 2030 FEDER RSO4.7 Alojamento para todos os tipos de estudantes do ensino superior UAlg, Alojamento para estudantes do ensino superior algarvio - UAlg Olhão (Estudantes bolseiros nacionais deslocados, estudantes internacionais de todas as tipologias, incluindo doutorandos)
8. PNAES - PRR residências, Alojamento Estudantil a Custos Acessíveis, Residência Universitária Penha, unidade/cama, Residência Universitária da Penha
9. PRR Impulsos- Jovem e Adulto e PADRE, Infraestruturas ensino superior, investigação e formação avançada em consórcio: UAlg, ICNF, Comissão de Gestão do Sapal de Castro Marim e VRSA, Espaços Criativos Guadiana, Estação Marinha de Castro Marim VRSA +Residência Criativa Guadiana
10. Reforço do contrato programa UAlg-MECI para os mestrados de ensino e ações de formação docente

O Algarve continua a registar das mais baixas taxas de conclusão do ensino secundário do país, quer nos Cursos Científico-Humanísticos, quer no Ensino Profissional, realidade que se cruza com a escassez de professores particularmente sentida na região. Neste contexto, a Universidade do Algarve dispõe de competências científicas e pedagógicas para reforçar a formação inicial de docentes, alinhando-se com o esforço que o Ministério da Educação, Ciência e Inovação, através da DGES, tem vindo a apoiar por via de contratos-programa direcionados para licenciaturas e mestrados em ensino (cf. Anexo I desse contrato-programa). Demonstrando o seu compromisso com este desígnio nacional e regional, a Universidade alargou recentemente a sua oferta formativa para o 3.º ciclo do ensino básico e ensino secundário, tendo estas novas formações registado uma procura muito encorajadora, com 33 estudantes colocados para 44 vagas disponíveis. Considera-se, por isso, oportuno propor um aditamento do contrato-programa em vigor, abrangendo estes novos ciclos de estudos, bem como outras formações que venham a revelar-se estratégicas para responder às necessidades identificadas nos grupos de recrutamento referidos no Anexo II do contrato-programa. O reforço deste apoio permitirá potenciar a capacidade da Universidade do Algarve para contribuir de forma efetiva para a mitigação da carência de docentes na região e no país.

O investimento em infraestruturas de ensino superior, investigação e inovação do Algarve, permitirá o aumento sustentado de graduados, quer em CTeSP/licenciaturas de orientação profissional, e também mestrados e doutoramentos, com impacto real nas atividades de I&D e diversificação das atividades económicas da região.

### Impacto Estratégico Esperado

Conclui-se, portanto, que o reforço do cofinanciamento público dos investimentos da Universidade do Algarve constitui uma opção estratégica de elevada racionalidade económica e territorial. O diagnóstico demonstra que a região precisa de diversificar a sua economia,

aumentar a produtividade, reter talento, reforçar a ciência aplicada, modernizar as empresas e preparar-se para as alterações digitais, climáticas e demográficas. Os investimentos propostos pela UAlg respondem exatamente a essas necessidades. Numa região que é formalmente de transição (*phasing out*), mas que mantém vulnerabilidades estruturais profundas, reforçar o cofinanciamento destes projetos não é apenas apoiar uma universidade; é investir na principal alavanca regional de conhecimento, inovação e convergência sustentável do Algarve.

## Abordagem Metodológica -Resumo

### 1. Enquadramento Metodológico

A presente investigação adota como referência central a abordagem da La Prospective Stratégique, desenvolvida por Michel Godet (2000), amplamente utilizada em exercícios de antecipação territorial e de apoio à decisão estratégica. Esta metodologia assenta no pressuposto fundamental de que o objetivo da análise prospetiva não é prever o futuro de forma determinística, mas sim explorar futuros possíveis e orientar a ação no presente, através da identificação de dinâmicas estruturais, incertezas críticas e opções estratégicas.

No contexto do presente estudo, esta abordagem revela-se particularmente adequada para analisar a transformação económica do Algarve, dada a natureza complexa, interdependente e evolutiva dos sistemas territoriais. A utilização de metodologias sistémicas baseadas em cenários permite identificar de forma robusta os fatores críticos de mudança e as trajetórias de desenvolvimento alternativas, colocando o ensino superior como variável estruturante do processo de transformação económica.

Assim, o presente modelo metodológico visa responder à seguinte questão de investigação:

De que forma o aumento da frequência de ensino superior no Algarve influencia, de forma estrutural, os indicadores económicos, empresariais e de inovação da região?

### 2. Modelo Conceptual e Lógica Sistémica

A metodologia adotada parte de uma visão do território como um ecossistema regional interdependente, no qual múltiplas dimensões — capital humano, estrutura empresarial, inovação, investimento e especialização setorial — interagem de forma dinâmica.

No caso do Algarve, o diagnóstico estrutural evidencia uma economia caracterizada por:

- › forte especialização no turismo e serviços;
- › predominância de microempresas (cerca de 97% do tecido empresarial);
- › reduzido peso das atividades intensivas em conhecimento;
- › níveis de qualificação da população e dos empregadores inferiores à média nacional.

Esta configuração implica a existência de um conjunto de bloqueios estruturais, nomeadamente:

- › baixa produtividade média;

- › menor capacidade de inovação empresarial;
- › fraca diversificação económica;
- › vulnerabilidade a choques externos.

Neste contexto, o ensino superior assume o papel de variável estruturante do sistema, funcionando como elemento catalisador de transformação através de múltiplos canais:

- › qualificação do capital humano;
- › reforço da capacidade de absorção tecnológica das empresas;
- › promoção da inovação e I&D;
- › diversificação da atividade económica;
- › aumento dos salários médios.

### 3. Etapas da Metodologia Prospetiva

A aplicação da metodologia de Michel Godet desenvolve-se em cinco etapas principais, adaptadas ao contexto do Algarve.

#### 3.1 Delimitação do Sistema de Análise

O sistema em estudo corresponde ao ecossistema socioeconómico do Algarve, integrando:

- › instituições de ensino superior (com destaque para a Universidade do Algarve);
- › tecido empresarial regional;
- › mercado de trabalho;
- › sistema de inovação e I&D;
- › estrutura produtiva e setorial.

Esta delimitação permite assegurar uma abordagem integrada e coerente no qual a interdependência entre os diferentes subsistemas é considerada determinante para a evolução do território.

#### 3.2 Identificação das Variáveis Estruturantes (Análise Estrutural)

A análise estrutural do sistema é realizada através da identificação de variáveis-chave, organizadas em três categorias:

##### a) Variáveis estruturantes (drivers)

- › frequência de ensino superior;
- › número de diplomados (licenciatura, mestrado, doutoramento);
- › qualificação dos empregadores e gestores;
- › investimento em I&D;

##### b) Variáveis dependentes

- › salário médio e poder de compra;
- › VAB per capita e produtividade;

- › Residentes com ensino superior
- › População a frequentar o Ensino Superior

A estruturação destas variáveis é realizada com base no método MICMAC, o que permite classificar os fatores segundo o seu nível de influência e de dependência, identificando as variáveis mais relevantes para a dinâmica do sistema.

### 3.3 Construção de Cenários Prospetivos de Referência (Tendencial) Cenário I

A construção de cenários constitui o núcleo central da metodologia de Godet, permitindo explorar diferentes trajetórias de evolução até 2035.

#### **Cenário 2 — Manutenção da trajetória atual do Ensino Superior no Algarve**

O Algarve mantém uma trajetória de crescimento assente em formação em setores tradicionais, com reduzida diversificação económica, baixos níveis de qualificação da população e limitada capacidade de investigação e inovação. A cooperação entre ensino superior, empresas e sociedade permanece pontual, resultando numa fraca retenção de talento e numa reduzida criação de emprego qualificado. Como consequência, a produtividade e a competitividade regional evoluem lentamente, mantendo-se dependências estruturais e vulnerabilidades económicas.

Em conformidade com os princípios da La Prospective Stratégique de Michel Godet (2000), foi construído um cenário de referência destinado a representar a trajetória expectável do sistema regional na ausência de alterações estruturais significativas ou de novas intervenções de política pública. Este cenário constitui a base de comparação para a avaliação dos efeitos potenciais do reforço da frequência do ensino superior e da qualificação avançada sobre o desenvolvimento económico do Algarve.

Para a sua elaboração, foram utilizados dados estatísticos oficiais disponibilizados pela Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC; Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência) e pelo Instituto Nacional de Estatística (INE; Portal INE - Tema 1112), agregados e disponibilizados através da plataforma PORDATA (PORDATA - Estatísticas, gráficos e indicadores). A análise incidiu sobre séries temporais compreendidas entre 2013 e 2024/2025, garantindo uma amplitude temporal suficiente para identificar tendências estruturais e padrões de evolução das variáveis em estudo.

A projeção das variáveis foi efetuada através do método de Suavização Exponencial (ETS – Error, Trend and Seasonality), amplamente utilizado em exercícios de previsão baseados em séries temporais (Hyndman & Athanasopoulos, 2021). A implementação foi realizada através das funções PREVISÃO.ETS e PREVISÃO.ETS.STAT do Microsoft Excel, seguindo os fundamentos metodológicos descritos por Hyndman, Athanasopoulos e colaboradores, permitindo estimar a evolução futura das variáveis com base no comportamento histórico observado.

As projeções incidiram sobre um conjunto de indicadores considerados determinantes para a compreensão das relações entre qualificação superior e desempenho económico regional, nomeadamente:

- › Número de diplomados do ensino superior;
- › Número de diplomados por 10 000 habitantes;
- › Ganho médio mensal;
- › Número de trabalhadores em setores das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC);
- › População empregada com ensino superior;
- › Taxa da população residente com ensino superior.

### 3.4 Formulação de Hipóteses Estratégicas

Com base na análise estrutural, são definidas as seguintes hipóteses de investigação:

1. O aumento da frequência de ensino superior conduz a uma melhoria significativa do salário médio regional;
2. O reforço da qualificação académica está positivamente associado à qualificação dos gestores e empregadores;
3. Existe uma relação positiva entre ensino superior e investimento de I&D empresarial;
4. O ensino superior contribui para a diversificação económica e crescimento de setores intensivos em conhecimento e com melhores salários;

#### **O Cenário 2 — Mais investimento na qualificação e investigação / Inovação Territorial**

O Algarve mantém uma trajetória de crescimento assente em formação em setores tradicionais, com reduzida diversificação económica, baixos níveis de qualificação da população e limitada capacidade de investigação e inovação. A cooperação entre ensino superior, empresas e sociedade permanece pontual, resultando numa fraca retenção de talento e numa reduzida criação de emprego qualificado. Como consequência, a produtividade e a competitividade regional evoluem lentamente, mantendo-se dependências estruturais e vulnerabilidades económicas.

### 4. Integração com Modelação Quantitativa – Cenário 2 - Mais investimento

Para complementar a análise prospetiva de projeção com base em mais investimento de infraestruturas de ensino superior e investigação, é integrada uma componente econométrica baseada em modelos do tipo GAM (*Generalized Additive Models*), permitindo testar empiricamente as relações entre as variáveis identificadas.

A escolha desta abordagem justifica-se pela sua capacidade de:

- › captar relações não lineares;
- › identificar efeitos de limiar (threshold effects);
- › considerar desfasamentos temporais entre causa e efeito;
- › modelar sistemas complexos com elevada heterogeneidade territorial.

O modelo permite estimar o impacto da frequência de ensino superior sobre variáveis como:

- › salário médio;
- › VAB per capita;
- › estrutura empresarial;
- › intensidade de I&D;
- › diversificação económica.

Esta integração entre prospetiva estratégica e modelação quantitativa constitui uma inovação metodológica relevante, permitindo articular visão estratégica com evidência empírica, reforçando a robustez das conclusões e o suporte à decisão pública.

## 5. Síntese Metodológica

Em síntese, a metodologia adotada combina:

- › análise sistémica do território;
- › identificação de variáveis estruturantes (MICMAC);
- › modelação econométrica;
- › construção de dois cenários prospetivos (Godet) (1- manutenção, 2- mais financiamento).

Esta abordagem integrada permite compreender não apenas os resultados económicos, mas sobretudo os mecanismos de transformação estrutural da economia regional, colocando o ensino superior como elemento central da estratégia de desenvolvimento do Algarve.

## Referências e Fontes dos Dados

AIMA (2024). Relatório de Migrações e Asilo 2023. Lisboa: Agência para a Integração, Migrações e Asilo, I.P. Disponível em: <https://aima.gov.pt/media/pages/documents/a109224112-1726562672/rma-2023.pdf>

AIMA (2025). Relatório de Migrações e Asilo 2024. Lisboa: Agência para a Integração, Migrações e Asilo, I.P. Disponível em: <https://aima.gov.pt/media/pages/documents/fec4d6a712-1760603125/relatorio-migracoes-e-asilo-2024.pdf>

Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) Produção Científica Portuguesa, 2015-2024: Indicadores por região - NUTS II Autor Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) | Direção de Serviços de Estatísticas da Ciência e Tecnologia e da Sociedade de Informação (DSECTSI - <https://www.dgeec.medu.pt/art/ciencia-e-tecnologia/estatisticas/producao-cientifica/654384aca3255b66ded5560c#artigo-69e899b6535cf1ea01a9e8b6>

FIGUEIREDO, Hugo; SÁ, Carla; FLORES, Isabel; ARAÚJO, Miguel; TAVARES, Orlanda; SILVA, Pedro Luís (2026). Balanço Anual da Educação 2026. Porto: Fundação Belmiro de Azevedo, EDULOG. ISBN 978-989-36978-0-1.  
<https://edulog.pt/storage/app/uploads/public/6a2/4df/f07/6a24dff07396e873509071.pdf>

GODET, M. (1991). De l'anticipation à l'action. Paris: Dunod.

GODET, M. (1994). From Anticipation to Action: A Handbook of Strategic Prospective. Paris: UNESCO.

GODET, M. (2000). Manuel de prospective stratégique (Vol. 1 e 2). Paris: CNAM.

HYNDMAN, R.J., & ATHANASOPOULOS, G. (2021) Forecasting: principles and practice, 3rd edition (Tradução em português), OTexts: Melbourne, Australia. Disponível em: Previsão: Princípios e prática (3ª ed).

INE (2022). Censos 2021 Resultados Definitivos - Portugal. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P. Disponível em: [https://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=585793364&att\\_display=n&att\\_download=y](https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=585793364&att_display=n&att_download=y)

PLANAPP – Centro de Planeamento e de Avaliação de Políticas Pública (2024) Evolução dos salários por nível de ensino em Portugal: dinâmicas recentes Autoria PLANAPP – <https://www.planapp.gov.pt/wp-content/uploads/2024/11/PLANAPP-NA-EvolucaoSalarios.pdf>

SEF/GEFP (2014). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2013. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: [https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2013.pdf](https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2013.pdf)

SEF/GEFP (2015). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2014. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: [https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa\\_2014.pdf](https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2014.pdf)

SEF/GEFP (2016). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2015. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2015.pdf>

SEF/GEFP (2017). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2016. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2016.pdf>

SEF/GEFP (2018). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2017. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2017.pdf>

SEF/GEFP (2019). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2018. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2018.pdf>

SEF/GEFP (2020). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2019. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>

SEF/GEFP (2021). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2020. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2020.pdf>

SEF/GEFP (2022). Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo 2021. Lisboa: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras – Gabinete de Estudos, Planeamento e Formação. Disponível em: <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2021.pdf>

## DIAGNÓSTICO ENQUADRADO NO PLANO ESTRATÉGICO UALG HORIZONTE 2030 – REITORIA



[plano\\_estrategico\\_ualg-2026\\_2029-horizonte-2030\\_final\\_publ\\_24mar26.pdf](#)

### ÁRVORE ESTRATÉGICA UALG HORIZONTE 2030 (síntese)



**FCD 1**  
Sucesso e Inclusão Estudantil

**FCD 2**  
Qualidade Científica,  
Interdisciplinaridade e Impacto

**FCD 3**  
Captação e Diversificação  
de Financiamento

**FCD 4**  
Internacionalização  
e Atratividade

**FCD 5**  
Sustentabilidade Ambiental  
e Campi Saudáveis

**FCD 6**  
Governança  
e Processos Inteligentes

**FCD 7**  
Infraestruturas  
continuum regional

**OE 1**  
**ENSINO**  
Aumentar a satisfação dos  
estudantes e reduzir abandono

**OE 2**  
**INVESTIGAÇÃO CO-  
PRODUÇÃO E INOVAÇÃO**  
Consolidar a investigação  
como referência global

**OE 3**  
**GOVERNANÇA**  
Gestão participativa, eficiente  
e sustentável bem-estar organizacional

**OE 4**  
**COMUNIDADE**  
Intensificar impacto interno,  
regional e internacional

**FCD** Fator Crítico de Decisão

**OE** Objetivo Estratégico

## Visão 2030

UALg Horizonte 2030 – um guia institucional alinhado com metas nacionais, europeias e da ONU, afirmando-se na diversidade e reforçando a integração dos subsistemas politécnico e universitário, com massa crítica de excelência. A investigação fundamental e aplicada sustenta um ensino-aprendizagem inclusivo e inovador, orientado para problemas reais e desafios da sustentabilidade, valorizando competências interiores. Com maior transição do secundário algarvio

para a UAlg, aprendizagem ao longo da vida e atração de talento internacional, em 2030 haverá mais graduados e profissionais éticos, com vidas plenas e saudáveis. A UAlg contribuirá para diversificar a economia do Algarve através de inovação social e tecnologias sustentáveis, com abordagem transdisciplinar implementação num continuum regional, UAlg ajudará a promover uma região mais justa e respeitadora da saúde planetária.

*Agosto de 2026, com o suporte imprescindível  
da Faculdade de Economia (Agradecimento a  
Luís Coelho pela revisão final e a Pedro  
Pintassilgo, Jorge Miguel Lopo Gonçalves  
Andraz; José Manuel Sousa de São José;  
Marisa Cesário; Ana Rita Cruz; Carla Filipa  
Sequeira Valente Nogueira pela produção das  
seções 1-3)*

